

Jornal C.

e os jovens



M. B. TAMASSÍA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

M. B. TAMASSIA

JONAS C. e os jovens

PREFACIO

Eis uma obra subsequente ao “Toinzinho e o Anjo Galdino”, que constituiu o 1.º Livro de Leitura Instrutiva.

Este novo lançamento, “JONAS C. e os jovens”, portanto, vem a ser o 2.º Livro de Leitura da série Instrutiva e se destina àqueles que desejam um aprofundamento dos temas desenvolvidos naquela obra, bem como noutros, que julgo de interesse geral.

Quando estivemos com o amigo e confrade Divaldo Franco, no Lar Escola “Monteiro Lobato”, em Americana, levantamos, durante o lanche que nos serviram, algumas questões referentes ao ensino do Espiritismo para a infância e a juventude. Esse grande médium ponderou que ele também notava ser “escassa a literatura para a pré-juventude”, o que se devia ao fato de o Consolador ter estado empenhado na tarefa, primeiramente, de enxugar as lágrimas, segundo lhe dizia Joana de Ângelis, mas que estava na hora de se abrirem horizontes novos. E, na sua opinião, “em virtude do desenvolvimento tecnológico, que abriu as possibilidades da mente juvenil para entender problemas de maior transcendência, importava que avançássemos com esse progresso, atualizando as nossas conceituações e linguagem científica.”

E Divaldo Franco revelou toda a sua acuidade nesta frase: “Se não falarmos o idioma que os prepare para a luta contra o materialismo, eles levarão o conceito evangélico, mas não suportarão o sofisma materialista. Ficarão com a teoria dos bons sentimentos, mas sem o alicerce da experiência dos fatos. Então, está na hora de falarmos para eles de uma forma acessível, levando-os à reencarnação e até mesmo ao perispírito, enveredando pelas noções de biologia, mas com uma expressão genética em bases de campos bio-magnéticos até as próprias experiências ou efeitos de Kirlian” (Folha Espírita, Junho de 1977).

Esta obra não pôde abrir-se ainda tanto quanto seria desejável e reservamos tal abertura para o 3.º volume desta série. Tivemos de nos colocar, por imperativo didático, apenas um pouco além de “Toinzinho e o Anjo Galdino”, sem chegar aos complexos problemas do Espiritismo científico, filosófico e religioso.

O maior problema que se nos deparou, pois, para escrever este livro, foi o de contenção e limitação, a fim de que não o tomássemos indigesto.

Os assuntos mais difíceis são apenas sugeridos, mas não desenvolvidos amplamente.

Embora não pareça, os pontos principais da Doutrina de Kardec estão contidos nesta obra, se bem que em desordem, pois o jovem chega à pergunta naturalmente em conseqüência de uma circunstância qualquer, como um passeio ou a presença numa sessão espírita.

Os jovens, que figuram nos colóquios, existem e faziam parte de um grupo experimental, chamado intimamente “A Patota”, boníssimos, inteligentes e dedicados. Muitas das questões foram levantadas por eles mesmos, enquanto que outras foram feitas, também, por jovens, em conferências minhas e de outros conferencistas, a mim gentilmente transmitidas pelo amigo Richard Simonetti.

Esperamos, com ajuda dos amigos e do Alto, continuar este programa, com outros volumes, nos quais poderemos acentuar o aspecto científico do Espiritismo.

O Armagedon não virá. Já veio. Como ocorre com a esperada ressurreição dos corpos, dá-se, hoje, amanhã e sempre. No entanto, nessa luta sem trégua, há momentos críticos, em que os exércitos dos “evoluídos e dos involuídos” se alinham e se chocam numa batalha desesperada.

Eis a razão pela qual, como ocorre nas guerras materiais, temos de engajar os jovens e exercitá-los, na liça espiritual, pois que a juventude, hoje, é numericamente dona de todo o planeta Terra.

Campinas, em 10 de março de 1978

O AUTOR

Capítulo I AS RUÍNAS

Com que entusiasmo recebemos o convite do tio Armando para passar uma temporada de verão em Caragua-tatuba, aprazível cidade do litoral norte paulista.

A sua casa ficava de frente para o mar, numa enseada muito calma e rasa. Do alpendre, fechado por grande porta de vidro transparente, divisava-se a Ilha Relá, assemelhando-se a gigantesco anfíbio pré-histórico pousado delicadamente nas águas.

Não era hábito de meus pais veranearem sozinhos, daí que estivéssemos, naquela vivenda, na companhia de toda a nossa família, daqueles que simplesmente nos eram conhecidos e outros que, cada dia, iam chegando e aboletando-se nas camas, quartos, colchões e beliches.

Ao contrário do que ocorre em outros pontos litorâneos mais sofisticados, nunca estávamos parados bronzeando-nos ao sol, mas sim, vagabundeando por todas as belíssimas enseadas que enriquecem a orla marítima que vai de Caraguatatuba a Ubatuba, como a delicada Ta-batinga, a bucólica do Lázaro, a feiticeira

Lagoínha, a revolta Praia Brava e a freqüentadíssima Tenório.

No dia seguinte ao da nossa chegada, minha bela prima Pamele, que, intimamente, tratávamos por Pixoxa, veio adentrando o living acolhedor, trazendo a tira-colo um rapaz atlético esturricado pelo sol.

— Já, um? disse-lhe.

— Este é Denizard — apresentou-o com um olhar gaiato. Faz Engenharia em São José dos Campos e é campeão em várias modalidades de esporte. Ele quer fazer-lhes um convite.

— Se vocês quiserem, eu os levo amanhã a uma praia selvagem, pouco conhecida dos turistas, denominada Praia dos Vagalumes.

— Fica longe? indagou Dirce com aquela voz de mormaço, rouca e envolvente.

— Um pouco distante e de acesso difícil. Mas é por isso mesmo que poderemos fregar uns peixes de melhor qualidade.

— Eu topo, gritou Cris, estabanada.

— Eu também...

Todos, enfim, se sentiram alvoroçados. As meninas, talvez pela amostra atlética do Denizard e os jovens, pela aventura de uma pescaria marítima. Tudo daria certo, não fosse o poder ditatorial da Rainha-Mãe, Dona Genoca que, lá de dentro, com uma voz espremida gritou:

— Vão com quem? Sozinhos? Neres de pitibiriba. De modo algum. Tenho pavor do mar. Não vim passear aqui para morrer do coração.

— Ah! mãe, a senhora sempre do contra... resmungou Pixoxa.

— A não ser que levem alguém responsável, ninguém sairá daqui.

— Jonas C., aventou Pixoxa. Ele é maior, vacinado e eleitor.

Todos, novamente entusiasmados, aclamaram o nome de Jonas C.

— Vou, sim. Ora se vou — logo, aparecendo não se sabia de onde, aquela figura inconfundível, que quase sempre se constituía em segurança e alegria do grupo.

Andava lá por volta dos cinqüenta anos, mas parecia ter vivido muitas vidas, para saber tanta coisa. Tinha uma explicação para tudo que se lhe perguntasse. A única coisa que deixava sem resposta, era se pedíssemos a razão de chamar-se Jooias C., assim, um C com um ponto.

Ninguém sabia compreender as crianças e os jovens mais do que ele. Vendo-o, agora, em idade provecita, eu me lembrava de que todos nós, quando crianças, fomos armados cavaleiros por ele. Levava-nos a uma clareira de mata espessa. Colocava-nos em círculo. No meio, ficava o candidato ao título de Cavaleiro Armado das Bandeiras Tremulantes. Pronunciava, bem alto, palavras cabalísticas, fazia gestos simulando batalhas ou de unção mística, empunhando um velho facão enferrujado. Fazia os necessários toques no corpo do guri e levava-o a prestar juramento solene de que jamais fugiria de cobras, bichos do mato, dragões, bruxas, ratos e baratas lutando contra todas as injustiças. Aquilo se nos fixava tanto na mente e de tal modo que, daí por diante, ninguém gostava mais de demonstrar medo do que quer que fosse.

Éramos agora moços, mas Jonás C. buscava fazer com que conservássemos no espírito um pouco de riqueza imaginativa e um estado ingênuo de sentir o mundo

exterior, para que continuássemos sensíveis e não nos secasse a alma. Daí que não era de se estranhar que ele pudesse traçar no chão a amarelinha e nos levasse a brincar ou que jogasse com a gente a bolinha de gude, no que ainda tinha muita categoria.

De madrugada, rumamos em direção à bucólica praia Tabatinga e, daí por diante, começamos a ziguezaguear pelos contrafortes das serranias, ora subindo, ora descendo, transpondo passagens estreitas sobre abismos que nos enregelavam a alma. Foi, assim, já meio arrependidos daquela aventura, que alcançamos uma clareira, verdadeiro oásis de gramínea verde, cortada por riacho de águas tão cristalinas que se viam os lambaris ariscos e, ao lado, uma casa abandonada construída de pau-a-pique. Dali saía uma trilha que ia serpenteando na baixada, penetrando ora pela mata, ora saindo para campinas amplamente abertas ou brejos, recendendo perfumes ativos de flores aquáticas e silvestres. Seguíamos em fila indiana, mas uns e outros, mais indisciplinados penetravam as brenhas, a fim de explorá-las.

— Que é isto aqui? gritou José Ricardo, que cursava o último ano de Odontologia. — Corram, venham ver.

O bando todo disparou para o ponto de onde vinha a voz. Jonas C. ordenou que refreássemos nosso ímpeto, pois costumava dizer-nos: “A mata é como uma rosa, que tem muito a nos dar, mas, se imprudentes, lanceta-nos os dedos”. Colocou-se-nos à frente, depois de cortar com o facão um pau de guarantã, fazendo um bastão, porque não cansava também de ensinar-nos: “A melhor arma para matar cobra é um simples pedaço de pau. Acertem a paulada no meio do corpo e ela se desconjunta.”

Por fim, alcançamos uma elevação, onde se encontrava José Ricardo muito excitado. A um metro do chão, em época imemorial, haviam edificado um patamar de pedra, de forma retangular, com uns vinte metros de comprimento por outros vinte de largura, do qual se erguiam colunatas, também de pedras rejuntadas a seco e de cinco metros de altura. Fora dessa área retangular, no meio do mato, inúmeras pilastras, que deviam primitivamente ter sustentado vigas, sendo que algumas estavam envoltas por raízes de árvores, como um animal que se tomasse presa de gigantesca sucuri. Sentia-se, no ambiente, aquele inexprimível ar de mistério.

— Sabem, meus filhos — ponderou Jonas C. Isto são ruínas... Ruínas não sabemos do quê! Um solar?

Um convento? Um quartel? Talvez possamos tentar uma experiência de psicomетria.

Depois de parar um pouco e de ficar com o olhar num ponto vago e indefinível, voltou a si e disse:

— Tragam-me um destes cacos de cerâmica ou objetos miúdos que vocês encontrarem nas ruínas.

José Ricardo, que já recolhera vários, entregou um a Jonas C. e este prosseguiu.

— Sentem-se todos. Vou fazer uma experiência que poderemos chamar de paranormal, mas que pode pertencer aos estudos compreendidos pelo Espiritismo Científico. Este objeto, que José Ricardo me deu, poderá servir-me de guiá indutor para a descoberta de alguma coisa.

Ele colocou o objeto na mão, sem apertá-lo. Fechou os olhos e começou a falar: — “Vejo uma jovem muito bonita, enfeitando-se, cercada de mucamas. A casa toda regorgita de convivas. É festa das suas dezoito primaveras. Um garboso rapaz, trajado no melhor figurino de então, acompanha-a, dando-lhe o braço. Vem-lhe ao encontro, um cidadão que parece ser o seu pai e abraça-o com emoção...”

Todos, nós, ali estávamos suspensos, quase sem respirar. Que iria acontecer? Algo, naturalmente, trágico. Mas, Jonas C., melancolicamente, para nossa frustração, disse: “A imagem retrocognitiva está sumindo... ora, sumiu... não vejo mais nada... Que pena!”

— Como pode ser isto? perguntou surpresa, Adriana.

— Isto é um tanto complicado. Este mimo antigo de cerâmica é um alvo-testemunho. Ele pertencia à jovem, filha do dono deste solar, que sempre o trazia consigo e que o estimava muito. Este objeto serviu agora, para estimular as minhas faculdades paranormais, colocando-me em sintonia com fatos que se passaram. Ou possivelmente, como querem outros, esse objeto, à maneira de um “tape”, fixou tais cenas que, então, captei.

— Poderia acontecer de, em se continuando essa leitura, chegasse você a desvendar o passado daquela família e o seu fim? — voltou à carga Adriana, muito dada a fazer perguntas, motivo que levava Jonas C. a chamá-la de “Zum-Zum”.

— Perfeitamente, pois a psicométrica é muito complexa e ninguém pode defini-la e delimitá-la perfeitamente. O espírito dessa jovem poderia vir a entrar em contato comigo, em telementação, isto é, a sua mente espiritual com a minha. Então, eu começaria a falar todas aquelas coisas que estariam no conhecimento do seu espírito. Eu revelaria para vocês as memórias dela. Ernesto Bozzano, pesquisador italiano, em Enigmas da Psicométrica, relata que da Índia chegou uma caneta que entregaram ao médium-sensitivo, Roberto King, sem lhe dizerem a origem. Este tomou o objeto na mão e disse: É de uma criança, porém, falecida. E ela me diz: “Shanti, palavra cujo significado ignoro”. Os pesquisadores encaminharam este e outros relatos do sensitivo para a Índia e de lá veio a confirmação: “O dono dessa caneta era um menino, com as características físicas descritas pelo sensitivo ou paragnosta. A palavra “Shanti”, esse moleque indiano costumava pronunciar, quando cumprimentava o seu pai todos os dias, ao levantar-se”.

— Poxa! Que coisa misteriosa e linda — exclamou Sônia Thomaz, para quem tudo que pertencia ao mundo oculto se lhe constituía irresistível atração.

— Nem sempre a psicométrica nos leva para a lindeza — observou Jonas C. sorrindo. Um tal de Gerard Croiset, holandês, ajuda a polícia a descobrir pessoas desaparecidas. Às vezes, a família aflita ainda tão esperançosa, sente um baque tremendo, pois o psicômetra vai descrevendo: “Dino saiu de casa cedo. Tomou um táxi até a praia. Está sozinho. O lugar é ermo. De repente, três marginais o cercam. Um lhe segura as mãos. Outro o revista. Tiram-lhe os pertences. Roubam-lhe a roupa. Ele luta denodadamente. Matam-no a pauladas. Fica todo deformado. Para evitar reconhecimento, amassam-lhe o crânio. Jogam o corpo numa fuma de pedras, a vinte passos de um caminho que liga a praia ao vilarejo...”

— Assim, também, não... Já pensarão no golpe para os pais? — obtemperou Neusa, naquele seu modo suave e encantador de falar.

— É por isso — concluiu Jonas C. — que Deus, infinitamente sábio, limitou-nos o poder de devassar o lado oculto. Nem sempre o que se situa além de nossa visão normal é bonito. E nem sempre saber-se isto ou aquilo, é-nos um bem. Tudo fica hermeticamente trancado e dizem os sábios que, só quando o aluno está preparado, é que o Mestre aparece, isto é, na linguagem popular de Jesus: “Não se dão pérolas a porcos”, mas a quem possui já condições de receber as revelações.

— Então, o Espiritismo não estimula estas curiosidades? indagou José Ricardo.

— Não estimula, de modo algum. O Espiritismo combate qualquer tipo de curiosidade, quando seja simples curiosidade, sem objetivo elevado ou de estudo. Tanto é verdade que nunca alguém viu o Espiritismo anunciar leitura de “buena-dicha”, bolas de cristal, etc. Até mesmo sessões de materialização devem ser realizadas com propósito definido de estudo e não a título de satisfazer a curiosidade de meio mundo, sem preparo mínimo para interpretação do fenômeno. É necessário que o homem saiba que existem tais possibilidades, mas que não as tomemos levianamente. A senda do saber nos leva a matar o dragão da ignorância, enfrentando os seus segredos, mas que, nem por isso, nos tomemos imprudentes.

Todos ouviam Jonas C. embevecidos. Ele, agora, parecia-nos um Sidarta Gautama, debaixo da árvore bodhi, em Urevala. Apenas parecia, porque era muito diferente, pois de repente ergueu a sua possante voz e gritou:

— Vamos, cambada... Nada de moleza... Estão pensando que vieram, aqui, assistir a espetáculo psicométrico-retrocognitivo? Vícios da TV e... das telenovelas.

E juntando a tralha, que não era pequena, composta de varas, esteiras, cordas, picarés, foi distribuindo-as pela macacada. As motucas se refestelavam. Mordiam, tão duro que Tedy começou a dizer: “Ah! o Sr. Poti Denizard e Iracema dos lábios de mel”, referindo-se aos autores intelectuais daquela aventura, a linda Pamele e o atlético Denizard.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

JONAS C. tinha faculdade paranormal?

— Sim, pois, tomando um objeto “viu” aquilo que os rapazes não viam; cenas que se passaram naquelas ruínas em tempos remotos. A isto chamamos, também, pelo nome de percepção extra-sensorial.

Jonas C. viu o passado e a isso se denomina retro-cognição (retro = para trás). Mas, também, poderia Jonas C. ver o que se estava passando em sua casa, naquele momento e a isso chamaríamos simulcognição (simul = ao mesmo tempo). Quando uma pessoa vê o futuro, ao fato, denominamos precognição (pré = antecipado).

Que vem a ser parapsicologia?

— É o estudo desses fenômenos — inusitados captados ou provocados por faculdades paranormais.

Se uma pessoa lê um livro pela nuca, eis um fato insólito que cabe à Parapsicologia estudar. Se outra enxerga através de uma porta de aço, eis outro fato estranho, que cabe à Parapsicologia apreciar. Se um objeto é retirado de uma caixa hermeticamente fechada e lacrada, eis outro fenômeno para se pesquisar. Existe uma palavra mais adequada do que Parapsicologia para tal estudo, ou seja, Psicobiofísica, adotada já por eméritos pesquisadores, principalmente pelo engenheiro e cientista Hernani Guimarães Andrade. Vejam o livro: “Em busca da Matéria Psi” da nossa autoria em parceria com o parapsicólogo Prof. Henrique Rodrigues.

A parapsicologia “explica” os fenômenos espíritos?

— Pelo contrário: quem estuda o Espiritismo Científico é que fica habilitado a explicar os fenômenos da Parapsicologia.

Suponha você um círculo de 10 metros de diâmetro. E, nele, inscreva um pequeno círculo de 1 metro de diâmetro. O círculo grande chama-se Espiritismo e o pequeno círculo, Parapsicologia. Assim, quem estuda profundamente o Espiritismo Científico está em condições de explicar os fenômenos estudados pela Parapsicologia, pois quem estuda o maior conhece o menor; quem estuda o Brasil, evidente que conhecerá São Paulo. E o contrário pode não se dar. Sendo os fenômenos parapsicológicos de natureza extra-sensorial, portanto, além dos cinco sentidos físicos do homem, isto prova que este é um ser ultrafísico, ou melhor, espiritual, como ensina Allan Kardec.

Se prevalecesse o ponto de vista materialista, o homem não poderia ver, sem o órgão próprio, chamado olhos! Se isto acontece e a Parapsicologia o comprova, importa admitir a existência do espírito, que poderá viver, sentir e perceber sem os órgãos físicos.

Se você, estando deitado, no seu quarto em São Paulo, consegue saber, num dado momento, o que está se passando, na casa de um seu amigo, em Paris, é porque o seu espírito se deslocou para fora do corpo carnal ou percebeu através das suas próprias vias espirituais polidimensionais, sem os entraves da prisão do

corpo físico. O que a ciência acadêmica sabe do homem é apenas aquilo que está na superfície do ser, no seu aspecto fisiológico e de natureza concreta e que ela pode medir, pesar e comparar.

Para que o homem venha conhecer melhor a si próprio, indispensável é que estude o Espiritismo Científico bem como a Parapsicologia e outras disciplinas que penetram níveis que ultrapassam a Física e a Biologia.

Deixamos de nomear o excelso caminho da busca da Realidade Interna e outras vias de iluminação, por se tratarem de experiências subjetivas, que escapam ao método cartesiano.

Capítulo II O COMEÇO DO COMEÇO

A trilha ladeava um alagado e depois subia pelas encostas até que, como se nos abrisse uma janela de repente, olhávamos para a amplidão do mar aberto.

— Não sei por que os pintores não buscam lugares como estes para fixar em telas, cenários marítimos tão comoventes e indescritíveis — murmurou Neusa.

— É que o artista, conforme deixa de ser principiante, busca o dinamismo e então quer fazer o mais difícil, mas não o mais belo. Mesmo na Faculdade, os professores de Arquitetura nos ensinam que ninguém criará nome, se não se tornar arrojado, — obtemperou Oirâm que estudava engenharia.

— Realmente — atalhou Jonas C. — em todas as artes existe essa pressuposição de que ela deve ser virtuosismo ou criatividade, mesmo que forçada, preferindo-se criar mal, a repetir bem. Existe um desprezo por qualquer artista que retrate o que já existe. Daí que, não possuindo o artista criatividade suficiente e nem estando inspirado, torna o seu produto artístico mero borrão ou ajuntamento de notas chocantes ao nosso ouvido.

— No entanto — voltou a ponderar Neusa — eles não sabem que o público, na verdade, adora o belo, sem cogitar se foi Deus ou o homem que o elaborou. Podem possuir quadros famosos, mas olham mesmo para aqueles que lhes transmitem uma emoção agradável. Penduram Picasso na sala, mas se deleitam com Almeida Júnior.

Com estas e mais aquelas, tínhamos alcançado a praia, de areia alva e pura como sal-gema.

O mar era mais azul do que o próprio céu. Todos desejavam banhar-se, na mesma hora, se Jonas C. não fosse enérgico. Importava arrumar as coisas. Colocar li-nha e anzóis nas varas, distribuir pelo chão os apetrechos. Só depois de tudo arrumado, com ansiedade, os mais velhos lançaram as suas linhadas na água, enquanto os mais novos mergulharam nas ondas. Às tantas, ouviu-se um gritinho, acompanhado de gemido:

— Ui! Uui! Era Juninho, o caçula, contorcendo-se de dor.

— Que é que foi?

— Pisei num negócio esquisito e mole e... está queimando... Queima pra chuchu.

— Ah! meu filho, você pisou muna água-viva.

— É bicho, isto?

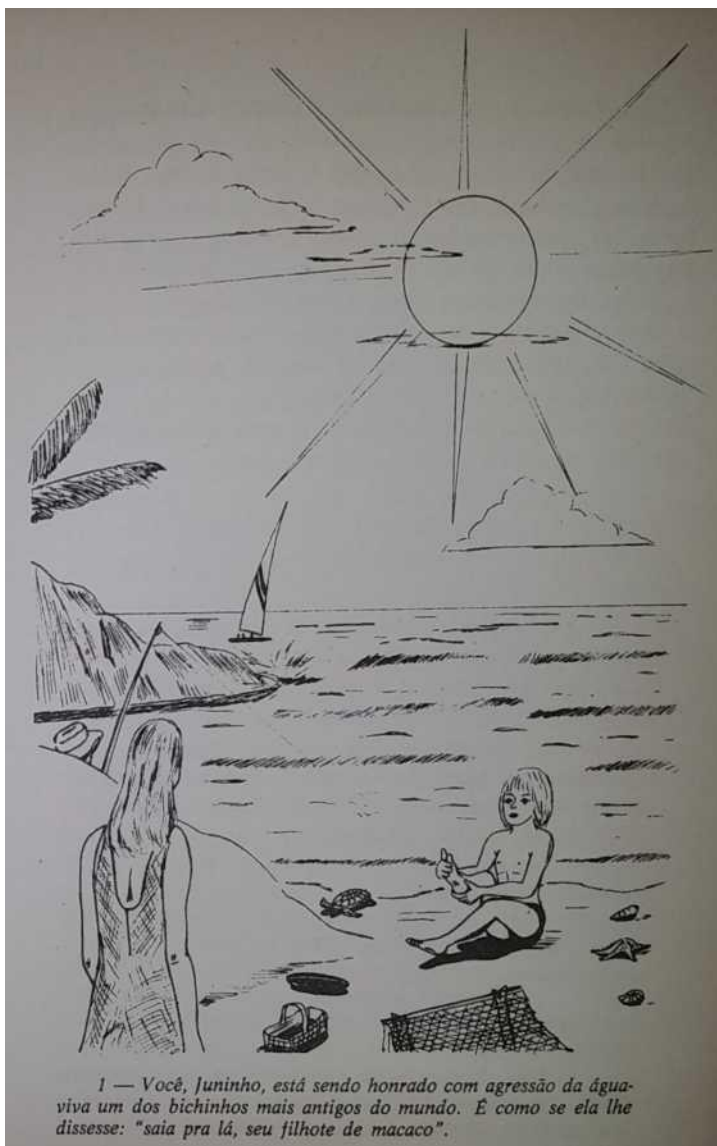
— Sim, Juninho. É animal marinho, uma medusa, parecida com clara de ovo, mas possui células que queimam igual à urtiga... Depois de uma pausa, em que se abaixou e soprou o vermelhão da queimadura, Jonas C. caçoou: — ... Você, Juninho, está sendo honrado com a agressão por parte de um dos bichinhos mais

antigos do mundo. É como se a água-viva estivesse lhe dizendo: "Saia pra lá, seu filhote de macaco".

— Por que essa tal de água-viva está, assim, me achando um intruso?

— Vejam, vocês, que estes animais vivem aqui nessa praia e nós nos intrometemos na vida deles, tirando-lhes o sossego e até a vida. Houve um tempo, na aurora do mundo, em que não existia nenhum ser humano na face da Terra e essa água-viva vagava, balouçante, nas águas tépidas dos mares.

Jonas C. fez-nos subir numa pedra alcantilada, onde se dava a arrebentação das vagas que, ao lado, formavam um poção verde-azulado de águas profundas.



— Olhem que enormes tartarugas! Esses animais, com tais carapaças duras, são tão antigos que poderíamos falar em milhões de anos, quanto à época do seu aparecimento. Um naturalista diz que a tartaruga existe na Terra, faz tanto tempo, que parece ter vida imortal! O mar, meus filhos, — falou mais acentuadamente Jonas C. — é depósito de fósseis vivos. Os paleontologistas cavam a Terra e descobrem ossos de animais pré-históricos. No mar, não; tais animais estão aí vivinhos da silva! Nós somos filhos do mar. Tanto assim, que o nosso corpo possui mais água do que sólidos. E o nosso plasma sanguíneo tem aparência com a água do mar.

Jonas C. fez-nos descer daquele costão perigoso e induziu-nos a que sentássemos em pequenas pedras para que descansássemos. Depois, ainda continuou a falar-nos, batendo na rocha.

— Vocês estão sentados nestas rochas duras. Estas pedras representam o extremo da vida. Representam' o fim do hálito do Criador. Pois bem, a Terra, durante milhares de milhões de anos, não possuía vida alguma!

— Nem um gafanhotinho — disse Juninho — apertando entre os dedos um louva-deus, que encontrara no capim.

— Nem uma borboletinha, um grilinho, nadinha — repetiu ironicamente Jonas C., sorrindo. Nem um capinzinho. No começo do começo, a Terra estava mergulhada numa tremenda escuridão. Os raios do sol não conseguiam varar a massa compacta de nuvem d'água e vapores que envolviam o nosso globo.

— Coisa horrorosa! — murmurou Kátia. Só de imaginar, fico arrepiada.

— Isto de escuridão e ausência de vida não era nada. Por todos os lados, vulcões vomitavam fogo, água e dióxido de carbono. Chovia seguidamente, mas as rochas eram tão quentes que a chuva se evaporava antes de tocar a crosta. O mar fervia.

— Então, este meu doce mar, que tanto amo — disse cheia de calidez Neusa — era o caldeirão do diabo!

— Não digo isto, pois muitas coisas necessitam ser antes feias para depois se tomarem bonitas, como o Patinho feio que virou Cisne Real. Eu acho que era como o tacho da tia Nastácia, do Sítio do Picapau Amarelo, quando fazia goiabada. Ela botava fogo forte nos pedaços de goiaba com açúcar e aquilo ficava borbulhante e até pulando fora do recipiente. Mas depois...

— Depois era aquela goiabada de fazer estalar o beijo de Pedrinho e Narizinho — acrescentou Tedy.

— É isso aí. A Terra nesse começo do começo, era um grande tacho onde Deus, através do seu amor e vontade, auxiliado pelos Espíritos Co-Criadores começou a preparar o berço do homem. Gastaria milhões de anos mexendo esse angú.

— Então, esse nosso Pai é lerdão — sugeriu Oiranzinho que, pela primeira vez, interferiu — ... pois meu pai faz bolo ou uma pizza, junto com o tio Nilo, em dez minutos.

Todos acharam graça da comparação. Jonas C. puxou para junto de si o Oiranzinho, alisou-lhe a cabeça e disse:

— Deus, de fato, faz as coisas devagar. Para que existisse uma rosa, em nosso jardim, gastou milhões de anos. Devagarinho a Terra foi se esfriando, como também tia Nastácia esfria na pedra-mármora o doce-de-leite, Então, aquele mar borbulhante se tornou o que é hoje. Nele começaram a aparecer plantas aquáticas, que ficavam balouçando nos mares primitivos, durante 1000 milhões de anos, sem se alterarem.

— É como se Deus tivesse esquecido do que estava fazendo?! — propôs Pixoxa, admirada.

— Aparentemente, sim. Mas tudo estava dentro das leis sábias do Senhor. Algas, semelhantes a estas que vocês encontram nas lagoas, passaram do mar para as

terras baixas e se tornaram musgos, fetos e plantas dotadas de folhas. Quando a Terra se cobriu de vegetação, os seres aquáticos se aventuraram a buscar alimento fora da água. Tomaram-se anfíbios, isto é, podiam viver na água e no continente. Esses anfíbios, tornaram-se animais gigantes e dominaram o planeta Terra durante perto de cinquenta milhões de anos. Um deles, o Brontossaurio era tão grande que pesava 30.000 quilos! Na hora aprazada, todos desapareceram da Terra, para dar lugar a espécies ágeis e inteligentes, que necessitassem de menor quantidade de alimento.

— Mas por que Deus, Todo-Poderoso, não fez as coisas assim, como num passe de mágica, à maneira de Mandrake? perguntou Cecilinha que ainda adorava revistas em quadrinhos.

— Acontece que, para Deus, tudo foi feito depressa. Para Ele, um bilhão de anos é menos do que um minuto para nós.

— Deixe-me pensar... um bilhão igual a um minuto... — isto dá para fundir a cuca da gente — exclamou Cecilinha, que não era muito boa em matemática.

Jonas C. achou graça em Cecilinha e prosseguiu:

— Não adianta fazer cálculo. Se você escrever num papel um algarismo atrás de outro, até o fim da sua existência, não terá chegado a escrever um número que signifique o tamanho do Universo. Não faz muito tempo, no Observatório do Monte Palomar conseguiram fotografar uma galáxia e verificou-se que ela fica tão distante que um raio de luz levaria 2.000 milhões de anos para vir da mesma até o Planeta Terra! Ora, vocês sabem que a luz percorre 300.000 quilômetros por segundo!



2 — *“Não seria melhor que os jovens aprendessem a descobrir o Pai na delicadeza da folha de uma avença ou na esplendente petúnia?”*

Novamente, Cecilinha, desta vez com um lápis, escreveu 300.000 quilômetros e tentou multiplicar por 2.000 milhões. Mas, desistiu, com um arzinho de enfado.

— Eu já disse — observou Jonas C. São cifras estas astronômicas. Quem sabe onde fica o nosso planeta Terra?

— Eu sei — levantou a mão Tedy — À noite a gente vê, no céu uma faixa, semelhante a uma estrada de poeira argêntea. Daí chamar-se Via Láctea.

Todos pegaram no pé do Tedy. Aquelas expressões poéticas, como essa de “poeira argêntea”, eram próprias de quem andava, às escondidas, escrevendo as suas memórias. Quando a turma se distraía, ele tirava um caderninho do bolso e escrevia um bocado. Produzia já um jornaleco, que batia à máquina, chamado “Folha da Casa”, mas que o seu pai dizia ser um saco de besteiras.

— Pois bem, seu sabichão. Essa aglomeração de corpos celestes chamada Via Láctea, onde este nosso mundo gira, tem um diâmetro de 100.000 anos-luz. Se você, Tedy, se acomodar numa astronave e sair voando a 300.000 quilômetros por segundo, daqui a cem mil anos você terá atravessado a Via Láctea! E, no entanto, essa Via Láctea é uma das milhões de galáxias que há no Universo. Pelo menos, segundo o astrônomo Sir James Jeans existem 100.000.000 de vias lácteas!

Aí fui eu que fiquei, em lugar da Cecilinha, a matutar como Deus era grande, pois, não podia existir um espacinho onde Deus não estivesse. Este pensamento me deu um friozinho no fundo da barriga. O meu pensamento foi cortado, pelo próprio Jonas C. que continuou.

— Deus é infinito. Mas vocês já imaginaram a força física de Deus, pois o homem ainda se deixa impressionar por isso. Ele faz girar a Terra como fazemos girar um peão. Assim, o sol e todos os trilhões e trilhões de estrelas do Universo. Para Ele isto é brinquedinho de criança.

O astrofísico Jesse L. Greenstein, através de radiotelescópio, localizou no espaço um agregado estelar explosivo, equivalente à soma da energia de 10 bilhões de estrelas!

— Se Deus soltasse uma bomba dessa na Terra — obtemperou Tedy — sem saber, realmente, estabelecer uma correspondência — a Terra desaparecia que nem fumaça...

Jonas C. parece que ficou pensando no poder de Deus e na insignificância do homem. Por que, afinal, Deus permitia tanta empáfia e até mesmo um ridículo desafio do homem, sem esmagá-lo como um verme? Mas, depois de contemplar o céu, observar os passarinhos em revoada, as árvores sobranceiras erguendo-se para a amplidão, enquanto, no solo, as humildes vegetações rasteiras se apresentavam em enredilhados encantadores, observou:

— No entanto, toda essa dimensão e toda essa força se subordinam a dois modos de ser da divindade: a Inteligência e o Amor. Não adiantaria existir essa força temível se ela não fosse comandada pela Inteligência e não se entretivesse harmonicamente através do Amor, para a realização do Cosmos e de tudo que ele contém. Ah! como eu gostaria de que os homens meditassem nisto: que o mundo é algo inteligente! Maravilhosa a inteligência de quem faz a seiva circular na planta, o nosso coração bombear o sangue através de 95.000 quilômetros de vasos sanguíneos! Maravilhosa inteligência que elaborou este prodigioso órgão chamado cérebro humano, máquina delicada capaz de realizar operações incrivelmente complicadas; transformando impulsos vibratórios em imagens, sons e paladares!

— E onde ficaria lugar para o Amor? — indagou Fer.

— O Amor é a força centrípeta. É o que faz com que tudo se volte para Deus. Graças ao Amor, o todo universal mantém-se coeso. Toda alma, demore mais ou menos tempo, caindo aqui, levantando-se ali, nascendo, tomando a nascer, vai progredindo sempre, cada vez mais bela e mais luminosa, rumo ao Senhor de todas as esferas. Essa atração é o Amor do Pai por todos os seus filhos.

Nesse momento Jonas C., emoldurado naquela paisagem, num ponto assim mais elevado, sugeria-nos a imagem daquele Profeta da Montanha Azul, a que certa ocasião se referira. Parece que Jonas C., fazendo como o pintor que contempla o seu quadro, dá um passo para trás, outro para frente e, com o pincel, coloca um pingüinho de tinta na composição, ponderou:

— Somos elaborados por uma super-inteligência, mas sobrevivemos pelo Amor.

Tínhamos descido a vertente e caminhávamos na praia. O sol tinha já desaparecido, como se fosse um pássaro de fogo que tivesse mergulhado no mar e o deixasse todinho envermelhecido. A água fresca beijava-nos os pés e, em toda a extensão, comprazia-se em criar verdadeira fantasmagoria naquele maravilhoso lusco-fusco.

À distância divisamos um vulto. Era Denizard. Gritou, de longe, entusiasmado: “Olhem os peixes que fisguei. Pescada cambucu, na dura... Enquanto vocês conversam fiado, cumpro o meu programa. Poesia e filosofia não enchem barriga de ninguém. Ao que Jonas C., em tom altissonante, respondeu:

— Não tem nada, não. Amanhã, iremos à forra. E você vai ver o tutano aqui do velho, com ou sem filosofia.

— Hoje, Monsieur Denizard, pescamos estrelas...

— E eu — acentuou Fer — quase cacei um bron- tossáurio, na lagoa, que denominamos “Aurora dos Tempos”.

Jonas C. como que respirando fundo, para haurir a brisa que vinha do mar, obtemperou:

— Num passeio, cada qual tira dele o que deseja o seu espírito. Daí que muitos comem até cair no chão empanturrados; outros amam, alguns se exaltam, enquanto há os que se enlevam e se elevam nas asas dos sonhos. E você, Janina, que é que aproveitou desta aventura selvática?

Janina tinha sido criada em Colégio Interno de uma ordem religiosa. Pela primeira vez, havia deixado o estabelecimento para cursar o vestibular, motivo por que se sentia, muitas, vezes, deslocada no meio da juventude de “blue-jean”. Agarrava-se, talvez por isto, excessivamente a Jonas C. Muito meiga e delicada, respondeu:

— Eu tive vontade de naquele altar de pedra, que descobrimos, em continuação à prainha da Perambeira, eu... desejei me ajoelhar e orar, agradecendo ao Pai tanta beleza e bondade.

PERGUNTAS E RESPOSTAS Como o Universo foi gerado?

— Pelo pensamento e vontade de Deus, ou seja, em virtude do poder do Espírito Divino e através das suas leis. Evidente que não podemos conhecer o porquê, pois só mesmo Deus sabe todas as coisas.

Teria sido fruto do acaso?

— Jamais, fruto do acaso, pois o acaso não é inteligente; e no entanto o Universo foi construído com tanta sabedoria que só pode ser efeito de uma causa inteligentíssima. Se você tem dúvida, pegue o seu relógio de pulso e desmonte-o, pecinha por pecinha; jogue tudo dentro de um saco; chocalhe o saco, um, dois ou três anos. No fim desse tempo, verifique se o acaso montou o relógio! Se o acaso não é capaz de apenas montar um relógio, que dirá de fazer um sol, planeta, satélites, galáxias, animais, vegetais, etc. Sobretudo, o homem é um ser inteligentíssimo, que fabrica a TV, voa e até já foi à Lua. Ele, o homem, poderia ser efeito do acaso?

Deus criou cada ser, de per si, como a árvore, o elefante, a pulga, as estrelas ou foram eles surgindo lentamente no cenário terreno?

— Não nos parece que o aparecimento das coisas tenha sido dentro do chamado criacionismo ou fixismo como consta da Bíblia. Ao menos, a ciência, principalmente, através da astronomia e da paleontologia constata que as coisas surgiram de maneira simples e natural, em muitos pontos da terra, conforme as condições permitiram. A Terra, no começo, era massa amorfa e caótica. Durante bilhões, ela foi se definindo e as partes foram se destacando, como a água, a rocha, os vegetais, os animais, em processo evolutivo ou de transformismo. Conseqüente- mente, isto nos leva a pensar que Deus imaginou o mundo e este mundo vai se realizando da maneira semelhante ao que sucede com a semente que, dentro de si, traz projetada a frondosa árvore do futuro. Logo, existe evolucionismo ou transformismo, mas não por tenteios vagos e resultantes de ocorrências casuais, como quer o materialista, mas em virtude de um plano inteligente superior.

A vida, em si, tem alguma finalidade?

— Certo que deve ter. Se o universo foi realizado por uma Sabedoria Divina, é lógico que essa Sabedoria não criaria um Universo complexo como o nosso, a título de. nada. A vida que se espraia por todas as partes tem por escopo o aperfeiçoamento do espírito. O espírito tem de evoluir até atingir o supremo grau de perfeição através da palingenesia, isto é, nascendo, morrendo e vivendo de novo.

No Universo tão grande, existem outros planetas habitados?

— O Espiritismo sempre sustentou a existência de outros planetas habitados. Agora, a ciência não duvida mais e vive fazendo experiências para captar vozes do espaço intergalático. Conforme cálculos feitos pelo Museu do Ar e do Espaço Smithsoniano de Washington, só na Via Láctea devem existir 500 milhões de mundos habitados! Arthur C. Clarke, Presidente da Sociedade Britânica de Astronáutica e famoso escritor diz: “Devemos considerar que há muitas raças no universo e muitas delas superiores e em desenvolvimento mais adiantado do que os terrícolas, em milhões de anos de existência na nossa frente”. Hoje, os próprios clérigos esclarecidos não duvidam mais disso, que Allan Kardec ensinou. O Rev. J. Joseph Lynch, prof. da Universidade de Fordhan disse: “Não tenho dúvida alguma quanto a isso. E muito menos de que existem seres tão evoluídos, no espaço, que para nós seriam como anjos”. Exatamente como o Espiritismo ensina.

Que é ufologia?

— É o estudo dos misteriosos objetos ou discos voadores. A palavra Ufologia provém da expressão “Unden- tified Flying Objects” que quer dizer “Objetos Voadores não Identificados”. Cogita-se de que seres de outros planetas tenham visitado a Terra, desde a mais remota an- tigüidade. A pesquisa é feita considerando as testemunhas visuais, documentos antigos que aludem a tais objetos e sinais recolhidos na paisagem terrestre. As provas testemunhais são muitas, mas nem sempre convincentes; as provas documentais são valiosas, mas não decisivas e os sinais na Terra, de que eles desceram aqui, permanecem sempre em controvérsia. Escapando ao nosso entendimento científico, a vinda de uma espaçonave de outro sistema até a Terra, hoje, em decorrência da maneira como eles aparecem e desaparecem, fez nascer a hipótese de que as leis de que se utilizam são semelhantes àquelas que o Espiritismo Científico e a Parapsicologia pesquisam nos aportes e outros fenômenos do insólito.

No entanto o Espiritismo não tem nenhuma posição definida diante de tais “Objetos Voadores não Identificados”.

Que vem a ser exobiologia?

— É o estudo, em nível científico, da existência de vida fora do nosso planeta. O termo exobiologia foi proposto pelo cientista Joshua Lederberg, dos EUA.

O famoso astrônomo Carl Sagan se consagrou entusiasticamente à descoberta de sinais de vida no Espaço Sideral e foi ele quem sugeriu que se colocasse, na

espaçonave Pioneer-10, uma mensagem dirigida "aos habitantes de outros planetas".

Empenhados em descobrir vida em outros planetas existem cerca de dois mil astrônomos nos EUA e quatro mil no resto do mundo!

Isto revela como a Doutrina Espírita sempre propugnou pela verdade, ensinando a Pluralidade dos Mundos Habitados.

Capítulo III VOCAÇÃO E VIDAS PREGRESSAS

O teatro D. Pedro II, em Ribeirão Preto, estava literalmente tomado. Tínhamos ganho os ingressos do maestro titular Stábile, um italiano corpulento, atarracado, mas de carnes flácidas. Na Itália dirigira proficientemente bandas de música. No Brasil, se dedicara à regência orquestral, prestando um grande serviço à cultura musical interiorana, ainda incipiente.

Quando Gianela di Marco, com cinco anos de idade, subiu no podium, erguendo a batuta para comandar oitenta músicos da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, toda a platéia ficou em suspenso. Ela, parecida com a travessa Shirley Temple da velha cinematografia, deveria àquela hora estar dormindo ou brincando com as suas bonecas. No entanto, postava-se, ali, diante de 2.000 espectadores, a reger uma orquestra.

Cada número era aplaudido freneticamente pelo público, não tanto pela sua interpretação, mas em decorrência de forte corrente de simpatia.

— Como pode ser esse negócio — perguntou Martham, que estudava canto com o prof. Pedrinho Macedo, figura muito singular, mas a quem a comunidade muito devia pelo entusiasmo que transmitia a toda criança ou jovem, que se aproximasse dele, cantasse grosso ou fino, não importava a coloratura.

— Não pense você que é tão só milagre — respondeu simpaticamente D. Juju, regente do coral ribeiropretano.

A garotinha nasceu, naturalmente com esse dom, mas é evidente que se submete à disciplina férrea por parte do pai e professores.

Moacyr Caram, jovem promissor no bel-canto, que chegara a empolgar as platéias, no Concurso Internacional “O Grande Caruso”, obtemperou:

— Eu que diga. Nasci cantando e os heróis da minha infância não esgrimiam espadas mas tocavam ou cantavam. No entanto, necessito ensaiar noite e dia... até mesmo dormindo, eu exercito a respiração, a dicção, timbre, modulação. A arte verdadeira não admite trapaças.

Já tínhamos saído para fora do auditório e nos corredores formavam-se os indefectíveis grupinhos de comentaristas e críticos improvisados, uns elogiando o clarinetista Russomano, outros boquiabertos com o desempenho do flautista Lania, enquanto que muitos descontentes com o oboé e o fagote. Para surpresa nossa, percebemos que Jonas C. vinha vindo pelo corredor e já ia cruzando com a nossa turma, sem nos ver. Barramo-lo.

— Aonde vais, Jonas C.?

— Para os bastidores. Querem vir comigo?

Lá fomos nós, caminhando para o fundo do teatro. Nunca tínhamos posto os pés num camarim de artista e estávamos excitados. Nos fundos do palco, tudo era confusão, cordames misturados com cenários, flores artificiais empoeiradas com toalhas enroladas, estantes, caixas de instrumentos. Cumprimentamos o “spalla” da Sinfônica, o violinista principal José Gumerato, o violoncelista Maneco, a pianista Edu Rangel, Luiz Baldo, Gilberto, Hércules e outros executantes.

A maestrina Gianella, ao ver Jonas C., veio correndo ao seu encontro, envolvendo-o com seus bracinhos e largando sem cerimônia autoridades e pessoas gradas que a cercavam. Era um tiquinho de gente. Tão frágil e delicada como “um biscuit” de Sèvres. Aquela intimidade de fofas C. com a menina recém-chegada da Itália,

deixou- nos encabulados.

Mais tarde, explicou-nos:

— A garotinha se encantou comigo e eu com ela, durante os ensaios. Privando do convívio da família Ine- chi, onde passava as horas de descanso, tratei de cativá-la ,e ela me cativou. Naturalmente, ela era uma princesinha que habitava outro asteróide, o B-613, onde era cativa de um lírio e eu, uma raposa velha, neste deserto de homens, a valer o que nos conta Saint Exupèry em “O Pequeno Príncipe”. Nada mais, nada menos. Ademais, meus jovens, tenho imensa simpatia por músicos e como Gianella, eu também fui considerado um menino prodígio. Meu pai, um alegre hoteleiro, punha-me a tocar bandolin, aos cinco anos de idade, para agradar os hóspedes e viajantes. E sabem de uma coisa? Eu detestava aquela exibição.

— Então, você, Jonas, é virtuose e nunca nos falou nada?

— Aí que está o negócio. Tinha vocação, mas nunca cultivei suficientemente a música. Vocação, sem cultivo, é como ter semente de alface da melhor qualidade sem utilizá-la corretamente.

— Como semente de alface? — indagou Edison, que apreciava filosofar.

Jonas C., com simpatia, esclareceu:

— Pegue a melhor semente de alface e plante-a sem ser em caixotes com terra fofa, deixe de transplantar na época, defender as mudas dos insetos, do sol ardente e elas virão tão raquíticas que nem mesmo galinhas as desejarão. A arte é bem mais delicada do que a alface. Ter semente não é tudo. E, no mundo, há milhões de jovens com vocação completamente arruinada...

Depois de uma pausa, Jonas C. prosseguiu:

— No entanto, existe coisa pior do que isto. São aqueles que pretendem que uma semente de alface produza melancia.

— Não entendi — respondeu Edison, cujo pai era consagrado pintor.

— Mas já vai entender — continuou Jonas C. Schumann foi rapaz cuja família desejava que ele fosse advogado. Colocaram-no na Universidade e deram-lhe a mesada para tanto. Ele detestava o Direito, mas era apaixonado por música. Escondido da família, deixava de jantar e, com o dinheiro economizado, pagava um professor de música. Assim, se tomou um dos maiores músicos que a humanidade conheceu.

— Agora entendi. A “semente-Schumann” era semente-música e não “semente-advogado”.

— Isto mesmo, Edison. Torcer as vocações pode gerar desastres, na vida de um homem. Tenho um amigo que é puríssima semente-músico. Mas os pais obrigaram-no a ser advogado. Depois de formado, enjouou da pro- cessualística judicial. Por fim, não se tomou nem músico, nem advogado vitorioso. E eu tenho certeza de que pelo seu descortínio, tenacidade e sensibilidade seria o Tosca- nini brasileiro.

Enquanto Jonas C. falava, eu pensava como este mundo era confuso. Não só na arte, mas em todas as profissões. Afinal, de onde viria esse impulso que levava uma criança a beijar todos os santos do altar e aspirar ao sacerdócio? Outro a ser um Villas-Boas desbravador de sertão? Ou a construir edifícios na própria areia da praia? E o nosso mestre a tocar bandolin?

Jonas C. parece que advinhou o pensamento que não era só meu, mas de todos, dizendo-nos:

— Os meninos prodígios são um desafio à ciência. A genética não explica como eles surgem. Nós, espíritas, e aqueles pertencentes a diversas correntes orientalistas, justificamos o fato pela doutrina da reencarnação ou pa-lingenesia. Cada ser humano é um espírito que possui experiências conseqüentes de muitas vidas vividas. Além do que, cada um de nós possui uma capacidade de captação tal qual o nosso aparelho de rádio. Quando Miguel Ângelo Buonarroti surgiu na Terra, de certo modo já “sabia” como pintar ou esculpir; necessitava apenas recordar. Leonardo da Vinci era tão avançado, para seu tempo, que chegava a fazer projetos bem desenhados de navegação aérea. Não vamos alongar-nos muito, mas Mozart compunha pequenas óperas aos onze anos, Paganini dava concerto aos nove e Pepito Ariola improvisava ao piano, diante do rei e da rainha de Espanha aos 3 anos, causando admiração ao célebre cientista Charles Richet. Semelhante a esta garotinha Gianella, tivemos o menino Pierino Gamba e Willy Ferreros, tendo este último, com quatro anos e meio, encantado Paris, regendo a orquestra da Folies-Bergères.



5 — *“A menina Gianella, com cinco anos de idade, que mais parecia um querubim, ergueu a batuta e começou a reger a Orquestra Sinfônica.”*

— Quer dizer, então, que possivelmente Gianella di Marco em outra existência já tinha estudado música?

— Exatamente. Todos encontramos no inconsciente facilidade para aprendizagem disto ou daquilo, tendência e inclinações que são conseqüências de outras vidas. Temos de passar pela roda da vida e em cada rodada aprender algo mais. Já teremos sido rei ou vagabundo, quem sabe? humildes ou prepotentes.

Marisselma estava pensativa. Presa a grupo familiar insensível a tais assuntos, aquilo tudo era como se lhe estivessem falando em aventuras ocorridas no Navio Fantasma de Wilhelm Hauff. Daí que perguntasse:

— Quer dizer que eu, antes de ser filha do meu pai Paulo e mãe Carol, já existia? Mas onde e como? Não entendo...

— Você já leu o livro “Toinzinho e o Anjo Galdino” de M. B. Tamassia? — perguntou Dulce, com ar assim de sabichona. Se você ler, saberá direitinho. A gente antes de renascer vive em cidades espirituais, naquelas moradas a que Jesus se referiu, as quais iria preparar para os discípulos. Nelas vivemos de forma parecida como vivemos aqui, pois não somos ali fumaça, mas gente. A diferença é que o nosso corpo, no Além, é de matéria quintessenciada...

— Como? Quinto... o quê? Essa aí lê um livrinho e já começa a dar uma de sabida — resmungou, em solavancos, Oíram.

— Sim, quintessenciada, isto é, matéria purificada. Temos, no Além, casas, jardins, paisagens, colégios, divertimentos, muita música, amizades... Mas, por necessidade de progresso, temos de “descer” à Terra para novas experiências. Não poderíamos viver, na Terra, com o mesmo corpo quintessenciado que usamos lá. Então, nossos pais nos propiciam um corpo feito de carne... tecido de células... este de que estamos usufruindo! Uns enxutos, outros adiposos! Ora, foram seus pais, Paulo e Carol, que lhe presentearam o corpo. Você... você...

Dulce não ia para frente. Ela sabia só até esse ponto. Como é que o espírito se ligava ao corpo carnal, ignorava. Jonas C. então salvou a situação:

— Você, Marisselma, no espaço, foi sentindo uma soneira danada. E com isso foi sofrendo um processo de miniaturização, isto é, foi se tomando igual a uma miniatura microscópica. Mediante o auxílio de técnicos de reencarnação, você se imantou ao óvulo fecundado, no útero da sua mãe, onde passou a funcionar como minúsculo modelador biológico, ou campo estruturador da forma, imprimindo as suas linhas magnéticas nos turbilhões de células. Você realizou inconscientemente um formidável trabalho de modelação de si própria, como ocorreu na ideoplastia, através da qual se constata que um pensamento pode modelar a matéria.

Marisselma ouvia encantada aquelas estranhas revelações e, de repente, saiu com uma que cortou a explicação um tanto científica de Jonas C.:

— Quer dizer que eu, Marisselma, posso já ter sido Cleópatra, em outra existência? — e fez trejeitos e poses da Rainha do Nilo, como vira no filme de Elisabeth Taylor.

Todos riram dela, ao tempo que eu fiquei a imaginar Marisselma, muito alta e loura como Cleópatra, tendo ajoelhado a seu lado, nada menos do que Júlio César. E não sei porque aquele Júlio César, que eu via, tinha a cara do seu namorado Chiquinho.

— Olha aí — exclamou Américo Jorge — que adorava gracejar com Marisselma. Se ela foi Cleópatra, eu fui o grande guerreiro Saladino.

— Você, qual nada, você foi é camelo noutra encarnação — vingou-se Marisselma.

Jonas C. deixava-nos, assim, descontraídos, mas aproveitava os próprios desvios, para ministrar-nos ensinamentos úteis. Acentuou:

— Sempre que pensamos em vida pregressa, nosso egoísmo nos leva a imaginar que já fomos Alexandre, o Grande, Paganini, Marconi, Napoleão, enfim, gente importante. No entanto, o mais certo é que tenhamos sido operários ou criaturas anônimas e de vida prosaica. Algumas pessoas, no entanto, têm bom senso, como me foi dado verificar numa carta da cientista russa Bárbara Iva-nova, endereçada ao prof. Henrique Rodrigues, do Brasil, na qual dizia ter muita vontade de conhecer o Brasil, pois, tinha convicção de, em encarnação anterior, ter vivido nos canaviais de Pernambuco!

O Dr. Elifas, que se encontrava de passagem, ouvindo a aula improvisada de Jonas C., observou:

— O homem realmente tem uma alta apreciação de si próprio. Em minha Clínica Parapsicológica, apareceu uma dama da mais alta sociedade, em virtude de problemas nervosos. Coloquei ao seu lado um sensitivo de cap- — 42 — tação e este começou a revelar uma personalidade dela de outra existência. Infelizmente, tal personalidade não era a de Maria Antonieta, tampouco da linda Me. Récamier, mas de negrinha desafortada e mal-educada de favela do Rio de Janeiro...

Desnecessário é dizer que perdi minha louríssima e bem apanhada cliente. Ela se julgou ofendida.

O diálogo ia caminhando nesse tom e jamais poderia imaginar que um simples concerto da Orquestra Sinfônica ensinasse tantos assuntos. Mais longe ainda iria, pois Jonas C. arrematou:

— Eis o motivo da dificuldade na aceitação da re- encarnação. Como desejariam que um nobre inglês aceitasse a reencarnação? De que modo o admitiria a própria Rainha Vitória, que fez tantas sessões espíritas com o médium John Brown, que ficava à disposição no Palácio, a fim de que conversasse com o seu falecido Príncipe Alberto? Ou digamos ainda, como um fanático da Ku-Klux- Klan admitiria poder renascer, na Terra, negro retinto? Importa por outro lado, que, em virtude deste ensino, não alimentemos a preguiça nem nos mantenhamos num conformismo e estagnação prejudiciais ao gênero humano. A doutrina da reencarnação, aceita com compreensão e sabedoria, seria suficiente para propiciar ao mundo a fraternidade sonhada, porque cessariam as diferenças raciais, as próprias posições sociais perderiam a importância e todos se sentiriam irmãos a caminho da luz, cada um vestindo o traje correspondente ao seu papel. Foi nesse sentido que o grande pensador Maeterlinck escreveu: “...nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e, até certo ponto, mais verossímil.”

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A reencarnação é uma simples crença religiosa?

— Antigamente era uma crença, se bem que das mais antigas e respeitáveis. Hoje, passou também a ser fato rigorosamente pesquisado em nível paracientífico. Podemos anotar aqui o alentado trabalho do Dr. Ian Stevenson, MD, Diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Faculdade de Medicina de Virgínia, Estados Unidos. No mesmo sentido, as pesquisas do prof. Hamendra Nat Banerjee, da Universidade de Rajasthan (Jaipur) e as do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psico- biofísicas dirigido pelo ínclito parapsicólogo, engenheiro Hemani Guimarães Andrade. As pesquisas desse tipo se caracterizam: pela anotação do caso de reencarnação; constituição do grupo de pesquisa para o fato; comparecimento no local; entrevista direta da pessoa que se lembra da vida pregressa e de todos os envolvidos pelo seu relato; bem como quaisquer outras testemunhas; levantamento de dados correlatos, elementos morais e materiais de convergência. Em seguida, os dados são sintetizados e tabulados, permitindo, então, julgamento. Equivale a um processo jurídico penal ou de diligência, para apuração de uma ocorrência, em que tudo é autuado.

Que vem a ser memória extracerebral?

— É uma expressão nova inventada pelo prof. Hamendra Nat Banerjee e sua equipe da Universidade Rajasthan para designar a lembrança que uma pessoa tem de fatos que não passaram pelo cérebro. Se você se lembra de algo que não passou pelos seus sentidos físicos e não estimulou a sua massa encefálica, eis que se trata de memória mas... extracerebral. Toda memória funciona na base de estímulo e resposta. Se um jovem se lembra de que viveu em remota vila da Polônia, chamava-se Andreivitch, na rua tal, n.º tanto, etc., e que faleceu em 27 de dezembro de 1827 e, feita a averiguação, dão-se consideráveis concordâncias, eis que se trata de memória extracerebral, pois que o jovem não podia lembrar-se, normalmente, do que aconteceu quando ainda não tinha nascido!

Que vem a ser regressão de memória?

— Segundo definição da psicóloga Maria Lídia Gomes de Matos: “É o método psicológico para provocar a memória dos fatos do passado gravados no

inconsciente.” Uma pessoa habilitada, através da hipnose, conduz o sujeito a estágios anteriores da sua vida, até a infância e, desta, à vida intra-uterina. Acontece que, muitas vezes, o paciente passa a lembrar-se de uma vida que viveu antes de nascer. Coíneça, então, a relatar às vezes, como se fosse no presente, estados emocionais vividos em existências passadas, mormente se participou de eventos trágicos.

Esse método, porém, só tem valor real, se os relatos forem confirmados, devendo, pois, ser aceito com as devidas cautelas.

Quais as ocorrências mais comuns que revelam reencamação?

— Lembrança de crianças. Banerjee e seu grupo pesquisaram as lembranças de um menino chamado Go-bal, pois este alegava chamar-se Sharma e ter tido um irmão que o matara, noutra existência, o qual fora seu sócio numa fábrica. Feitas as diligências bem programadas, tudo foi confirmado.

Casos há em que o garoto nasce com sinais, como ocorreu com Jimmy que possuía quatro sinais redondos no corpo e dizia ter sido, noutra existência, John Cisko e que tinha sido assassinado a balas. O neurologista, Dr. Ian Stevenson, comprovou o fato.

Uma jovem chamada Jacira se lembrava de ter sido noutra existência o jovem Ronaldo, que havia se suicidado. O Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas pesquisou exaustivamente o fato, não deixando a mínima dúvida de que se tratava de genuíno caso de reencamação (Jacira-Ronaldo — Monografia n.º 3 do IBPP — Hemani Guimarães Andrade).

Trauma — Um trauma pode conduzir a pessoa a revelar uma existência pregressa. Isto aconteceu com a menina Helena Marquard que, tendo sido acidentada na rua, foi levada ao hospital e ali começou a falar em italiano e a se identificar como sendo uma pessoa idosa, Roseta Castelani. Naquele estado de inconsciência, dizia viver em Pádua e que tinha dois filhos Bruno e Branca. O Dr. Schroeder, neurocirurgião, procurou tirar isso a limpo e verificou que em Pádua existira de fato Roseta Castelani, já falecida. Os seus filhos Bruno e Branca ainda viviam e pôde entrevistá-los!

Lampejos — Ocorre que certas pessoas têm lampejos de lembrança, como ocorria com o Gal. George Patton, célebre comandante na última grande guerra, possuído da absoluta convicção de ter sido soldado romano. Gibran Khalil Gibran, grande poeta e filósofo árabe, dizia ter conhecido Jesus e vivido várias vezes.

Déjà-vu ou “já visto” — Impressão que tuna pessoa tem de que já esteve numa cidade, na verdade, desconhecida, mas que poderá descrevê-la com perfeição, acompanhada de profunda sensação de que andou por ali. O Déjà-vu ou “já visto” pode referir-se a uma pessoa, objetos, inventos, viagens, leituras, paisagens, fatos, etc. que nos sugerem a certeza de que já vimos antes.

Anúncio de volta — Casos há em que, por diferentes vias, até mesmo de comunicação do morto, é anunciada a reencamação e ela se dá, dentro de tais pré-informações. O Dalai-Lama, no Tibet, quando morre, é procurado pelos sacerdotes, numa criança renascida em determinado lugar e que se identifica reconhecendo certos objetos do morto.

Marcas de nascença — Crianças que nascem com sinais cuja origem elas explicam, como ferimento em vida pregressa.

Podem os espíritos revelar-nos quem fomos?

— Isto pode ocorrer. No entanto, é necessário aceitar a revelação deste tipo, com rigorosa reserva, pois espíritos levianos ou médiuns influenciados animicamente, desejosos de adquirirem notoriedade, costumam, semcerimoniosamente, dizer que tal fulano foi o Papa João XXIII, que uma jovem qualquer foi Ana Néri e beltrano, José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes.

Por que esquecemos?

— Porque Deus planejou assim e, pensando bem, foi maneira feliz de atenuar nossos problemas espirituais. Quando reencarnamos, geralmente, temos faltas a pagar e provas a passar e, se soubéssemos, isto nos paralisaria. Por outro lado, temos de acertar contas, amando a quem ofendemos em vida anterior. Como nos sentiríamos se soubéssemos que nosso filho amado de hoje, foi, noutra existência, um ser que infelicitamos ou que nos supliciou?

Pode o cristão ser reencarnaacionista?

— O próprio Jesus foi encarnação, pois, antes de Ele ser filho de José e Maria, era filho do Pai, que O enviou. Ademais, em outras passagens, sugeriu a reencarnação, por exemplo, dizendo que Elias, que aguardavam ansiosamente, já tinha vindo, reencarnado como João Batista, a quem degolaram. Quando Nicodemos, na calada da noite, procurou Jesus para saber como se alcançava o reino dos céus, Jesus lhe disse que “importava nascer de novo”. Embora interpretem isto como o sacramento do batismo, ninguém tem nascido de novo, com um simples ato ritual. Também em Mateus 18:7,8,9, Jesus adverte que é melhor reencarnar-se coxo ou cego (“entrar na vida”) do que ter de enfrentar regiões infernalinas pós-morte.

Como conciliar a explosão demográfica e a reencarnação, se nascem muito mais do que aqueles que morreram?

— Se você estiver num vale confinado por altas montanhas de todos os lados, verá nuvens no céu e, depois, elas caírem em forma de chuva dias e dias, até meses, sem se esgotarem. Como poderia suceder isto? Isto se dá porque, além da visão restrita daquele vale, o espaço se prolonga ao infinito. Fora daquele vale existe um grande oceano, que se está evaporando e dele subindo vapor e mais vapor, formando nuvens e nuvens que o vento leva sobre o vale, onde a chuva continuará caindo sem parar.

É necessário, pois, que nos capacitemos de que os mundos são ligados entre si e que os espíritos vão se deslocando de um a outro planeta geralmente em ascensão, formando, em cada um, reservas enormes. Sabemos, por exemplo, que a população de espíritos existentes no Além é muitas vezes superior à atual que vive encarnada em nosso globo.

Que sentido importante tem a reencarnação?

— Sem a reencarnação, não seria possível justificar a justiça de Deus, pois os destinos são desiguais e muitos nascem já cegos, mudos, surdos, aleijados, dementes, e não tiveram tempo de cometer pecado algum nesta vida. Uns nascem em berço rico, outros em lar miserável, este inteligente, aquele mediocre. Sem a reencarnação, a vida não faria sentido algum. É uma doutrina que explica o Ser, o Destino e a Dor. Leiam o livro “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” de Léon Denis.

Capítulo IV ○ SONO E OS SONHOS

— Tive um sonho bacana, nesta noite — disse Kátia. Sonhei que montei numa libélula e voei sobre montanhas, vales e mares. Uma delícia e tudo colorido. A libélula, de repente, se transformou num burro paqueiro que eu puxava, arduamente, de um atoleiro. Depois de muita dificuldade consegui tirá-lo dali. Olhei para o alto e aterrorizada vi que vinha sobre mim enorme águia e que falava como gente, convidando-me para viajar, com mais segurança, nela. Então acordei. Qual será o significado disto?

— Sei lá — respondeu a professora Regina. A gente sonha coisas tão disparatadas. Eu, por exemplo, durante anos, sonho que estou querendo parar um monjolo que faz aquele barulho típico “bum-bum-bum”, causando-me mal-estar. Quando aflita tento parar a roda d’água, ela me arrasta para o rio e, então, acordo.

— Eu não sonho nada — disse Genoca que, enquanto falava, varria o terreiro. Durmo profundo, tão profundo que o meu marido diz que poderão pegar-me, enfiar-me dentro de um saco e jogar-me no rio. Mesmo assim, ele não tem certeza de que me acordarão.

Estávamos passando um fim-de-semana no pesqueiro Sinhá Junqueira. O rancho muito bem construído, num ponto mais alto da barranca do rio, tinha no lado direito um campinho de futebol e na frente uma frondosa e secular figueira, cujas raízes chegavam a mergulhar nas águas. Sentados nas suas nodosas raízes, estávamos, como que improvisando uma mesa-redonda em tomo do sono e dos sonhos. Não houve integrante da turminha que não contasse o seu sonho. Elza, moreninha muito bonita, a quem todos chamavam pelo apelido de Lolobrigida, também, acrescentou o seu caso:

— Eu durmo bem, mas mamãe diz que saio da cama, dormindo, vou à cozinha e depois volto. Dizem que sou sonâmbula. Mas não acredito nesse negócio. Deve ser piada... *

De nada valia fazer uma mesa-redonda, sem que alguém mais competente apanhasse os fatos e os utilizasse para uma interpretação. Só mesmo Jonas C. poderia fazê-lo. Por isso, não resistimos ao impulso de interromper a soneca que ele estava tirando na rede. Era hora da sesta, pois, com o sol a pino, ninguém naquela região se aventurava a enfrentar o sol causticante do meio-dia. Daí que uns jogassem dama e outros baralho, enquanto nós conversávamos à sombra da figueira.

Jonas C. abriu os olhos e, sonolento, exclamou:

— Que é? Que querem?

— Desculpe. Estamos falando sobre sono e sonhos — tartamudeou Carlinhos, apelidado “Bolinha”, de tão roliço que era.

— E por causa de sonhos e sonhos querem me enganar que não vão me deixar dormir? E, afinal, moleque, por que você não está comendo?

Levávamos Bolinha nas pescarias. Ele não pescava nada. Sumia. Quando davam por fé, sentado atrás da porta ou dentro da perua, devorava todas as viandas, pastelões ou bolos, deixando a turma na mão.

— Eu não tenho culpa, “seu” Jonas... Foi o Fer que mandou.

Jonas, depois de tais costumeiros protestos, não resistia ao fascínio dos que desejassem aprender. Afinal, aquilo lhe era convidativo. Então, esclareceu à turma:

— O sono, até hoje, não tem sido explicado satisfatoriamente. É verdade que recentemente estão estudando-o mais a fundo, utilizando aparelhamento eletrônico, principalmente o eletroencefalógrafo que registra as ondas cerebrais, num traçado conhecido pelo nome do eletroencefalograma ou, abreviadamente EEG. Assim, já sabemos que o cérebro continua funcionando enquanto dormimos, nossos olhos se movem, como se acordados estivéssemos. Registrando-se, porém, tais ondas constata-se que o sono não se conserva sempre igual, mas assemelha-se ao mar que se eleva, em virtude de maré, ao mesmo tempo que as ondas crescem ou decrescem, mas em ritmos classificáveis em ondas do ritmo alfa, próprio da vigília, até atingir o mais profundo e calmo estado, no ritmo delta. Se uma pessoa for acordada na fase mais superficial, ela se lembra do sonho. Se, porém, for acordada na fase mais profunda, em ondas deltas lentas, não se lembra do sonho. Daí que as lembranças dos sonhos sempre sejam das mais incoerentes, que se dão em estado superficial. O sono profundo, profundíssimo, é indevassável. A ciência não consegue saber qual seria o nosso estado consciencial. O sono profundo seria irmão da morte, como dizia Francisco de Assis?

Todos ouvíamos encantados as explicações, mas sempre há os que não permitem que as exposições prossigam. E foi Kátia que, interessada no seu problema pessoal, importunou Jonas C.

— Mas, afinal, eu já lhe contei, várias vezes, o meu sonho da libélula e você não me disse nada...

— Sim. Também com tanto bicho no mundo, você vai logo escolher uma libélula, que não serve, nem mesmo de palpite para o “jogo do bicho”...

Foi só gargalhada. Kátia ficou encabulada. Jonas C. não aguentava um rostinho zangado e, tendo parentesco com ela, abraçou-a com muita ternura e disse:

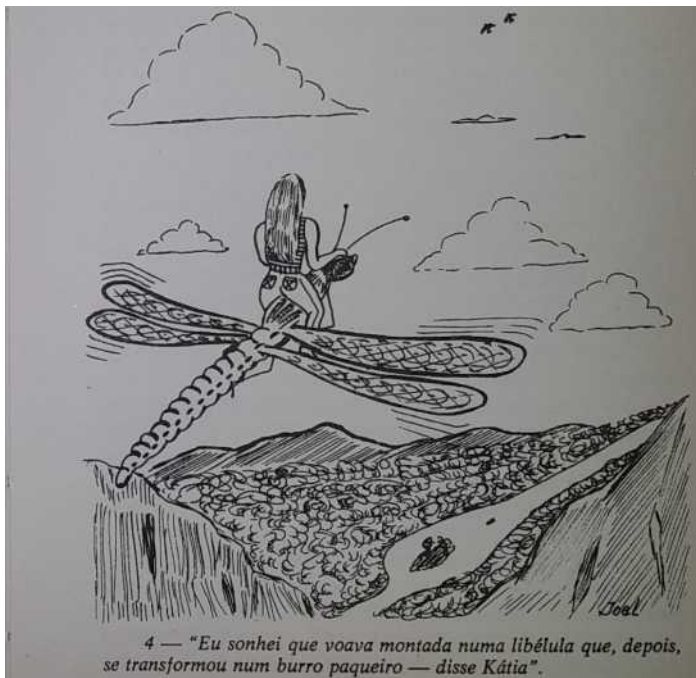
— Sabe, Kátia, eu não sou oniromante. Oniromante é aquele que adivinha pelos sonhos, isto é, pratica a oni-romancia. José, filho de Jacob, foi vendido pelos seus irmãos e o levaram para o Egito. Ali era um pobre escravo e ficaria sempre assim, não fosse um sonho enigmático do Faraó. O Faraó havia sonhado com 7 vacas gordas e 7 vacas magras. Como José vivia adivinhando sonhos de pessoas humildes, indicaram-no ao Palácio como sendo o único adivinho que poderia dizer o significado do sonho do Faraó. Realmente, José preveniu o Faraó de que o Egito teria sete anos de muita fartura e excelente colheitas, mas que, depois, passaria sete anos na penúria. Com isto, o próprio Faraó o designou Primeiro Ministro, para que tomasse as providências necessárias. Embora essa pas-

^ sagem bíblica nos pareça enfeitada, muitos adivinhos se enriqueciam, granjeavam posição de destaque na corte, à custa de interpretação dos sonhos, se bem que aos outros, infelizes, quando erravam na adivinhação, o rei mandava cortar-lhes a cabeça. Eis, pois, queridíssima Kátia, que eu não estou muito disposto a que você me corte a cabeça ...

Kátia não sabia o que dizer e, no fundo, achou Jo- nas C. muito finório. Mas este foi um pensamento injusto, porque Jonas C. continuou:

— ... Acho que você vai passar por momentos agradáveis e felizes. Subir, levitar, voar, tudo colorido! Depois, vai se atolar no brejo. Tão logo você consiga sair desse estado de dificuldades, será convidada para nova aventura, mas, diferente da anterior. Vão enganá-la. Esse novo convite é de gente águia, maliciosa e mal intencionada. Portanto, cuidado, garota...

Beatriz nem piscava os olhos. Para ela, aquilo tudo era palpitante. Falou-se em horóscopo, “buena dicha”, cartomancia ou quiromancia, estava para ela! Por outro lado, a sua própria vida lhe parecia um estado de sonho, como se não existisse realidade. Então, buscava no mundo oculto aquilo que não achava neste. Sonhava freqüente- mente com um bonito jovem, atrás de quem corria até não poder mais. Quando o alcançava, olhava bem no rosto dele e a sua face de galã se transformava em máscara debochada de folião carnavalesco. Daí por diante era ela que atemorizada saía correndo e o rapaz, perse- guindo-a. Sempre, assim, neste círculo vicioso. Ela contou isto com a sua vizinha muito doce, ao que Jonas C. observou:



4 — "Eu sonhei que voava montada numa libélula que, depois, se transformou num burro paqueiro — disse Kátia".

— Já disse que não sou versado em tais artes divinatórias. No entanto, penso que a sua vida será sempre assim, ao menos durante muitos anos. Você vai andar no calcanhar dos namorados. Quando eles toparem, você fugirá. Nunca você encontrará aquela identificação entre o que você imaginou e o que encontrou.

— Mas por que isto?

— Não sei, mas pode ser um condicionamento de outra existência. Quando a Psicanálise enveredar pela vida pregressa verá que muitas reações atuais do ser humano se situam em traumas que trouxe de vida anterior. Você já nasceu com um instinto de defesa muito grande, embora isso ficasse no seu inconsciente.

— E eu? — disse Soraia. Os jovens me são indiferentes. Não consigo gostar de ninguém...'

— Você, Soraia, está me tirando fora da jogada. Estamos interpretando sonhos e não analisando traumas. No entanto, muitas criaturas não encontram na Terra a pessoa a quem desejariam entregar-se de corpo e alma e amar profundamente. É que o seu verdadeiro amor, a sua alma afim poderá estar no Além ou morando noutras plagas espirituais. Buscam em vão. Por fim, se não acharem, terão de se conformar, na certeza de que os filhos preencherão todos os vazios do coração.

Enquanto dava essa explicação, eu pensava como a humanidade sempre haveria de ser incompleta. Se a nossa verdadeira vida era a espiritual e a nossa pátria, aquela no Além, nessa questão de querer bem, amar, sonhar, poderíamos não sentir nunca uma satisfação plena. Onde estaria a alma querida da nossa alma? Jonas C. talvez pensasse a mesma coisa. Nunca se casara. No entanto, era homem másculo.

— E o meu sonho do monjolo — interrompeu o silêncio a professora Regina. Nenhuma atenção para a gente?

— Você... o monjolo... desejar pará-lo... não conseguir, tudo isto revela estado de angústia, embora possa ser inconsciente. Frustração.

Jonas C. acariciou um cachorrinho vira-lata que vivia se enroscando nas suas pernas e, em seguida, prosseguiu.

— Desde que o mundo é mundo, temos querido interpretar os sonhos. Até que surgiu um médico famoso chamado Freud, que se meteu a analisá-los e descobriu neles algum sentido para orientação no tratamento das doenças mentais. — A sua teoria se fundamentava no fato de que reprimimos nossos sentimentos e impulsos e atiramo-los lá dentro do porão do inconsciente. Freud infelizmente tinha uma mania: levava a interpretação do sonho quase sempre para o lado do sexo. Para ele, o gerador mór e quase que soberano dos desequilíbrios era o deusinho Eros. Os sonhos eram-lhe válvulas de escape de todos os nossos desejos reprimidos.

— Os sonhos são sempre simbólicos? perguntou Américo Jorge. Eu tenho um livrinho “O Significado dos Sonhos” e lá diz: “Braço — Perder um braço: decepção amorosa muito séria. Jogue no burro — Grupo 3.” Cansei de jogar, jamais acertei.

— Então é essa aí, seu “burregório” — disse arrelhando o seu grande amigo Gerson. E, logo mais, estavam se engalfinhando.

Jonas C. sorriu e respondeu:

— A linguagem dos sonhos é quase sempre simbólica, mas já tenho sabido de sonhos que transmitem o fato diretamente, sem subterfúgios. Um dia Ismael Gomes Braga estava traduzindo o Evangelho Segundo o Espiritismo para o Esperanto. Eis que esse notável esperantista sonha com Allan Kardec, que lhe aparece e diz: “corrija”. Ismael volta a examinar o trabalho e constata, admirado, que na obra faltavam inúmeros trechos do Evangelho.

Vê-se, pois, que não houve símbolo algum. Tais revelações oníricas são comuns quando premonitórias. Mrs. Maureen Wiseman, do Condado de Norfolk, sonha

que o ônibus que ela ia tomar se espatifou. Na hora de embarcar, recusou-se a subir no veículo. E, de fato, o pavoroso desastre aconteceu e ela se salvou.¹

— Afinal, no que ficamos, quanto ao sonho? — voltou à carga a professora Regina, que era muito positiva.

— Ficamos ainda em confusão — assentiu Jonas C. Afinal, essa posição de perplexidade não é só nossa de leigos, mas também dos próprios psicólogos, psiquiatras e parapsicólogos.

A verdade é que existem sonhos de inúmeras maneiras, de formação diferente e, assim, não podemos nos servir de um parâmetro único para interpretá-los. Existem sonhos desconexos, absurdos, embaralhados frutos do cérebro funcionando a esmo, sem coordenação. Não significam coisa alguma e diríamos sonhos fisiológicos. Existem sonhos de dramatização emotiva: um fulano recebe notificação de Imposto de Renda, com grande multa por sonegação. À noite, sonha que a Gestapo está perseguindo-o. Sicrano foi dormir varado de fome. Sonha que é toureiro, todo engalanado numa praça de Madrid, debaixo do aplauso frenético da multidão. De repente, ele se transforma num açougueiro e começa a devorar o tomo vivo. Se roçamos um perfume francês nas narinas de quem dorme, podemos levá-lo ao Moulin Rouge. Já a criança é muito comum sonhar que está urinando..

— É isto mesmo — atalhou Kátia. O Marcelo diz sonhar que está apertado. Procura uma árvore e faz xixi... Acorda e a cama está toda molhada...

Marcelo, que era ainda pequenino, pegou uma vara, disse uns palavrões e saiu atrás da irmã para alcançá-la.

Jonas C. nem ligou e prosseguiu.

— Nesse estado de relaxação (relax) provocada pelo sono, dão-se as mais estapafúrdias dramatizações. Mas quando esse mesmo sono fica profundo é como se morrêssemos e já, em ritmo delta, a ciência não consegue sequer imaginar o que se passa.

— Se a ciência não sabe quem é que poderia saber? acentuou Fer.

— Aí que está — continuou Jonas C. O Espiritismo Científico sabe perfeitamente o que se passa. No sono profundo, o nosso corpo espiritual ou psicossoma se projeta fora do corpo carnal. O homem se desdobra e adquire aquilo a que Kardec denominou bicorporeidade. Em corpo espiritual, poderá viajar, visitar amigos, divertir-se... enquanto o seu corpo físico fica na cama, parecendo morto.

Egisto dormia na relva, de papo para o ar, e chegava até nós um som cavo assoprado pelas bochechas e, depois, outro como assobio. Todos olharam, riram e pareciam indagar: “Por onde andar a alma desse sujeito”?

Fer, porém, não estava para perder tempo. E logo foi para cima de Jonas C., com outra questão:

— Uma pessoa dormindo assim pesado, poderia, em espírito visitar uma Cidade do Plano Espiritual, como “Nosso Lar”?

— Sem dúvida alguma. Se fôssemos videntes, à noite veríamos a multidão de terrícolas que sobe a outros planos. De cidades astralinas, mentores espirituais convocam-nos para reuniões. Às vezes são verdadeiros concílios ecumênicos de religiosos de todos os credos. Soubemos de um grande conclave que houve, no espaço, só de médicos. Estes ouviram preleções sobre as correlações importantes entre a mente e o corpo, espírito e matéria, que deviam levar em consideração, quando receitassem remédio e não considerassem o corpo como uma máquina. Por outro lado, chamaram-lhes a atenção para o amor, pois a

¹ (*) Recomendamos a leitura da obra “Freud e as manifestações da alma”, de Carlos Imbassahy — Editora Eco

medicina é um sacerdócio e o espírito, que se reencarna para ser médico, e se esquece completamente disto, tornando-se mercenário, curtirá na volta ao plano espiritual verdadeiro calvário e desejaria, antes, não ter nascido na carne. Certa feita, houve uma reunião de grandes magnatas e de todos os membros das classes conservadoras. Os mentores espirituais apelaram para que os empresários conciliassem a necessidade do lucro indispensável à sobrevivência e expansão da empresa, com uma justiça social espontânea. Artistas são também convocados para tais reuniões, no Além, e são instruídos quanto à importância da arte, como um dos elementos mais preponderantes no progresso do espírito.

— Mas de que adianta, se a gente, dormindo, vai para outros planos e entra em contato com excelsos mestres da espiritualidade? Quando a gente acorda, engole depressa o café com leite e sai em disparada, não se lembrando de mais nada — obtemperou Nilo Raldi, empresário muito dinâmico, mas inclinado a disciplinas espirituais.

— Nem tanto ao céu, nem tanto à Terra — objetou Tonas C. calmamente — pois as idéias que, no Além, foram lançadas ficam bem lá dentro do inconsciente e que, no momento aprazado, como ocorre com uma semente oculta, num montículo de terra, germina e se transforma em árvore frondosa.

Quantas vezes, não levantamos com propósitos renovados. Às vezes, um negociante retrógrado, para surpresa de todos, passa a auxiliar o humilde empregado, manda construir uma casinhola para a velha e sacrificada empregada doméstica e toma atitudes liberais que ninguém esperava e isto, em conseqüência, do que ouviu e viu fora da matéria.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Que é desdobramento?

— É a faculdade que certas pessoas têm de se projetarem fora do corpo físico. É conhecido pelo nome de bicorporeidade, projeção do corpo astral ou “out-of-the-body”, expressão inglesa que quer dizer: “fora do corpo”.

Todos nós nos desdobramos, principalmente quando dormimos, mas só algumas pessoas se lembram de onde estiveram e o que viram, durante o estado de sono induzido (provocado) ou espontâneo.

Hamilton Prado, grande advogado paulista, deputado e líder partidário na Câmara Federal, tinha este dom e nos revela os seus estranhos passeios, o encontro com espíritos, a visita a planos espirituais, enquanto o seu corpo carnal dormia!

Hoje, os fenômenos de desdobramento estão sendo os mais pesquisados pela Parapsicologia, no setor reservado à Psi-Theta, investigação esta ligada à sobrevivência do espírito. O médico Raymond A. Moody Jr. fez um estudo brilhante das pessoas que foram clinicamente dadas como mortas, nos hospitais e que voltaram à vida. Elas revelaram a existência real de uma vida após esta vida, coincidindo com os ensinamentos da Doutrina Espírita. Leiam o livro “Life After Life” desse médico, Raymond A. Moody Jr., traduzido em nosso idioma com o título “Vida após Vida”.

Pode o espírito de uma pessoa viva aparecer a outrem?

— Perfeitamente e isto é comum, principalmente quando a pessoa está muito doente ou preocupada com outra. No caso de moribundos isto se dá amiúde, pois os laços que prendem o espírito à carne se afrouxam e a alma sai fora do corpo e pode buscar pessoas queridas para avisá-las.

Célebre é o caso do cap. Roberto Bruce. Ele navegava perto da Terra Nova, quando viu um misterioso cidadão escrevendo na sua escrivania. Procurou apro-

ximar-se e o cidadão desapareceu como um fantasma, mas deixou um bilhete: “Navegue para Noroeste”. Seguindo, o capitão, aquela nova rota, descobriu o navio Quebec naufragado e os sobreviventes se debatendo nas ondas. Recolheu-os todos, um daqueles naufragos recolhidos a bordo era idêntico ao fantasma que lhe havia deixado o bilhete na escrivania. O Capitão Bruce mandou que o cidadão escrevesse num papel as mesmas palavras do fantasma. Conferiu a caligrafia: era igualzinha!

Por que, dormindo, se dão casos extraordinários de percepção ou atuação extra-sensorial?

— Justamente porque o espírito sai fora da caixa corpórea e o homem cresce em sua dimensão psi, passando a ver, ouvir e sentir de maneira mais extensa e perfeita.

Notem que grandes descobertas científicas, como a do cientista Friedrich August Kekulé, no tocante à molécula de benzeno, se dão em virtude de sonhos.

Outrossim, grandes vaticínios, profecias, precognições de toda sorte, vêm ao homem através de sonhos.

Conforme o tipo de sono, o homem passa a viver, em parte, espiritualmente (ou melhor espiriticamente), libertando-se das leis físicas, químicas, biológicas e até do próprio espaço-tempo. Fora deste nosso estreito espaço-tempo, que é muito relativo, dado pelo nosso relógio, ele-lo adivinhando ou prognosticando acontecimentos futuros.

Não lhes parece estranho que um homem, dormindo, possa muitas vezes, ver, ouvir, conhecer, resolver problemas, com mais facilidade do que outro acordado? Importa, pois, compreender que aquele humilde jardineiro, João dos Anzóis, é muito maior como indivíduo espiritual, do que se nos apresenta nesta existência. Poderá ele ter sonhos contínuos de que leva vida faustosa, num Palácio, cujos detalhes deixam transparecer que realmente já viveu aquela vida.

Para uma análise completa do sonho, faz-se mister que os psicólogos e psiquiatras aceitem aquilo que o Espiritismo ensina: a reencarnação e o mundo dos espíritos, bem como as complexas influências entre os encarnados e os desencarnados.

Remetemos o aluno para o nosso livro “Os Mortos Acordam os Vivos”, capítulo 7 — “Os sábios também sonham”.

Capítulo v **NASCER É MATERIALIZAR-SE**

Jonas C. tinha pedido a Fer que bancasse o operador e, desta forma, projetasse para a turminha à qual ele chamava carinhosamente de Patota — umas fotos coloridas, de autoria do célebre fotógrafo Lennart Nilsson e outras, todas referentes à formação da criança no útero materno.

As garotas e os rapazes ficaram de olhos grudados na tela. Lá estava registrado um dos acontecimentos mais empolgantes da vida: o aparecimento do homem, na face da Terra. Espetacular a maneira de o homem nascer.

Na primeira foto, a fecundação do ovo pelo espermatozóide. O ovo parecia uma bexiga cheia de ar, leve e transparente. Seguiu-se de massa amorfa, a formação do ser ainda em embrião. Depois de 32 dias, o ser humano era um pontinho indefinido, que ninguém diria ser possível tornar-se um homem. Ei-lo, então, assemelhando-se a um peixinho, em possível repetição filogenética até atingir feições simiescas e, logo mais, necessitado de carinho e calor, enrolado sobre si mesmo, mas todo enrugadinho. Prontinho, um feto! Ninguém diria que aquele projeto de gente poderia vir a ser um Hitler furioso ou um Gandhi pacífico, um imbecil Chico Tonto ou um genial Einstein!

— Creio que vocês prestaram bem atenção nas imagens. O ser humano não é algo que já aparece pronto e acabado. Ele *vai se* materializando. Uma força delicada, inteligente e cheia de vontade vai trabalhando esse material protoplásmico até que o converta em neném pronto e acabado para ser expelido do útero. O médico obstetra recebe-lo-á e os pais sorrirão embevecidos: “carne da minha carne”. Deu-se o milagre de amor. Para o bebê nascer, a natureza, dirigida pela Inteligência Criadora, cercou esse serzinho, tão frágil e inerte, de mil e um instrumentos eficientes de defesa; inclusive colocou-o dentro de um saco de placenta, cheio de água tépida, para amortecer-lhe os choques.

Jonas C. assim falou meio eufórico, o que sempre ocorria quando observava a natureza e desta partia para uma reverência ao Criador.

“Por que razão — costumava dizer — o homem tirou Deus da natureza e o colocou na gaiola de um altar, tornando-o inerte? Não seria melhor que acostumássemos as criancinhas a descobrirem o amor, a inteligência e a beleza do Pai na delicadeza da folha de uma avença, no exuberante colorido da petúnia? A gaivota, voando na amplidão serenamente ou o peixe cindindo as águas, não lhes diriam mais que o avião e o submarino? Importava infundir na criança essa reverência e, depois, até mesmo um certo orgulho, de modo que a criança dissesse: “Tenho muito orgulho do meu Pai-Criador. Se ele me faz tanta coisa, por certo, não me desampará.”

Jonas C. ali estava, na frente dos seus discípulos, naturalmente limitado pela própria limitação espiritual deles. Por isso, com esforço voltou ao tema.

— Nascer, pois, é materializar-se. O homem carnal é um espírito que se materializ^{de} forma definitiva. Não definitiva, para sempre, mas para um tempo existencial necessário de 60 a 80 anos. Somos, na verdade fantasmas materializados com os elementos simples do planeta Terra: cálcio, iodo, ferro, chumbo, fósforo, etc. Por isso, o Dr. Gustavo Geley, observou com exatidão: “A reencarnação não passa de uma materialização normal, completa, lenta e durável. Para realizá-la, a força espiritual vai buscar os elementos essenciais do seu corpo ao germe orgânico fecundado: depois, por assimilação, aos produtos de nutrição, aos elementos colhidos exteriormente, mas quase exclusivamente na matéria suficientemente evolucionada dos vegetais e dos animais”.



5 — “O Espírito da bela jovem, Ana Flora, perfeitamente materializado, conversou com a mãe, afagou-a e trouxe-lhe flores

Rosana, jovem muito meiga e delicada, começou a demonstrar inquietação. Eles sentavam-se como queriam, nas cadeiras, poltronas ou no chão, em posição de ioga ou simplesmente encostados na parede, mas ela demonstrava não estar bem em posição alguma.

— Que é que há Rosana? — indagou Jonas C.

— Sabe, Jonas, eu não sei o que vem a ser materialização. Se você fala que nascer é materializar-se, eu fico na mesma...

— Você tem razão. Acontece que coloquei o carro na frente dos bois. Mas vamos lá... Fer, passe outra série de “slides”, relativos a uma sessão de materialização.

Apagaram-se as luzes e, na tela, apareceu uma imagem branca, leitosa, algo indefinível que parecia, assim, uma clara de ovo meio cozida.

— Que é isso? perguntou Rosana.

— É o que conhecemos pelo nome de ectoplasma. É matéria fluidica exsudada pelos médiuns de efeito físico. Estes médiuns tem essa faculdade prodigiosa, semelhante à aranha que tira de si mesma os delicadíssimos fios com que fabrica a sua teia.

Nós suamos suor aquoso. Eles, em condições especiais, geralmente, de transe, expõem esse material ainda desconhecido da ciência convencional, embora já tenha sido muito pesquisado por notoriedades científicas. O próprio nome ectoplasma foi introduzido por Charles Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia. Portanto, não se trata de invencionice ou “superstição” espírita.

— Certo, — obtemperou Fer, que andava mergulhado em estudos de biologia — mas nos compêndios escolares não há referência à tal ectoplasma, mas sim, à de outro tipo.

— Você tem razão, no entanto, esse ectoplasma es- pirítico tem existência real. Muitos cientistas já o pesaram e o fotografaram. Eu citaria, de raspão, o grande cientista inglês William Crookes, que descobriu a matéria radiante; W. Crawford, da Universidade de Belfast, que o mediu de todas as formas, pois era professor de Mecânica, enquanto que Schrenck-Notzing, Mme Disson e Le- biedzinski mandaram até fazer análise rigorosa desse estranho material. O problema é que o ectoplasma se desvanece. Mormente tem horror à luz e se desfaz instantaneamente quando o iluminamos, a não ser que os operadores espirituais o preparem, para tal fim experimental. Ele se desfaz quando desejamos colocá-lo num recipiente, deixando nele apenas resíduos. E a ciência — caro Fer — não está para isso. Ela não se aplica a nada que apareça e desapareça ou que possa estar aqui e possa não estar na hora aprazada. A ciência, assim, terá de permanecer sempre no nível mais congelado do Universo, na matéria palpável. Mas, acredite Fer, que, além dessa matéria inorgânica e orgânica que você, na Faculdade, examina com o microscópio, existem miríades de outras no imenso universo. É verdade que, através de aparelhos em infra-vermelho já conseguimos observar, no escuro, a formação do ectoplasma, mas, mesmo assim, o cientista se esquiva, agindo como os professores universitários que não queriam olhar no telescópio de Galileu, receosos de se tornarem hereges.

Fer, que se preparava para ser médico, muito apegado a Jonas C., sabia que aquele final discursivo se destinava a todo estudante de medicina. Jonas C. não cansava de dizer que o médico era. o profissional mais condicionado, pelos seus estudos, a negar o espiritualismo concretista, o fato espírita, o espírito real e tangível, porque mergulhava a cabeça nas tripas e acabava com uma cosmovisão “tripina”.

— Será que isso poderá me acontecer? disse Alzira que já cursava a Faculdade e que, também, era profundamente interessada na Doutrina

Espírita e em tudo que proporcionasse uma visão mais ampla do ser. Confessava-nos: “O que tenho, na minha vida juvenil de mais precioso é esta convicção espiritual. Achei-a, aqui, com você, Jonas C., nesta casa, em contato com as entidades espirituais. Se é para perder todo esse maravilhoso achado que nos dá força, resolução e paz, mesmo nas tempestades, não sei se vale a pena formar-me médica! ”

Jonas C. adorava a jovem Alzira. Abraçou-a ternamente e beijou-lhe os cabelos. Era uma alma de escol, coração puro e sincero. Consolou-a:

— Você tem razão, Alzira. De que vale ter acumulado um mundo de nomes difíceis e dissecado o cadáver se, através desse método analítico, vocês caminham em sentido contrário à realidade do ser, que é um todo? Como uma formiga poderia falar do homem, se a sua Universidade Formiguenta se colocasse na unha do homem e se pusesse, ali, a analisá-la, sem sair do dedão? Assim, vocês médicos com tal método nunca poderão saber do Espírito que está na razão de ser de tudo! Mas, eu falo para vocês, apenas como advertência, para que fujam a tal hipnose. Conheçam os fenômenos físicos e utilizem as suas leis para o bem da humanidade. Isto é muito nobre e belo, mas... conservem a mente elevada para perceber a existência de um mundo maior.

— Hipnose? Que tem a ver nosso estudo com a hipnose?

— Não são só vocês os hipnotizados, mas a maioria dos homens. Muitos hipnólogos de circo fazem um homem fixar a vista num objeto reluzente e, por meio de cargas sugestivas, levam o paciente ao transe hipnótico e este fica dominado completamente, sem mais capacidade para ver por si mesmo! Assim, as disciplinas, os professores catedráticos, os livros bem escritos, as experiências, o meio ambiente doutoral e a sociedade em geral, podem criar um condicionamento e vocês não verão nada mais além do que aquilo que “eles” viram! No entanto, a Medicina tem heróis que se conservam acordados, voltados para o invisível!

— Vejam esta foto aqui! — disse Jonas C. — continuando a projeção de “slides”.

— Gozado! — exclamou Marco Polo — parece algodão!

— Você tem razão. Nas fotos, o ectoplasma, saindo pelo orifício nasal e pelo ouvido, parece gaze. Tanto é assim que, certa ocasião, o repórter de uma revista, desejando agredir o Espiritismo a fim de demonstrar pretensa fraude numa sessão de materialização, publicou uma foto destas dizendo: “a médium escondeu metros de tecidos no nariz e no ouvido, com os quais, depois, se fantasiou de fantasma...”

Todos deram risada da mancada do repórter.

— Olhem esta foto seguinte!

Ouviu-se o barulho do automático do projetor e, na tela, aquela nuvem ectoplásmica branca, havia se transformado num rosto de mulher muito mal esculpido. A impressão era de que tivessem querido fazer uma estátua com neblina compacta.

— Vocês notam que existe, atrás disso tudo, uma criatura pensante que está tentando esculpir-se em ectoplasma! Mas esse ser, naturalmente um espírito, está lidando com material muito instável, movediço e excessiva- — 69 — mente plástico, daí a dificuldade. É como se déssemos mingau de gesso para um escultor célebre fazer uma Vénus de Milo... Passemos à chapa seguinte.

— Maravilhoso! exclamou Soninha Cabral.

E todos concordaram. Aquele debuxo se convertera como num passe de mágica, em linda mulher. Uma mulher de outro mundo!

Os espíritos materializados, como essa moça, se movem? — redarguiu Soninha.

— Depende da maior ou menor perfeição da materialização. Quando a materialização é perfeita, o espírito se apresenta como uma pessoa. Pode estender-nos a mão, cumprimentar-nos, locomover-se na sala e até falar. A jovem dessa foto chamava-se Ana Flora. Havia falecido em pleno viço da adolescência, no Rio de Janeiro. Ana Flora materializou-se, conversou com a mãe, trouxe-lhe flores, derramou-lhe perfume e a beijou.

— Eu gostaria muito de ver uma sessão de materialização — disse Fer.

— Eu, também.

— Eu não... nessa não... — disse Mirtha Gradeia — com gesto de que desejava ver isto de longe. — É no escuro? Essa de escuridão... fantasma... branco. Não vou nessa, não... Fico arrepiada só de pensar...

Jonas C. parou um pouco. Achou graça do temor de Mirtha e disse:

— Nem parece mulher feita. Medo do quê? O escuro infelizmente é uma contingência, pois os fofons destroem o ectoplasma. Vocês poderiam passar cinema em plena luz solar? Assim, também, tais efeitos ectoplásmicos, que são chamados de efeitos luminosos. No entanto, com método e tenacidade, as sessões poderão ser

realizadas com luzes especiais ou mesmo naturais, bem fraqui- nhas. Eu já assisti a muitas sessões, com claridade ótima.

— O fantasma que você viu — voltou a falar Mirtha — era uma zinha bonita como esta?

— Pelo contrário. Era um fantasma de dois metros de altura ou mais. Era todo branco. O seu rosto era como de escultura feita de gesso, mas não completamente acabada. Ele me chamou. Cheguei a ficar frente a frente com ele. O fantasma me estendeu as mãos e elas pareciam feitas de borracha. Ele me perguntou se eu tinha levado um disco. Respondi que sim. Dei um passo para trás, apanhei o disco de cima da cadeira e entreguei-lhe. Ele pegou o disco e foi enrolando, como se enrolasse uma folha de cartolina, até fazer um canudo. Depois devolveu-me. Quando me devolveu o canudo de disco, estava pegando fogo!

Todos nós ouvimos atentos. Jonas C. pediu à Pixoxa para apanhar o disco, que se encontrava na gaveta da estante.

— Podem vocês examinar o disco...

Passou o disco enrolado de mão em mão. Sem dúvida, era algo para deixar qualquer um de boca aberta.

— Eu não disse que com estas coisas não se brinca? resmungou Mirtha.

— Tudo é questão de hábito — acrescentou Jonas C. Geralmente, quando privamos com essas almas de outro mundo, somos tomados de afeição por elas...

— Afeição?! Gostar no duro de uma alma de outro mundo?

— È que a humanidade ficou condicionada a temer os espíritos e a palavra “alma de outro mundo” causa impressão de fantasmas, em noite de tempestades, arrastando correntes, pelos castelos medievais. Mas não é nada disso. Os espíritos são pessoas como nós. A nossa falecida mãe é um espírito. Nosso paizinho e todos aqueles entes queridos que partiram. Geralmente, são temas, pacientes, conselheiras e bondosas. Fazem sacrifícios enormes para vir do Além trazer-nos a consolação, o medicamento, a esperança e, sobretudo, dar-nos prova da sobrevivência da alma.

Jonas C. dirigiu-se ao arquivo de aço e começou a remexer num gavetão. As suas gavetas eram piores que bolsa de mulher. Ele socava dentro delas tudo quanto era papel, anotação, misturando-os com objetos, lápis, canetas, lascas de madeira e barbante. Sorrindo, com o acaso feliz, disse:

— Achei! Eu sabia que ia achar... apesar de que nunca acho nada. Quero que vocês vejam esta fotografia. Nela estou sendo abraçado pelo espírito materializado de uma mulher falecida que, em vida, foi freira.

A foto andou de mão em mão. Era incrivelmente perfeita. Lá estava o prof. Jonas C. bem juntinho com uma jovem mulher do Além.

— Agora vejam esta outra. È a mesma entidade, Irmã Jesualda, cercada de crianças.

. — Puxa vida! E essas criancinhas não têm medo? — disse Cybele.

— Mostrei-lhes tais fotos, por isto mesmo. Essas crianças são filhinhos dos diretores do Grupo Espírita. Estão tão acostumadas com tais manifestações e conversam com espíritos, como se fossem gente viva. Oferecem-lhes flores. Pedem-lhes a bênção. Sentam-se ao redor e ouvem histórias contadas pelo espírito. Quando o espírito é de uma criança, como Japi, indiazinha, tornam-se ami- guinhas dela e fazem brincadeiras.

Ana Regina que se encontrava caladona, sempre às voltas com uma mediunidade embotada e que não a desenvolvia, em virtude de reação instintiva de medo, indagou:

— Por que, então, o homem tem tanto medo de espírito? Ele pode enfrentar um batalhão de soldados armados, mergulhar e lutar contra um tubarão, mas

grite-se: “olha a alma de outro mundo” e ele sai correndo! um ba- rulinho, na calada da noite, arrepiava a gente. Mesmo que queiramos racionalizar, refletir, começamos a tremer.

— Porque durante séculos e séculos fizeram dos mortos seres demoníacos. Não há nada que nos infunda mais pavor do que o cemitério, depois de anoitecer. No entanto, ali estão nossos antepassados queridos aos quais levamos flores. A nossa psique ficou condicionada. Os mortos, parecem-nos com figuras patibulares. No entanto, podem ser formosas como a Ana Flora da materialização que projetamos. Minha mãe, que faleceu velhinha, numa sessão disse: “Sabe Jonas, se você me visse agora, não me reconheceria. Estou jovem e formosa!”

Soninha Cabral que era visceralmente espírita, ensaiando algumas pequenas palestras e escrevendo para jornais, especialmente para a Alavanca, de Campinas, excelente órgão de divulgação espírita, ajuntou:

— Esse medo tolo prejudica muito o conagraçamento entre os vivos e nossos mortos queridos. Às vezes, chega a causar profundo desengano e frustração. Contou-me, uma entidade, que Libório morreu e deixou a família em prantos, pois que era o mais feliz e querido chefe de família. Desligado do corpo em virtude do seu merecimento, foi para um lugar muito bom. Mas, não obstante isso, não estava contente. Queria rever os seus. A esposa não lhe saía da cabeça. Ela devia estar muito saudosa. Haveria de pedir tanto, a Deus, que apareceria para ela e a confortaria. Diria até: “Meu amor, não te desespere”. De fato, o Alto lhe concedeu autorização. Desceu à Terra. Aproximou-se da sua casa. O coração parecia querer saltar fora do peito. A esposa já estava deitada, em sonolência. Era um momento auspicioso. Encheu-se de vontade, mentalizou bem e se fez visível. Olhos esbugalhados, a esposa viu-o. O cabelo eriçou-se. Saiu em disparada. Chamou-o de Satanás e mandou-o para os quintos dos infernos. Apelou para o vigário da paróquia e todos os dias este comparecia, na casa, com o breviário e o hissope a jogar água benta por todos os cantos. Muitas gotas de água benta se misturavam com as lágrimas de Libório.

Paixão de “Sa” Biluva

Cornélio Pires

João da Mata espichou no boqueirão.

Tirava pau no Morro do Esqueleto

Para o serviço novo do coreto,

Caiu, gritou... Morreu de supetão.

“Sa” Biluva na Roça do Pilão,

Magrela de paixão que nem graveto

Vivia de clamar, toda de preto.

— Quero ver João, meu Deus! Quero ver João!...

O Espírito de João, com dó da viúva,
Veio uma noite e disse: — “Sa” Biluva,
Não chore, minha velha! Eu não morri!...
Mas Biluva, assungando a cruz de ferro,
Rebolou no colchão, soltando um berro:
— “Te arrenego, capeta! Sai daqui!...”

(Poesia de Comélio Pires, ditada através de Chico Xavier, da obra “O Espírito de Comélio Pires” — Editora Feb)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Que vem a ser médium de efeito físico?

— É o médium que tem a faculdade de propiciar a produção de fenômenos objetivos, que podem ser percebidos pelos nossos sentidos normais, como vozes diretas, ecoando no espaço (pneumatofonia); ruídos de toda espécie (raps, poltergeist), movimento de objetos, transporte

— 74 —

destes objetos pelo ar e até mesmo através de paredes (aportes), nuvens, sinais luminosos, moldagens em parafina de mãos, pés e flores, fogo paranormal (parapiroge- nia) e a materialização, propriamente dita, de espíritos ou imagens, etc.

Tais fenômenos foram bem estudados?

— Foram os mais estudados, pois que, entre meados do século passado e parte deste, apareceram médiuns magníficos de efeito físico na Europa, como Florence Cook, Me. D’Esperance, Eusábia Paladino, etc. Charles Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, chegou a pedir ao fantasma materializado de Bien Boa que soprasse num tubo de barita e deu-se uma precipitação química, como ocorreria no caso de um encarnado tê-lo feito. Diz Richet: “O fantasma possuía todos os atributos de ser vivo, andava, falava, movia-se, respirava, etc.”

Outro cientista famoso foi William Crookes, descobridor dos raios catódicos que, durante muito tempo, conseguiu que o espírito de Katie King, encantadora jovem, se materializasse em seu lar. Ela ao terminar sua missão, despediu-se, permitindo que lhe tirassem uma madeixa dos seus cabelos e muitas vezes deixou que experimentadores lhe cortassem o vestido, cujo rasgo reconstituía na mesma hora!

Temos ainda o eminente professor de Mecânica de Belfast, W. Crawford que usava para testar o ectoplasma, no Círculo Goligher, eletroscópio, dinamômetro, galva- nômetro, circuito de pilhas, etc.

No Brasil, o médico Eliezet Magalhães atestou a materialização do espírito de um médico falecido, Dr. Kempler, ou que assim se identificava, tendo-lhe examinado o pulso e as batidas cardíacas. E descreve o comportamento do fantasma como se fosse um médico de carne e osso. Era, atualmente, para o mundo não ter mais dúvida da existência do espírito e da sua comunicabilidade.

Que leva a ciência a recalitrar e não tomar conhecimento oficial desse empolgante fato?

— Primeiramente porque os cientistas temem passar por charlatães ou feiticeiros, caso em que poderiam perder a cátedra, a clientela e aquela honorabilidade resultante do “establishment” vigente nos meios científicos e profissionais. Colocando isto de lado, a pesquisa no terreno psicobiofísico requer argúcia, tenacidade e paciência infinita, pois, o fenômeno dito de materialização não é repetível à vontade do experimentador e a repetibilidade é um dos pontos básicos da experimentação científica.

Se o cientista reúne dois volumes de hidrogênio e um de oxigênio, dentro de condições prefixadas, ele obterá matematicamente uma molécula de água. No entanto, esse mesmo cientista, reunindo um médium, debaixo de Luz adequada, cabina de ectoplasmia própria, observação de todas as regras, poderá não produzir nem mesmo um fantasma!

Acontece simplesmente que o homem não domina o fenômeno espírita, pois que o espírito é livre, pode aparecer ou não aparecer, conseguir ou não conseguir o resultado colimado.

O cientista teria de engendrar outros métodos para descobrir a realidade espírita ou as manifestações em nível de efeito psi, pois, não o fazendo, arrisca-se a ficar frustrado e negar, levianamente, como alguém que desejasse segurar fumaça com as mãos.

Capítulo VI OS ANIMAIS

A turma toda da Patota, a convite dos Luporini, decidira passar o fim de semana na famosa Casa de Pedra, localizada num lugar chamado Riqueza. Valia a originalidade da paisagem. Para qualquer direção que olhássemos, nossa visão ricocheteava nas pedras em profusão, semeadas nas fraldas dos outeiros como se um paisagista inconsequente as houvesse atirado ao léu. Quando do alpendre da Casa de Pedra, eu olhava aqueles caminhos pedregosos, sumindo entre as rochas, não sei porque me vinha à mente cenas do “far-west” americano e a diligência podia, logo naquela curva, ser assaltada pelos bandidos.

Aladim, nosso tio, figura cuja paciência era superior à de Jó e cuja delicadeza e capacidade de servir pareciam visgo de prender amigos, ali estava conosco e havia prometido levar-nos ao Zoológico Shelton.

De manhãzinha, quando acordamos, ouvindo o que não ouviamos havia tempo, os galos cantando de quebrada em quebrada, num desafio bucólico, saímos para apanhar a condução.

— A condução é esta — disse Aladim, com um sorriso matreiro nos lábios. Vocês estão pensando que vão sempre andar de Gáxixe. Por estas estradas cheias de pedra, automóvel não conta. Isto se chama trole. Nos tempos antigos, servia de ônibus, ligando fazendas ou vilas entre si.

O veículo parecia um túburi destes aristocráticos que ainda encontramos em cidades de turismo, como Petrópolis, com a diferença de o trole ser rústico, com rodas de aro metálico, sem estofamento. Subimos no mesmo, superlotando-o. Atrás, foram os moleques de pé no bagageiro.

Aladim tomou assento na boléia, fazendo as vezes de cocheiro, para economizar lugar. Entre subidas íngremes, nas quais os animais punham toda a sua força, retesando os músculos e esgaravatando as pedras com as ferraduras e descidas perigosas, em curva, que terminavam em ribanceiras, chegamos a uma planície todinha verde pintalgada de florezinhas silvestres amarelas. À direita, o rio que sempre estivera raivoso, espumando nas gargantas e corredeiras, abria-se em remanso tranqüilo. No meio, uma ilha que, à distância, parecia paradisíaca.

— O Zoo Shelton fica naquela ilha. Foi organizado por uma família inglesa desse nome que, depois, o doou à municipalidade — explicou Aladim.

Atravessamos o braço de rio numa ponte de madeira em estado precário. A ilha conservava intocável a vegetação dos seus melhores dias. Sagüis traquinas punham-se curiosos a nos espreitar, saltando alvoroçados e bandos de periquitos e baitacas passavam em revoada barulhenta. Bichos-preguiças ensaiavam movimentos lerdos enquanto preás atravessavam rápido o caminho.

— Não há jaula, aqui? perguntou Soninha.

— Há, sim, respondeu Aladim, mas só para animais que realmente possam ameaçar a segurança dos visitantes. Os restantes andam por aí, ao Deus dará.

Realmente, depois de algum tempo, chegamos à sede e, ao redor, distingüiam-se inúmeras jaulas e cercados. Numa delas, havia um macaco esquisito. Tinha a nádega todinha vermelha. Não parecia, pela cara, de boa paz, mas Pixoxa não resistiu à tentação, pois sempre fora inclinada por animais. Chegou-se à grade, fez gesto de que ia dar-lhe uma banana, ao tempo que começou a pronunciar palavras de carinho, como fazia em casa com os seus pequenos “hamsters”. O animal, que era um mandril, rugiu, ficou violento, colocou, como Sansão, as duas mãos na grade e, em esgares medonhos, procurava derrubá-la. Pixoxa saiu correndo, na direção de Aladim, trêmula.

— Por quê? Por que ele ficou assim bravo comigo? Eu o tratei com tanto carinho. Meu pai me contou que Francisco de Assis domava as víboras com o seu amor e que um lobo, que aterrorizava a Umbria, o seguia porta a dentro da Igreja, causando pânico. Por quê?

Aladim, naquele seu modo simpático de falar, obtemperou:

— Primeiramente, minha sobrinha, nenhum de nós é Francisco de Assis e, em segundo lugar, este espécime é um mandril, antropóide agressivo. Tem você de considerar que o lobo, amansado pelo amor de um santo, andava livre, mas este mandril não. Tiraram-no da sua floresta, na África, prenderam-no e confinaram-no dia e noite nesse espaçozinho. O homem acha, no entanto, que é bondoso chegando até ele e estendendo-lhe uma banana, com um sorriso. Ele, pelo contrário, talvez gostasse de nos devorar vivos. Pense, bem, Pixoxa, se super-homens de outro planeta chegassem a Terra e nos imobilizassem com raios especiais e nos levassem, em astronave, para um Parque Zoológico e nos colocassem numa jaula.

E viriam, de toda parte, adultos e crianças, espiar-nos e dar-nos pedacinhos de doces...

— Agora, entendi. Ele está revoltado.

Em compensação, mais adiante, havia no bosque uma clareira, à qual se seguia um brejo que se convertia em lagoa muito plácida e bela. Paturis chegavam, sem temor, tão perto da gente, que dava vontade de pegá-los. À esquerda havia um barranco arenoso que caía formando um espraiado. As tartarugas andavam por ali completamente mansas. As juritis comiam de nossas mãos. Verinha, de Eglantina, dada à poesia, não resistiu a tentação e pôs-se a recitar um poema de “II Poverello”:

“Pássaros, meus irmãozinhos e irmãzinhas,

Deveis ser muito gratos a Deus vosso Criador E deveis louvá-lo, porque Ele vos deu a liberdade de voar por toda parte e vos deu duplo e triplo vestuário.

E ainda deveis ser gratos a Ele, porque, embora nem semeéis, nem colheis, Deus vos alimenta e dá-vos os ribeiros e fontes onde bebeis, as montanhas e vales onde vos abrigais e as altas árvores onde possais fazer vossos ninhos”.

Uma brisa balançava as altas copas das árvores onde os pintassilgos trinavam em canto de amor.

— Interessante é o amor. O pintassilgo chama a amada e isto dá musicalidade à floresta.

— Música é continuidade. O amor é reunião — acrescentou Bia, que gostava de dar ênfase a esse sentimento, a ponto de, sendo já moça, adorar desenhar corações com uma flecha atravessada e ter expressões singelas nos seus escritos. — Não só um encontro a dois — como no.s ensinou Jonas C., em nosso cursinho, mas força unitiva, aquela que obriga uma molécula estar com outra, uma célula com outra, formando órgãos uns aos outros, formando o animal, os animais uns com outros formando casais, ou uma colmeia. E os homens, assim constituindo a família, a vila, a cidade, a nação e . . . a humanidade. A inteligência — ensinou Jonas C. — faz o ser crescer verticalmente, daí que a evolução se deu num processo de encefalização, isto é, toda a natureza empenhada em criar um cérebro mais perfeito. Mas, é o amor que abarca, como num abraço reunindo todos os seres. Sem Amor, não haveria sóis, planetas, fauna, flora e nada.



6 — **Tendo morrido o seu dono, El Zeatary, o cavalo se atirou da colina irmãozinhos.*

Enquanto Bia falava tão inspirada nessa linha filosófica, eu comecei a pensar nestes nossos chamados “irmãos inferiores”. Que pensariam eles? Que seriam eles? Por que não nos falavam? Por que, no dizer de Michelet, suportavam as suas dores mudas? Eis um casal de búfalo. Os seus olhos são grandes, mas apagados, sem profundidade. Ao contrário, a pombinha tem os olhos como uma continha brilhante vermelha. Os jacarés não abrem sequer os olhos, mas os do macacos são

expressivos e movem-se rápidos. Os olhos do cão só faltam falar!

Foi, então, que Marinho parecendo pensar o mesmo que eu, disse:

— Os animais são um mistério. Eu tive um cavalo branco chamado Guarani que me conhecia pela voz e relinchava, para se corresponder comigo. Deixava-o solto no pasto e se eu desejasse pegá-lo, vinha-me ao encontro parç que eu lhe colocasse as rédeas. Colocava-o no carrinho de pão e ele ia de porta em porta, sem que eu o guiasse. Caiu, certa ocasião, de uma ponte e quebrou a espinha. Vários dias agonizou, mas não morreu, enquanto eu não cheguei de viagem. Na época, eu tinha apenas uns quinze anos de idade...

Entre que conversávamos, aproximou-se sorrateiro, Mr. Brown, o encarregado do zoológico. Era parente dos ricos Sheltons, mas queria tão bem aos animais que se recusou a partir. Ficou encantado porque afinávamos com ele, no amor aos animais. Com sotaque inglês, disse:

— Eu tenho muitas provas de que os animais não possuem só instintos. Revelam, às vezes, sentimentos e realizam prodígios mentais. Apenas, noto que é como um lampejo inteligente que aparece e desaparece. Os animais têm um pensamento contínuo, como o nosso, só que fragmentário. Digamos, se tivéssemos tocando um “tape” com uma frase única sempre igual, enfadonha e repetitiva, de repente, ouvíssemos: “Como vai, Mr. Brown?”. Ficaríamos estupefatos, esperaríamos ansiosos uma continuação, um diálogo em prosseguimento, sem que viesse mais nada! Num momento, um cão parece raciocinar como gente, age inteligentemente, depois... volta aos seus míseros reflexos caninos!

Mr. Brown, naquele modo bem inglês e fleumático, continuou.

— Ao menos, posso garantir-lhes què se não têm pensamento contínuo, são portadores de faculdades telepáticas. Tenho feito experiências, nesta ilha, onde na verdade não existe a solidão que vocês imaginam. Os animais percebem, por predisposição talvez extra-senso- rial, as intenções das pessoas que chegam aqui. Não sei se isso seria hiperestesia, mas que há comunicação, isto há. Quando viajei pela Europa, pela última vez, fiz questão de correr todas as nações e quando sabia de algo ligado a animais procurava inteirar-me disso. Assim conheci o célebre treinador de cães chamado Vladimir Du- rov. Ele fez testes, na presença de cientistas, nos quais demonstrava a realidade da transmissão telepática. Ele ordenava mentalmente que o seu cão chamado Lord fosse até\ a sala, pegasse um livro e lho trouxesse, depois de subir na mesa, correr até o banheiro e subir numa cadeira. Lord saía correndo e realizava com precisão as operações que eram improvisadas e variadas, a gosto dos cientistas presentes. Tomaram-se famosos os cavalos de El- berfeld, de propriedade de um tal Karl Krall, que respondiam a questões dando sinal com as patas. Chegavam a fazer operações, inclusive de raiz quadrada, tendo sido controlados por cientistas e até pelo célebre escritor e filósofo Maeterlinck.

— Também, no Brasil — acrescentou Fer — houve um cachorro célebre, chamado Sarampo, que fazia cálculos. Malba Tahan, o notável contista e matemático, autor de “O homem que calculava”, examinou-o, ficando perplexo diante da sua habilidade.

— Então, Malba Tahan deveria ter escrito “O cão que calculava” — interferiu Tedy, como sempre, com as suas piadinhas, às vezes infames. >

Naquele momento, me veio à mente a figura ímpar de Walt Disney. Ele, sem dúvida, seria espírito iluminado, portador de tão linda missão. Os seus animais se tornaram tão gente como a gente. Pato Donald é-nos tão familiar como nosso tio de verdade. Olhei, no entanto, para Martinha e a achei desinteressada. Talvez pensasse no seu namorado e lastimasse' que tanta beleza natural, na ilha, estivesse se perdendo com fuinhas, gazelas e macacos. Foi, com surpresa que a vi sair

daquele estado de torpor e melancolia que a assoberbava, passando a comentar:

— Os animais são de fato imprevisíveis. O Sr. Euclides José Felipe contou que a sua cadela Maruca estava muito doente. Percebendo que Maruca ia morrer, porque não conseguia deglutir, um filho dela mastigava a comida e passava esse bolo alimentar para a boca da sua mãe. Assim, salvou-lhe a vida... Essa é uma estória que nos leva a pensar, como os animais possuem sentimentos às vezes superiores aos do homem. Mais significativa do que essa é a de um cavalo que, tendo morrido o dono, chamado Koya El Zeatary, atirou-se de uma colina em Mar- sa.

Horas e horas, ficou o grupo discorrendo sobre animais. Este falava dos seus peixinhos, aquele dos seus gatos. Pixoxa interrompia todos, a todo momento, realçando os prodígios do seu cão Saci. Este, e disto dou testemunho, conversava com ela, emitindo sons vocais, num esforço tremendo, como se desejasse falar. A sua avó, D. Cota muito medrosa, ficava impressionada. — “Daqui a pouco, esse Saci vai falar e, por Deus, eu vou sair correndo, com todo o meu reumatismo...”

— Sabe o que o Juninho faz? disse Tedy, como sempre com muita gaiatice. Ele é amestrador de pulgas. Amestra pulgas para o Circo de Mr. Mysto.

Juninho saiu correndo atrás dele e sumiram no matagal.

Leitura

“Certo dia de inverno rigoroso, minha mulher ouviu a campainha da porta da frente ressoar levemente, uma ou duas vezes, como se alguma criança estivesse procurando tocá-la com mãos envoltas em luvas. Olhando pela janela, viu Rex, nosso “fax-terrier” que, deitado ao lado da porta, de vez em quando se levantava com esforço enorme e apertava a pata contra o botão da campainha.

Minha mulher abriu a porta e o cão caiu-lhe aos pés. Levava um tiro e estava seriamente ferido. Tendo observado como os visitantes conseguiam entrar em casa depois de tocar a campainha, Rex deve ter compreendido de algum modo o que devia fazer numa hora em que necessitava desesperadamente de socorro. Até então nunca tocara a campainha; e nunca mais a tocou, uma vez curado do ferimento.”

Rev. George E. Mayo

Apud. Seleções do Reader’s Digest — abril 1948.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Os animais têm alma?

— Não podemos falar em animais, dentro da Ciência Espírita, em termos assim genéricos, pois, a palavra animal não define bem os seres. Um verme é um animal e o cachorro, também, o é; no entanto, são psiquicamente muito diferentes. Todo animal, e até mesmo as plantas, têm uma quantidade de psiquismo. Quanto mais se eleva na escala animal, tanto mais psíquico se toma. No caso dos animais superiores, cão, gato, elefante, etc. eles têm alto grau de psiquismo. Em virtude disto esse psiquismo já consegue sobreviver como um psi autônomo, isto é, fora do corpo físico. Esse psi autônomo, talvez não possamos chamar de alma ou espírito, mas já sobrevive, depois da morte, durante certo tempo e em condições que variam muito.

Per que esse etasino é importante?

— Porque os homens de grande saber nunca aceitaram ensino teológico de que o homem tem alma e os animais não, achando isto uma incongruência. O Espiritismo, ligando o homem ao animal, permite uma idéia de Deus mais equânime, pois Ele não poderia deixar os animais à margem da Providência e do

progresso. Diz Kar- dec: “A inteligência do homem e a dos animais emana de um princípio único, só que, no homem, recebeu uma elaboração que o eleva acima do que anima o animal”.

Pode o espírito de um homem encarnar-se no corpo de um animal?

— Os antigos ensinavam esta doutrina errada, chamada Metempsicose. Não pode isto acontecer em virtude da própria mecânica da reencamação, pois, o espírito humano ligado ao ovo, é que passa a comandar o embrião, no útero, obrigando as células a seguirem as suas linhas magnéticas de ser humano. Logo, não poderia haver hipótese de o espírito humano tomar-se um burro.

Existem fatos que sugerem a sobrevivência de animais?

— Sim. Quando Raymond, morto em Flandres, comunica-se com o seu pai, o grande cientista Oliver Lodge, confessa entusiasmado ter reencontrado, no Além, o seu cãozinho. Existem psicofotografias, as quais, feitas as restrições de ideoplastia, revelam, na foto, a presença do animal de estimação morto, como ocorreu na família Buxton, cuja estampa se encontra no livro de Sylvia Bar- banell, “When your animais dies”. Por outro lado, livros revelativos, como os de André Luiz, psicografados por Francisco C. Xavier, mostram-nos a existência de animais no Além.

Capítulo VII A DESENCARNAÇÃO

Seu Henrique, pai de Heitorzinho, havia tempo, não andava bem de saúde. Tudo começara com uma pequena e constante dor abdominal. Exames daqui e dali, internamentos, radiografias, até chegar à palavra fatídica: câncer no pâncreas.

A Patota, em peso, correu a amparar Heitorzinho, naquele transe doloroso. Em volta do caixão, no velório, D. Iaiá desfeita em lágrimas e, de resto, aquela atmosfera pesada peculiar.

Heitorzinho, porém, não sabia avaliar o que representava a morte do pai. Se o pai houvesse morrido, quando tinha 5 a 7 anos, tinha certeza de que se agarraria ao caixão, gritaria e desejaria acompanhá-lo. Era demais agarrado ao pai e este vivia colocando-o nos joelhos e apertando-o ao peito, com muito amor.

O rapaz não sabia porque, naquele momento de luto, se lembrava das festas natalinas. Por causa das flores e das coroas? O pai montava enorme árvore de Natal, no jardim de inverno e os enfeites, com bolas multicoloridas, tomavam-na de beleza sobrenatural. Depois, os presentes iam sendo depositados nela. Já, na véspera, sentia-se um ar de festa, porque a casa ficava cheinha de tios, primos, parentes e até amigos chegados. Às tantas, ouvia-se tocar um sininho. Todos os adultos gritavam: “Papai Noel! É o Papai Noel!”

Esse som de sino ia chegando cada vez mais perto. Os coraçõezinhos batiam descompassadamente no peito. A porta se abria de chofre e aparecia Papai Noel, corado, autêntico! Os lábios da pequenina Cris começavam a tremer e ela explodia em choro convulsivo e assustado. Fer, então, pequenino, ficava duro e teso, igual a uma rãzinha diante de um farol e os seus olhos miúdos e redondos se fixavam no luminoso e radiante Papai Noel. O pirralho admirava e tinha medo, ao mesmo tempo, por isso respondia ao Papai Noel, tartamudeando.

Era um Papai Noel engraçado, muito alegre e dengoso. Distribuía os presentes, mas, quando chegava perto da criança, falava de todas as más-criações que esta fizera, os defeitos que tinha de relacionamento e lhe dava conselhos. Ficávamos intrigados pelo fato do Papai Noel saber da vida particular de cada um, ele que morava tão longe e viera em trenó puxado a renas. Mas, um dia, e isto Heitorzinho lembrava-se bem, olhou para os pés de Papai Noel e achou que aqueles sapatos eram do seu pai.

Deu a volta por trás e percebeu que a cabeça não era branca, mas cortada rente e achatada, igual à do pai. E, por fim, descobriu, de tanto fuçar, aquela roupa no vestiário, dentro de enorme caixa: A roupa do Papai Noel largada e amarfanhada como fantasia depois do carnaval ... Isto lhe deixou uma satisfação de quem se convence de que já cresceu, mas, criou-lhe um vazio no coração. Tinha sido excitante descobrir a verdade, mas, como sempre, aquela verdade lhe roubara a poesia da infância.

Ficara do pai, no entanto, aquela figura, deste mundo mesmo, que o protegia e parecia contente em dar-lhe tudo o que queria, sem mais essa de Papai Noel: o pião musical, a locomotiva elétrica ou o boliche gigante.

Em compensação, Heitorzinho obedecia-lhe. A mania do velho era vê-lo pianista. Punha-o com o prof. Macedo a martelar um piano velho e desafinado, horas e horas. E a sua satisfação era assistir a ele, nos seus 10 anos, numa audição. Olhava embevecido, para Heitorzinho e para a platéia. Era isto, para o velho, mais do que ganhar a sorte grande. Heitorzinho, porém, não se recordava quando se desmamou do pai e foi se

separando dele. Aquele homem foi-se-lhe tomando um estranho. Sim, um homem qualquer, até mesmo aborrecido, pois era portador de prerrogativas. Tinha o direito de repre- endê-lo, deixá-lo ir ou não ir ao bailinho, de deixá-lo ou não passar as férias longe. Não compreendia de onde tinha brotado aquele cidadão cheio de direitos e ele, Heitorzinho, cheio de obrigações.

Passava pelo “living” e não ia mais abraçá-lo. Pelo contrário, tinha pavor de que o pai, com aquela barba que espetava, o viesse beijar. Quando pequeno, grudava no pai, quando este lidava no jardim ou na banca de marcenaria. Depois, nem mais sabia se a sua casa tinha jardim ou formão com o qual o pai lhe fazia inúmeras fitas de madeira.

A separação ia-se fazendo, por si só, cada vez mais profunda. Quando, na vida de Heitorzinho, começaram a surgir as garotas e as levava para casa, não aguentava certas manias antiquadas do pai. Não tinha mais nada do que se orgulhar dele. Ele era um homem comum, de sofrível educação, afinal um negociante medíocre e de pouquíssimas letras. Não era igual ao Dr. Galba, pai do Martinho, um homem e tanto, culto e festejado pela sociedade, considerado notoriedade médica.

Heitorzinho lembrava-se de como achara ridículo o pai, naquele terno marca de giz, muito antigo, no dia em que tirara diploma do Colegial. Agora, em vésperas de doutorar-se, temia o que lhe aprontaria o velho. Advertia o pai: “Não vá me dar vexame”.

Vendo-o no caixão, com um ar assim de paz, sorriso aflorando nos lábios, manso como sempre foi, não ligava muito o morto, ao pai. Enfim, estava realmente confuso.

Dias depois, procurou Jonas C. particularmente e confidenciou-lhe tais sentimentos, que não conseguia analisá-los. Julgava-se uma alma pervertida e fria. Ele se desligara do pai, havia anos, mas a casa, agora, ficara tremendamente vazia. Aquele vulto paternal errante e apagado, parecia que começava a reinar e tomar conta de tudo. Não conseguia pensar numa coisa qualquer, que o pai não entrasse no meio. Queria uma explicação.

Jonas C. recebeu-o com a costumeira atenção, dizendo-lhe:

— Esse desligamento do filho, em relação ao pai, é muito natural e se dá na puberdade, quando o rapagote ou a mocinha descobrem sinais de que já se estão tomando adultos. Passam por transformações fisiológicas profundas. Os pais se lhe tomam figuras competitivas e, se pudessem, sairiam correndo para bem longe. A natureza sábia fez, assim, para que o futuro homem, já com organismo adequado para a procriação, se tome psiquicamente mais dono de si próprio. Se continuasse naquele estado afetivo e de subjugação, como um nenén, a personalidade se distorceria. Todos ficariam, assim, como vocês dizem: maricas. É próprio do homem sair, lutar e conquistar uma companheira. Na alma de cada um de nós, existem tais atavismos. Já com as mulheres, não se dá tão fortemente essa crise, porque a função delas é sempre a do lar. Simplesmente, sentem incompreensível irritação para com a mãe e poderão facilmente responder-lhe mal, quando tempos atrás lhe falavam com meiguice e doçura. A mãe, então, chora de sentimento e, se não for orientada, abis- ma-se diante de tais reações da sua florzinha.

— Então — disse Heitorzinho — o que se passa comigo não é ausência de bom sentimento?

— Espere, aí, meu filho. Eu disse que, na puberdade, se dá tal crise de separatividade e estranheza. Mas, eu não disse que, passada essa faixa, estando você já com vinte e quatro anos, isto seja natural e justo. Depois da perturbação da puberdade, você, capaz de racionalizar e equilibrado, devia ter voltado para o seu pai, evidente sem mais aqueles arroubos infantis de beijos, abraços e ternura excessiva mas, admirando-o e começando a lhe prestar um tributo de gratidão, por tudo o

que ele fez por você. Tomá-lo-ia como companheiro e conselheiro.

— Muitas vezes, pensei nisto. Comparei-me com o meu amigo Martinho e vi-o tão gentil, prestativo e interessado pelo pai, cuidando do seu mínimo achaque ou negócio, que fiquei muitas vezes matutando. Algumas vezes, estava com Martinho em Caraguatatuba e ele me dizia: “Vou subir a serra. Amanhã é aniversário do papai”. Eu achava aquilo uma tremenda chatice. Mas, ao mesmo tempo, ficava pensando se não havia algo de errado comigo. No entanto, o pai do Martinho era o Dr. Galba, homem diferente de meu pai, admirado por muita gente. Talvez fosse isso...

Jonas C. ficou ouvindo bem, depois opinou:

— A questão não é essa de o pai de A, B ou C ter esta ou aquela qualidade relevante. Martinho, naturalmente, é um espírito afim com o pai. A sua admiração vem do fundo da alma. Quanto a você, Heitorzinho, pode dar-se fato diferente. Pode ser que você seja espírito vaidoso que, em existência pregressa, ocupou posição de destaque e exerceu mandonismo. Inconscientemente passou a desprezá-lo ou considerá-lo da mesma maneira com que um fidalgo trata o mordomo. O seu pai era para você a pessoa que tinha a obrigação de comprar-lhe a roupa, dar-lhe a mesada, arranjar-lhe o automóvel, pagar-lhe os estudos, mas nenhum direito de se meter na sua vida.

— Por que, então, eu vim a nascer filho do meu pai se eu, intelectual como sou, devia ser filho do pai do Martinho, enquanto que o Martinho, pouco cerebral, talvez se desse melhor com o meu pai, que é negociante?

— Esses assuntos são muito complexos. Um espírito quando se prepara para a reencarnação, se já é possuidor de descortínio, estuda todos os aspectos da volta e, no espaço, existem Departamentos Reencarnatórios. Ali estuda as suas fichas acásicas, naturalmente mediante autorização, para verificar as suas falhas em outras existências e pontos fracos do caráter. Verifica onde sempre caiu, o seja, qual é o empeco no seu progresso espiritual. Depois, analisa os grupos genéticos de encarnados, sob o ponto de vista biológico e, ao mesmo tempo, debaixo do aspecto afetivo ou corretivo. Existem dívidas a pagar e créditos a receber. Feita a escolha, dá o mergulho na carne e renasce bebê e se torna uma nova personalidade.

Heitorzinho ficou pensando quão misterioso é o ser humano. Como é enigmático o semblante do homem. Aquele tem cara de raposo. Outro, de fuinha. Quem sou eu? Quem é você? Por isso indagou de Jonas C.:

— Seria possível a gente saber quem fomos e como vivemos, para que nos orientássemos?

— Saber-se isto é difícil e Deus, com inteligência, nos ocultou, para nosso bem. Ele nos deu a infância para aprendermos a amar nossos pais e os pais serem atraídos pela inocência da criança. É um artifício genial. Existem crises, mas passam e voltam os afetos. No entanto, isto já ensinamos à Turma da Patota, que, muitas vezes, conseguimos romper essa barreira ou passar pelo dragão que guarda tão importante segredo da psique humana. Passe aqui amanhã, pois que vou levá-lo ao Dr. Lourel, notável hipnólogo, habilíssimo em provocar regressão de memória. Não garanto nada, mas pode ser que dê certo.

No dia seguinte, Heitorzinho e Jonas C. estavam diante de um cidadão bem apessoado, que os introduziu numa sala carpetada e reservada. Ele mandou que Heitorzinho se sentasse numa cadeira, ficasse relaxado e, num instante, o rapaz estava em profundo transe hipnótico. Com facilidade, o prof. Lourel levou-o, de regressão em regressão, à primeira infância. E era inacreditável como balbuciava as palavras como um neném. Logo mais, depois de passar pela fase intra-uterina, Heitorzinho começou a falar:

— Estou, agora, num espaço muito claro. Não nasci ainda...

O prof. Lourel tinha sido feliz. Conseguira levar a regressão de Heitorzinho à pré-existência carnal. Dali, por diante, seria mais fácil. O hipnólogo fê-lo reviver vidas pregressas. Impressionantes os detalhes com os quais Heitorzinho se descrevia, descrevia os seus e tomava a sentir a dor ou a alegria do que passara havia século. Em resumo, o relacionamento de Heitorzinho com o seu pai Henrique, nesta encarnação, ficava esclarecido. Em meados do século passado, em importante centro produtor agrícola brasileiro, Heitorzinho fora um riquíssimo visconde escravagista, que havia liderado todos os movimentos contra quaisquer leis que protegessem o negro. Tinha um escravo que, em sua casa, exercia função de mordomo, chamado Estefânio, que lhe era dedicado de corpo e alma. Quando esse visconde morreu, encontrou no Além séria perseguição e barreira por ter impedido na Terra o progresso, aceito a crueldade e incentivado a injustiça. Sofreu muito, mas penitenciou-se. Desejou renascer de novo. Já então o escravo Estefânio estava reencarnado na Terra e era recém-casado. O visconde foi aconselhado a nascer em lar simples e em ambiente onde ninguém se realçasse, na cultura ou no poder econômico. Então escolheu nascer como filho único do seu escravo Estefânio e dna. Iaiá, filha de sitiantes locais.

Isto, de certo modo, explicava aquele modo do "seu" Henrique dado a ficar num canto da sala como cão à espera do chamado do dono e aquele servilismo em engraxar os sapatos do filho e o desmedido orgulho de tê-lo como filho! Enquanto isto, o sentimento inconsciente de Heitorzinho pelo pai era de desdém e vergonha, como condicionamento de existência anterior.

— É. Existem muitos mistérios com que não sonha a vã sabedoria humana — dizia Heitorzinho, no dia seguinte. Coitado do papai. Fui-lhe muito ingrato. Ele serviu de instrumento para a busca de minha regeneração. Tinha-me profundo e verdadeiro amor, que vinha de outras eras. Lutou como leão para fazer-me alguém. Ele se foi e o meu adeus foi tão frio que, penso, os seus olhos de morto choraram. Que posso fazer?

Jonas C. pensou, pensou e respondeu.

— Você pode honrar a figura singela do seu pai, honrando todos os pais simples. O importante é fazer de um limão umá limonada. Podemos, na educação da alma, transformar aquilo que nos acontece de pior, em algo melhor. Se você escreve bem, escreva sobre tais assuntos. Não faça um túmulo rico de mármore ao velho. Não lhe compre flores, que murcham, mas todos os dias da sua vida, ofereça ao seu pai um gesto de humildade. Esse gesto de humildade deve tomar-se automático no seu ser, com a prática constante. Troque o "eu", pelo "nós". Não se ligue aos bajuladores que o destacam por interesse de troca social, mas ame os seus subalternos, estimule-os e ajude-os a criarem e educarem a prole numerosa. Visite as favelas. Carregue no colo aquelas criancinhas sujas e mal-cheirosas. Examine-as, quando for médico, e dê-lhes as suas amostras grátis. Não só remédio, mas o pão que é também remédio. Participe dos movimentos que visem construir creches, asilos e instituições socorristas. Não receie, como médico, participar de ambientes simples de trabalhadores. Combata aquele germe de orgulho que o fez tombar muitas vezes em outras existências. Enobreça-se, verdadeiramente, não no sangue, mas no espírito.

— E o meu pai me perdoará?

— As almas de escol, mesmo que queiram, não conseguem marcar nada, ruminar coisa alguma e vibrar negativamente. Você está perdoado pela própria natureza elevada do seu pai. No entanto, Heitorzinho, o duro vai ser você alcançá-lo e cabe, a você, o resgate.

, Heitorzinho entendeu porque Jesus havia dito: “os últimos serão os primeiros” e “bem-aventurados os simples”. Pela primeira vez, naquela noite olhou o céu estrelado e mediu a vastidão do céu que, pesado e cor de chumbo, se tornara azul e profundo como toda promessa de ascensão e felicidade.

Carta a Meu Pai

(*) *Paulo Sérgio Milliet Duarte da Costa e Silva*

Ninguém te ouviu a prece de esperança, Quando entregaste ao berço, de mansinho, Meu pobre coração de passarinho Engastado no corpo de criança.

Calado herói do bem que não descansa. Tanta vez a lutar, mudo e sozinho. Ninguém te enxerga o pranto de carinho Com que me guardas vivo na lembrança.

97

Ê por isso, meu pai, que dia a dia Varo a senda de névoa espessa e fria,

Que o sepulcro de lágrimas nos junca,

Para ofertar-te, ao peito, brando e forte,

A certeza de vida além da morte,

Na luz do Amor que não se apaga nunca.

(*) Ditado pelo espírito desse jovem poeta (apud “Antologia dos Imortais” – Chico Xavier).

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Que vem a ser desencarnação?

Desencarnação é sinônimo de morte, trespasse e falecimento. Desencarnar é deixar a carne, ou seja, morrer. Por isso os espíritas falam: Fulano'desencarnou. A palavra desencarnar é mais adequada do que morrer, pois, na verdade, ninguém morre.

Em sentido paracientífico e filosófico, desencarnar é desmaterializar-se, tanto quanto reencarnar é materializar-se. Quando nascemos tomamos a matéria e revestimo-nos com ela; quando morremos, deixamos a matéria.

De que forma se dá a desencarnação?

— O corpo, que se sujeita às leis bioquímicas, morre e o espírito tem de se desligar dele, ao qual está preso por um cordão chamado prateado, que é cortado ou rompido à maneira do cordão umbilical. Na verdade morrer, aqui, é nascer noutra plano; por isso, existem organizações, no Além, com enfermeiros, obstetras e técnicos para fazer esse parto, no inverso. Para sustentar o nosso equilíbrio emocional e, sobretudo, evitar-nos o medo da morte, muitos parentes e amigos falecidos vêm-nos receber, como se tivéssemos chegando de uma longa viagem.

Qual é o fator mais prejudicial ao desencarnante?

— A mente despreparada para enfrentar a morte; estar excessivamente ligado aos interesses terrenos; qualquer apego exagerado, principalmente por paixão ou ódio. O homem anda tão desligado da espiritualidade que, ao morrer, sofre tamanho impacto que pode virar um espírito dementado. No entanto, abnegadas equipes espirituais do Além possuem métodos próprios para anestesiá-lo, removendo-o, assim dormindo, para hospitais do Espaço.

E os que não morrem de morte natural?

— Os que tombam em campos de batalha, incêndios, desastres de automóvel, suicídio, etc., geralmente, demoram para se compenetrar de que morreram, exigindo um maior tempo de preparo para lhes revelarem o que ocorreu, a fim de que não se dementem e se desesperem. De todos, porém, é o suicida o que se sujeita a maior sofrimento, pois, além de não morrer, ainda o veneno que ingeriu continua corroendo-lhe as vísceras ou o estampido do tiro persiste ribombando no cérebro e os espasmos não têm breve fim. Estes necessitam muito da nossa prece.

Qual é o comportamento recomendável, no caso de perda de entes queridos?

— Se os parentes se desesperam, choram convulsivamente e gritam, em cenas patéticas, o espírito do ente querido que está se libertando, quer a todo custo voltar ao corpo cadavérico. Não conseguindo isto, vira um alucinado.

Também, nos dias que se seguem ao enterro, é de- saconselhável conversar, sem parar, aludindo aos fatos ligados ao morto, principalmente em tom de lástima, pena ou crítica; tampouco devem os parentes se deter excessivamente nos objetos de uso pessoal ou bens que tenha deixado.

Um ambiente mórbido pós morte, no lar, atrai o espírito do falecido para aquele círculo, ao qual fica imantado, em estado aflitivo, sem poder seguir aos páramos de recuperação.

O sentimento pela perda é natural e louvável, pois a completa indiferença revelaria falta de sentimento, no entanto, em tudo, importa haja equilíbrio.

Capítulo VIII A PSICOSFERA OU MEIO-AMBIENTE ESPIRITUAL

Toda a turma da Patota e mais elementos jovens de mocidades espíritas de outros núcleos, chefiados por Jonas C., tinham decidido conhecer um Museu de Cera, que havia chegado da França, instalando-se no Anhembi. Embora se constituísse em uma simples secção do Museu Grévin de Paris, sabia-se que era uma das maravilhas do mundo. Evidente que não perdêssemos aquela oportunidade. No entanto, para Jonas C. o núcleo de tais programas não se situava em ver o espetáculo, mas em despertar nos jovens elaborações mentais, de modo que se enriquecessem espiritualmente. Por isso, Jonas C. sempre nos advertia: “Não me julguem um cicerone. Se vocês quiserem descobrir as chinelas de Apeles, a corda com que enforcaram Tiradentes ou a tibia de Santo Onofre, procurem vocês mesmos”.

Era uma tarde de julho e o frio da paulicéia parecia congelar no ar as emanações deletérias que subiam da terra, mergulhando a megalópolis em denso “fog”. Criancinhas tossiam, velhos respiravam asmaticamente e todos lacrimejavam. Dir-se-ia que, em breve, andaríamos de máscara e seríamos tomados como habitantes de outro planeta.

— Tudo poluído — observou Maurício. Terra, céu e água.

O legendário rio Tietê que carregou em seu dorso os indômitos bandeirantes, corria agora, ao lado da Via Marginal, lerdo, pastoso e fétido. Um rio morto de imundície. Os peixes de há muito haviam morrido e a vegetação aquática não lhe enfeitava mais a margem.

Um cidadão idoso, que havia crescido naquelas cercanias, ajuntou:

— Quando eu era garoto, vinha pescar por aqui. O rio era piscoso, coalhado de tabaranas, piabas ligeiras e lambaris de rabo vermelho. O seu leito era arenoso e espadaúdos portugueses faziam a América, extraindo areia e transportando-a em barcaças enormes. Mergulhávamos em suas águas calmas e bebíamos delas.

Tedy, que andava com luninho de um a outro lado do ônibus, não aguentava mais aquela conversa em tom de seresta e, então, para se vingar, deu uma de Vicente Celestino. Reuniu todas as forças, esticou ao máximo as cordas vocais e mandou brasa, em vários “dós de peito”: “Nem céu, nem mar, nem nada...” Enquanto Juninho imitava um soprano ligeiro: “Nem mesmo ar para respirar ...”

Jonas C., que cochilava sossegado em sua poltrona reclinável, despertou com aquele som gutural.

— Só você mesmo, Tedy. E com isto, você está também, ajudando a poluição sonora com gritos a mais de 120 decibéis...

Fez gesto de que ia continuar dormindo. No entanto voltou-se para nós e continuou:

— ... O homem está envenenando e destruindo o seu próprio lar, a Terra. Está cometendo o crime inominável de matricídio, pois, está matando sua mãe, a natureza. Acreditem vocês, jovens, que é o problema mais crucial do mundo contemporâneo. As chaminés vomitam fumaça pára o alto' e isto é o mesmo que cuspir para cima. Jogam os detritos e dejeções na água que, depois, vão beber. Esparzem herbicidas, inseticidas, ácidos e nos alimentamos, depois, destes venenos. No entanto, isto é sedição e o seu estudo se subordina à chamada Ecologia. Vocês sabem disto, lógico que sabem. Mas que adianta saber e não fazer coisa alguma com aquilo que se sabe?

Percebia-se que Jonas G. estava amargurado com isso. Espírito superior, digno e nobre, aspirando o melhor para a humanidade, não se conformava com a estupidéz humana.

— Mas vocês, porém, não sabem tudo. E não sabem o pior. A nossa psicosfera, também, está poluídíssima e chega a se constituir em iminente perigo para a humanidade toda.

— Que é psicosfera? — perguntou delicadamente a simpática jovem Raquel, que estudava odontologia.

— Vocês sabem que a Terra é envolvida por uma camada gasosa à qual chamamos atmosfera, que nos presta os maiores serviços para que sobrevivamos, pois que é o maior reservatório de ar que respiramos. No entanto, além dessa atmosfera física, existe outra chamada psicosfera. Ela é constituída de...

— De partículas mentais ou átomos espirituais — obtemperou Fer.

Jonas C. moveu as sobranças e abriu os braços, como os italianos que se exprimem melhor assim por mímica, quando as palavras parecem impróprias para significar o que desejam expressar.

— É resultante de todos os pensamentos emitidos pelos encarnados e pelos desencarnados; além de compreender a soma de todas as auras individuais, num complexo difícil de definir. A nossa alma respira nessa psicosfera, mas também inocula nesse meio as suas projeções mentais. Para vocês examinarem a atmosfera terrena não existe problema, mas para conhecerem a psicosfera de cada lugar na Terra, importaria que vocês passassem para outra dimensão: a dimensão-psi. Nós só percebemos aquilo que vibra no mesmo campo vibratório nosso.

— Mas como conseguiríamos, então, isso? indagou Raquel.

— Virando anjo ou espectro — disse Marcos Fernando — em tom de brincadeira.

— Mas, aqui, a não ser o Nelson que está estupidamente apaixonado pela Camila, a ponto de perder o interesse por tudo, ninguém mais quer saber da morte, nem pintada na parede — atalhou Pixoxa.

Jonas C. sorriu e falou:

— Não é necessário morrer, para sentir a dimensão-psi. Podemos utilizar faculdades psíquicas para conhecer a psicosfera dum lugar. Aliás, com exercício, chegamos a sentir um ambiente e dizemos: “está levíssimo, cheio de fluídos bons”. Ou então, confessamos: “aquele ambiente me deixou zozinho; havia uma psicosfera agressiva e desagradável. ...

— E não poderíamos conhecer a psicosfera de um lugar, através do desdobramento? — insinuou Soninha Cabral.

— Sem dúvida. O desdobramento, que os ingleses chamam pela sigla muito usada “OOB” (out-of-the body = fora do corpo) e que os esoteristas qualificam de “projeção do corpo astral” permite-nos estar noutra dimensão, sem sair deste. É uma maneira de morrer, sem esticar as canelas. É, por isso, que nas pesquisas referentes aos fenômenos ligados à morte, chamados de Psi-Theta, o meio mais utilizado pela parapsicologia é o desdobramento. Fora do corpo, durante o sono provocado ou natural, eis que poderíamos talvez examinar a psicosfera de um lar, de uma vila, de um clube, etc.

— Mas, então, a psicosfera se particulariza — obtemperou Suely, que fazia Medicina.

— Exato, Suely. E isto é interessante. Um missionário do Além, ao descer à Terra, sabe quais os lares que têm psicosfera boa e quais os que têm psicosfera ruim. Vista do Além, cada casa tem o seu brilho peculiar. Chico Xavier revelou-nos que o Hospital do Fogo Selvagem de Uberaba tem uma psicosfera tão elevada e luminosa que os espíritos o tomam como um farol que lhes serve de orientação, quando descem à Terra. Existem instituições, templos de diversos cultos, lares às

vezes humildes, centros espíritas, que servem de “aeroportos” celestes. Certa ocasião, estando com Divaldo Franco, na residência de amigo comum, o médium baiano, entrando numa sala de música, disse: “Curioso. Esta sala serve de ponto de encontro de espíritos em missão na Terra, para orarem, “acertarem propósitos e saírem em missão na crosta”. Nós, moradores de uma casa, que se toma lar, criamos a sua psicofera própria identificável. Um botequim ou “dancing” tem a sua psicofera. Quando a multidão se comprime, em tomo de um ringue, para ver um pugilista esmurrar outro até nocauteá-lo, cria-se, no local, uma psicofera em convulsão terrível, como a nossa atmosfera varrida por violento furacão.

— E pode prejudicar a gente, se a isso estivermos assistindo? — perguntou Teresa, em voz arrastada.

Jonas C., depois de ter caçoado um pouco pelo fato de a jovem ter saído do seu estado sonolento, obtemperou:

— Evidente, srta. Teresa. Naquele clima de violência, ingerimos drágeas psicoenergéticas desequilibrantes e somos atuados por formas pensamentos asfixiantes.

Tocam nossa estrutura psicossomática e a abalam.

A simpática e risonha Maria Antónia obtemperou:

— Agora, começo a entender. Quando fui na companhia de dna. Geni, Dr. Mário e uma equipe de searei- ras visitar o presídio, sai de lá com tremenda dor de cabeça e em estado esquisito. Dna. Dirce Almeida propôs dar-me um passe, mas eu não entendia por quê. Para mim, talvez tivesse ficado nervosa, ou comido alguma coisa que me fizesse mal. Psicologicamente, como poderia eu me sentir mal, se eu estava fazendo o bem? Mas, agora, com esta explicação da psicofera,' torna-se evidente que uma cadeia deve possuir atmosfera psíquica irrespirável e pesada. Minha natureza delicada não agüentou.

— Muito bem, Maria Antónia. É isto mesmo. Você sabe que, certa ocasião, fui visitar o Frigorífico Anglo, onde se abatem milhares de bois. Nunca me senti, na vida, tão mal. Os próprio animais ao morrerem, impregnam a atmosfera de uma vibração angustiante.

Jonas C. fez uma pausa e continuou:

— É uma pena que os homens ignorem isto, embora hoje a Medicina Psicossomática esteja na crista da onda. Grande parte das nossas doenças vem da mente. Ora, se essa mente se desequilibra por interferência da psicofera, eis que deveríamos cuidar onde e com quem andamos. Os jovens geralmente são curiosos como os peixinhos de um lago. Querem conhecer e freqüentar tudo. E isto pode deformá-los psicossomaticamente, pois os jovens são criaturas desarmadas e inseguras. Ensinam-lhe caratê, mas não lhes oferecem nenhuma arma de defesa psíquica. Oração, leitura espiritual, passes, ioga, são defesas ótimas.

A professora D. Eunice, muito espiritualizada, ainda obtemperou:

— Se os homens estudassem essa matéria, buscariam estabelecer qual a relação que existe entre a epidemia de demência que invade o mundo contemporâneo e os fatores de infestação da psicofera. Estudaria de per si esta sociedade, aquela casa, a cidade e até a nação. Não sei não, mas quando passo numa banca de revista, acho que ela é uma bomba poluidora; assim como programas de T. V. com filmes de crime, erotismo desenfreado e obce- nidade de todo jeito.



7 — *“Colocam o cadáver em cima da mesa e dividem-no em pedacinhos, mas assim fazendo, os estudantes nunca chegarão a conhecer o que é o homem!”*

— Fácil é avaliar, — emendou Jonas C. — como isto tudo nos entorta a psique. Porventura, nas Faculdades, se ensina que é o homem? Colocam o seu cadáver em cima da mesa e seccionam-no, dividindo-o em pedacinhos, dando nome complicadíssimo a cada pecinha anatômica e os alunos não só se convencem de que essa memorização é alta ciência, como acabam acreditando que aquilo é o homem! Não sabem que o homem é ser espiritual materializado e que emite pensamentos e os recepciona. É uma estação emissora e receptora ambulante. Não cuidam de que, mesmo que não conversemos, estamos trocando projeções, intercambiando radiações, ajudando-nos ou machucando-nos, buscando o céu ou despencando juntos para o inferno. É uma pena que os professores e catedráticos nada saibam da mente e nem desta realidade, a de que até mesmo o astral pesa sobre nós, Quando na Terra criamos campo propício, despenham-se torrentes de espíritos tenebrosos, envolvendo-nos em suas maquinações e levando-nos à prática de atos cruéis ou debochados, com que nunca sonhamos.

Jonas C. tinha elevado o tom da sua voz, como a de quem protestasse. Abriu uma revista., que levava para ler no ônibus e mostrou a manchete: “Ascensão e Queda do III Reich”.

— Eis um caso típico de psicofera conturbada. Um povo dos mais educados e cultos do mundo, de repente, passa a respirar e agir consoante uma psicofera poluída por pregação sistemática e hábil. Homens mansos, pacíficos e alegres bebedores de cerveja e tocadores de sanfona, num instante deixam de dançar as polcas ruidosas e marcham a passo de ganso. Afivelam ao rosto máscaras brutais e tomam-se servis.

Jonas C. parecia recordar-se de alguma coisa. Essa coisa não era boa. Talvez se lembrasse daquela adorável menina-moça, Anne Frank, que viveu oculta, com os seus, num edifício da Holanda, num só cômodo a que denominou “Anexo Secreto” até que a Gestapo a apanhou e a levou, impiedosamente, para o campo de concentração de Bergen-Belsen, onde morreu.

— Mas isso, meus filhos — continuou fonas C. — não sucedeu só à Alemanha. Que de barbaridades não fizeram os revolucionários e o zé-povinho francês, os “sans-culottes”, na Revolução Francesa—, dependurando as cabeças dos aristocratas guilhotinados nos varapaus e dançando com elas uma dança macabra.

Fez uma pausa e depois continuou:

— Daí que vocês devem ter muito cuidado para que nunca sejam envolvidos, levados a agir inconscientemente.

— Você tem razão — atalhou o cirurgião-dentista, Dr. Francisco Gabriel, conhecido por Bié e que viajava na companhia do seu filho Fer. Bié pediu licença e contou a sua experiência.

— Calculem que não sou capaz de matar uma formiga e, no entanto, estando a assistir uma partida de futebol entre Corinthians, time do meu coração e Palmeiras, eis que um jogador palmeirense cometeu falta grave, no adversário, mas teve a infelicidade de, em seguida, cair. O jogador corintiano foi-lhe em cima de botinadas. A multidão da arquibancada e principalmente do alambrado gritava furiosa: “mate esse carcamano... liquide com ele... mate...” Quando dei conta, eu estava de pé, vociferando, também, repetindo inconscientemente as mesmas palavras. Imaginem que coisa terrível.

Conforme o Dr. Francisco Gabriel falava, o meu pensamento voltou-se para os mártires cristãos no Coliseu e à plebe romana, gritando eufórica para Nero e se divertindo com aqueles espetáculos sangrentos. Eles sabiam o que faziam? Mas, Jonas C. ainda preveniu-nos:

— Todos homens têm sensibilidade mediúnic, embora em grau não tão perceptível e principalmente de captação, isto é, recebemos e nos impregnamos das cargas de pensamentos emitidos pelos nossos irmãos encarnados e desencarnados. Daí que esse terreno ainda deva ser pesquisado até mesmo para a interpretação dos atos humanos, devendo, no futuro, influir no julgamento do réu. Conheci um adolescente íntegro e de inteligência invulgar. Quis o destino que fosse trabalhar num meio onde se lidava com importação e exportação. A princípio, a sua noção de integridade moral impedia-o de aceitar propinas. Mas... a psicofera, ali dominante, era de que o tirar-se vantagem era um direito consuetudinário do servidor. Afinal, essa corrupção tinha-se tomado tacitamente aceita, tanto pela direção superior, quanto pelos clientes. Nosso jovem acabou por pensar como pensavam os outros. Não sentiu mais que aquilo não era direito. Quando mais tarde, a instituição foi submetida a um rigoroso inquérito moralizador e foi chamado a prestar conta dos seus atos, ficou completamente perturbado. Sendo interiormente honesto, cheio de amor próprio, envergonhava-se do que havia feito e não sabia explicar como chegara àquilo. Começou a cogitar de suicídio, quando o trouxeram para que o orientássemos espiritualmente.

Outra participante da comitiva ao Museu de Cera, era uma ilustre professora, Dna. Nora, que obtemperou:

— Esta matéria, que desconhecia inteiramente, é deveras palpitante. Na minha classe, tenho uma aluna chamada Calíope, que sempre foi um modelo de comportamento ético. Dias atrás, procurou-me chorosa: “Estou passando horrível depressão. Tenho vontade de desaparecer. Quando vejo minha santa mãe, meus boníssimos irmãos, meu pai tão correto, elogiando-me, sinto um vazio na boca do estômago. Não sou nada disto, Dna. Nora. Eu comecei a participar de um clubinho organizado, aqui dentro da Escola.

Ao mesmo tempo, foram aderindo elementos estranhos. Começamos a nos reunir, para fins elevados. Passamos a tentar, por nós mesmos, psicodramas. Por fim, misturamos pesquisas com diversões. Quando percebi, eu estava puxando maconha. Desta passei para as picadas. Para obter dos fornecedores o material, acabei fazendo concessões libidinosas. De repente, eu estava, num inferninho de apartamento. Não sei como acordei... Sei sim. Uma amiguinha, percebendo em mim algo

de anormal, mas ignorando o meu verdadeiro estado moral, levou-me à casa de um senhor muito versado em espiritualismo. Conversou comigo e fez-me participar de uma reunião espírita. Orei com aquela gente cheia de fé e confiança. Ouvi ensinamentos e o tema era: “Despertaí”. Por verdadeiro milagre, voltei a mim. O que se tinha passado na minha vida não podia ser realidade. Devia ser um pesadelo. E agora estou aqui, confessando-lhe isto...”

— Realmente — considerou Jonas C. — é uma passagem comovente e que se repete todos os dias. No entanto, não há de onde o ser humano não possa levantar-se. A cair, todos nós estamos sujeitos, mas não nos assiste o direito de continuar no chão. Se essa jovem desejar, estou disposto a ajudá-la a levantar-se. Jesus é o exemplo que devemos seguir. Ele deu a mão à mulher adúltera.

O enorme ônibus foi adentrando as pistas asfaltadas do Parque Anhembi, onde se encontrava instalado o Museu de Cera.

Quando ingressamos no Museu, tínhamos a impressão de estar voltando ao mundo dos ressurrectos. A Rainha Vitória se encontrava ali majestática. Colombo singrava os mares ignotos, sonhando encontrar um novo caminho para as Índias. Napoleão guardava aquela sua postura de quem pensava e ordenava ao mesmo tempo. Que infeliz Maria Antonieta! Mme. Pompadour passeava a sua elegância pelas Tulherias. Edison perscrutava os segredos da natureza para beneficiar a humanidade e tipos populares andavam ali fixados em cera. Excedia a imaginação de qualquer um, tal fidelidade. Jonas C., porém, não deixava passar nada sem uma observação mais profunda.

— São parecidos com os homens, mas são de cera. Um fósforo os derrete. Falta-lhes o vigor do espírito. O mesmo acontece com muitos homens que parecem ser grandes homens mas que, diante da adversidade, de uma traição, de uma frustração ou insucesso, se transformam num pouco de qualquer coisa sem serventia. Os homens não são nada, sem o espírito disposto e de caráter. Vida não é unicamente “ser”, pois estas estátuas “são”; mas “ser” em movimento; não movimento de marionete, mas com objetivo de progresso espiritual.

Jonas C. parou um pouco e continuou:

— Todavia, meus meninos, não confundam espiri- tualizar-se com o tornarem-se fracos, pusilânimes, desanimados e indiferentes à sorte do mundo e da humanidade. Espiritualizar-se é, também, integrar-se na vida, agir, trabalhar, cooperar, fundar cidades, abrir mercados de trabalho, fazer música, inventar aparelhos, consertar objetos, fabricar, arrotear terras, desbravar matas, transportar mercadorias, porque Deus planejou esta Terra assim e ela tem de ser trabalhada, aprimorada, melhorada, como melhoramos e aprimoramos nosso lar.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Como melhorar e limpar a psicofera?

— Usando elementos antidotos àqueles que poluem: Assim, aos pensamentos dominantes de violência, emitamos os de paz. À obsessão dos homens pela obtenção dos bens de consumo e ao progresso exclusivo material, emitamos pensamento de desprendimento, serenidade e justiça social. À onda de obcenidade, emitamos radiação de respeito, romantismo e amor mais profundo. Assim, por diante.

Que vem a ser aura?

Emanação irradiada por todos os seres e em tomo de si mesmos. A natureza dessa radiação, no homem, é psi- cobionérgica, isto. é, tem qualidades físicas, biológicas e psíquicas. Tem-se-lhe dado o nome de bioplasma ou còrpo bioplásmico.

Como vemos a aura?

— A aura sempre foi vista em todos os tempos pelos portadores do dom da vidência. No entanto, ultimamente, a ciência tem procurado fotografar a aura. Esta consecução foi levada a efeito, com maior evidência mundial, pelo casal de russos Simeon e Valentina Kirlian, mas que, rapidamente, se efetivou em muitos países, principalmenté no Brasil.

Sendo uma radiação muito complexa detectada em todos os níveis, desde o mineral até ao homem, evidente que as interpretações possam situar-se no nível físico, biológico ou psíquico. A esta fotografia da aura, segundo o processo de Kirlian, denominamos efluviografia ou kir- liangrafia.

Capítulo IX OS OBSESSORES

Jonas C. chegou muito depois de nós, na biblioteca, onde nos ministrava as aulas. A sua demora causava-nos preocupação, pois que fugia ao seu hábito: o da pontualidade britânica. Por fim, apareceu esbaforido:

— Atrasei-me, um bocado. Arre! A gente se mete em cada uma. Estou chegando de uma casa que parecia o Juqueri. Calculem, vocês, que me telefonaram, pedindo-me, pelo amor de Deus, a minha assistência espiritual direta a uma senhora que estava passando mal. Hoje, nós, espíritas, somos um misto do pároco antigo, do médico de família e do pajé tribal...

— Eu já tinha reparado que isto se dá com a minha mãe — disse Pixoxa. Não procuram o pároco para se aconselhar e obter proteção, mas a minha mãe que, vira e mexe, deixa até queimar o feijão.

O mestre aguardou a observação da Pixoxa, cuja mãe era médium de cura e conselheira espiritual muito considerada, depois do que continuou.

— ... A mim, não me faltam tais canseiras e, por isto fui atender ao apelo. Julguei que se tratasse de algum abalo nervoso. Entretanto, Mariana, que este era o nome da minha ignorada paciente, estava em violenta crise, rebentando tudo que encontrasse ao alcance da sua mão, com vários homens segurando-a, a muito custo. O guarda-roupa jazia no chão e o toucador espatifado. Ela gritava, de estremecer o quarteirão. A sua voz, porém, era de homem em flexão bastante característica: “Não arredo pé daqui. Não adianta. Jurei matá-la e hei de acabar com ela e toda esta raça de fingidos malditos. Malditos! Arrenegados!”

Quando me aproximei da pobre Mariana que, então, não era Mariana, não era nada, todos me olharam como o salvador, aquele que iria carregar o pecado do mundo, porque o homem gosta de tirar os seus fardos e colocá-los nos ombros dos outros, mormente se ele é um santo, ou presumem-no, assim. Interiormente, eu me sentia menor do que um esquilo diante de um elefante. De relance, percebi, pelo quadro sintomatológico, que não se tratava de caso capitulado pela psiquiatria, mas de obsedação espírita. Dna. Mariana, a meu ver, fora dominada por uma personalidade intrusa, que chamamos pelo nome simples de espírito obsessor.

Pedi a todos os presentes que colaborassem comigo, entrando em faixa de pensamento positivo, de muito amor e de apelo ao Divino Mestre Jesus, o excelso médico das almas. O medo, em tais momentos, é o pior caminho e o pânico, verdadeiro desastre. Que diríamos de um cirurgião e de toda uma equipe de enfermeiros que começassem o seu trabalho cirúrgico com as mãos trêmulas?

Depois que consegui equilibrar os presentes, só então podia chegar àquela pobre alma, passando a conversar com o obsessor: Entre um impropério e outro, dizia em resumo isto: “Fui fiel empregado desta família, servindo-a como Caixa. Morri, não faz muito. Essa mulher mandou me espancar para que confessasse furto que

não cometi. De tanto apanhar, faleci de síncope. –Não bastante matar-me, em convivência com certo advogado, deram jeito de se apossar da única casinha, que eu havia construído e deixado para a minha pobre esposa e meus quatro filhos pequenos e isto o fizeram a título de indenização.”

O obsessor tinha plena consciência do que estava fazendo, tal e qual o verdugo que sabe que vai apertar o nó do enforcado. Se eu lhe falava em perdão, caçoava de mim. Se pronunciava o nome de Jesus, ele cuspiam-me na cara. Ria de qualquer esforço meu em doutriná-lo, virando então uma fera e xingando-me de nomes de baixo calão.

— Como você se arrumou, Jonas C.? — perguntou o aluno Marcos Fernando.

— Neste caso, palavras não adiantam muito — respondeu Jonas. Esse tipo de obsessor age desta forma porque quer e sabe perfeitamente todo mal que está causando aos desafetos. E quanto mais efeito maléfico destrutivo alcança, mais se julga vitorioso. Importa confiar em Deus e em nossos amigos espirituais que nos amparam. Da nossa parte, como dissemos, é não ter medo e ter aquela confiança de um lutador, que tem certeza de que será vitorioso, porque a causa é do bem, contra o mal. Esta fortaleza é essencial. Em seguida, passamos a emitir vibrações de nível mental e fluídico que propiciem campo adequado para nossos auxiliares invisíveis. Naquela hora apelei para o Irmão Justino, entidade traquejada nestas tarefas de desobsessão e, logo mais, o obsessor começou a se contorcer: “Desamarrem-me seus miseráveis, filhos do demônio... Eu já disse que daqui não saio... Eu rebento isto...”

Notava-se que ele desejava berrar, mas que havia, agora, uma força que o impedia de fazê-lo. A impressão era de que o tivessem mesmo amarrado ou colocado dentro de malhas fluído-magnéticas, como os enfermeiros terrestres fazem, nos hospitais, metendo o louco varrido numa camisa de força. Devagarinho, Mariana foi-se descontraindo, ficou largada no chão e, por fim, abriu os olhos, espantada, sem saber onde se encontrava e o que lhe tinha acontecido.

Jonas C. descrevia-nos aquelas cenas com cores tão vivas que parecia estarmos assistindo ao filme “O Exorcista”. Depois de uma pausa, prosseguiu.

— Parece que estou falando demais. No entanto, faço para fins de instrução e não de diversão sádica. Importa que compreendam a necessidade de confiar em Deus, em nosso divino Mestre Jesus e em toda a coorte de espíritos protetores para enfrentar estes casos. A nossa dialética, sem amparo, nada resolve. Além do mais, o exemplo que lhes dei tem um histórico e quase todo caso de obsessão o possui. O obsessor não se junte ao obse-diado, sem que haja um motivo, uma razão qualquer. A simbiose se dá, salvo as exceções, porque existe uma sintonia, uma vibração de identidade. Mariana agiu com perversidade. O seu campo moral está estruturado nesse tom perverso, embora possa socialmente ser bela e respeitável. O obsessor vilipendiado e judiado encontrou uma casa aberta para a sua penetração.

— Como podemos resolver um caso desses? — perguntou Soninha Cabral.

— Realmente, um caso deste não se resolve tão só através da força fluídica, como ocorreu, ou conforme expressão popular, “amarrando” o obsessor e atirando-o fora. Ele fará tudo para voltar. Para que não volte, Mariana tem de se evangelizar, buscar o caminho da retificação do mal que fez, amparar a família do obsessor, devolver a casinha aos familiares e, doravante, se possível, integrar-se em equipe de visitas aos encarcerados. A obsessão se assemelha a um nó. É necessário desfazê-lo. Muitas vezes, esse nó vem de muitas vidas pfegressas.

Fer, depois de estar quieto muito tempo, atalhou.

— Conheci um caso, em minha família, cujo nó de obsessão teve origem no tempo da escravatura. Uma jovem, minha parenta, estava servindo na venda do seu

pai, no largo São Benedito, em Campinas. Nisto entrou um preto todo rasgado e machucado, arrastando uma corrente. Pediu uma pinga. A jovem serviu-o. Ele pegou o cálice e jogou o conteúdo no rosto dela. Desde aquele momento, a jovem se tomou dementada. Noite e dia, o preto perseguia-a. Um tio da jovem, espírita praticante, apurou que se tratava do espírito de um negro que ela mandara pôr no tronco e surrá-lo até que morresse, isso no tempo da escravidão, em que fora uma das mais ricas senhoras de engenho. Ela se reencamou e o negro escravo a perdeu de vista, até que a reencontrou aquele dia no balcão e jurou tirar-lhe a vida, para judiar dela, mais ainda, no Além. E, como os pais fossem católicos e o padre consultado não admitisse que ela fosse tratada no Espiritismo, a mesma morreu louca no Hospital de Psicopatas Franco da Rocha, antigo Juqueri.

— E quando não se conhece a origem do nó obsessivo, como desfazê-lo?

Jonas C. sorriu e disse:

— Vocês conhecem aquele dito, assim, “dá a volta por cima”? Se alguém o procura atingir por baixo, você dá a volta por cima e ele não o pega, com o seu golpe. Também isso prevalece na espiritualidade. Você procura subir, ir para cima, tomar-se mais puro, mais evangelizado; conseqüentemente, aquela onda inferior, de freqüência perturbadora fora do seu calibre, não entra no seu aparelho, não penetra o seu corpo.

Na verdade, aquelas lições poderiam parecer sombrias. Mas o homem tem de conhecer o lado escuro e o claro da existência. Elas tinham nos levado a um ponto forte do Espiritismo: a da conversão da sombra em luz; do diabo em anjo; do gangster em samaritano; do devedor em credor. Mas eu tinha uma dúvida acerca desse assunto e me aventurei a perguntar:

— Todos os casos, assim, de atuação de um espírito sobre uma pessoa, podemos considerar caso de obsessão e a tal espírito podemos chamar de obsessor?

— Ao menos, no meu ponto de vista, não. Morre um nosso filho de acidente. Inconscientemente, busca a mãe. Junge-se a ela e interfere no seu campo psíquico, causando-lhe distúrbios psicossomáticos. Este filho amado não é obsessor, mas um espírito sofredor. Para que chamemos um espírito de obsessor, importa que haja aquele propósito de fazer o mal, por si mesmo ou porque foi mandado. Arigó me mostrou, em Congonhas do Campo, uma fotografia de um cidadão argentino que, de repente, começou a ficar cego e veio da Argentina, na esperança de ser operado. Arigó, porém, disse-lhe: “Não há operação a ser feita. Você está sendo prejudicado pela própria filha. Chegando na Argentina, tire uma foto dos olhos, mande ampliar e verá”. O cidadão, xingando Arigó de charlatão, foi-se embora. Depois, fez o que Arigó mandou. E na foto, que eu vi, lá estava dentro dos olhos uma bela moça em traje de formatura, isto é, de beca. Que tinha acontecido? A jovem, por motivo ignorado, filha do paciente, no dia da formatura havia se suicidado. Naturalmente, traumatizada, inconsciente, agarrou-se, como num salva-vida; ao pai e acabou causando-lhe prejuízo, sem saber. Assim, sabemos que certos pais, excessivamente apegados a um filho, não seguem para os seus lugares, no Além, e podem ficar na casa, causando perturbações, por excesso de amor!

— E neste caso, como agir? — voltou, à carga, So-ninha Cabral.

— Para isto, existem médiuns que emprestam o seu corpo, em sessões espíritas ditas de “doutrinação”. O fato é que doutrinadores especializados, com paciência, dentro de muita vibração de amor, amparados pelos mensageiros do Cristo, conseguem levá-los à compreensão do seu estado, à coragem para seguir novos caminhos e continuar a vida, no plano espiritual. Tais médiuns, vulgarmente, chamados de “de caridade”, prestam serviço relevante.

— Mas por que não fazem esta doutrinação no Além, onde há espíritos de tanta luz? — perguntou Bia.

— Porque muitos desses espíritos sofredores, não ouvem e não vêem. Os espíritos de luz chegam perto deles, mas não conseguem comunicar-se, pois os mesmos estão aturdidos com o impacto. Por isso é que se manifestam, quase sempre gemendo, balbuciando palavras desconexas, chorando, repetindo-se, em cenas comoventes. Quando o médium lhes empresta o corpo e o psicoplasma próprio de ligação, entre o mundo espiritual e o material, ele passa a ver e ouvir..

— Maravilhoso isto! — obtemperou Martinha.

— A gente passa a compreender com isto muita coisa enigmática do Espiritismo — completou Genoca, que nos ouvia. Certa ocasião, um meu compadre, falecido, trouxe o espírito do filho que se encontrava sem luzes no Além. E, então, lhe disse: “Ora, por que você não transmite diretamente luz para ele, aí? Para que trazer, aqui, em nossa sessão?” Respondeu: “Acontece que, no estado em que se encontra aqui, o meu filho não me vê e não me ouve. Colocando-o junto ao médium, ele levará um choque, acordará, verá e ouvirá as suas palavras, pois você era muito benquista por ele”.

Jonas C. ainda nos deu uma última explicação.

— Às vezes, apenas o contato do espírito sofredor junto ao médium ou corrente mediúnica, já lhe adianta muito, pois serve de “choque” que o tira de um processo de fixação mental em que se encontra no Além.

E depois da pausa tradicional.

— Este capítulo da obsessão é um dos mais importantes no relacionamento entre este Mundo e Outro. A humanidade toda, hoje, sofre tremendo assédio de forças negativas. No entanto, este tema exigiria uma obra toda e, assim mesmo, em vários volumes.

O Obsessor

Cornélio Pires

Nhô Cacique, na Roça do Boi Manso,
Engolia a branquinha assossegado,
Mas dizia que estava obsedado,
Encolhido na rede de balanço.

Um dia, na sessão de Nhô Picanço,
Ele falou ao guia incorporado»
— “Ah! meu irmão, tem de meu estado!...
Que defunto perturba meu descanso?”

O guia disse: “Deus te fortaleça...
Pega o arado! Serviço na cabeça
Cura esse sofrimento que te abafa!...
Morto que te persegue, Nhô Cacique,

Ê a cana doce, morta no alambique
Enterrada na boca da garrafa.”

(Ditado pelo espírito de Cornélio Pires, através de F. C. Xavier — pg. 53 Poetas Redivivos — edit. Feb)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Podemos considerar o obsessor de Mariana um demônio?

— Evidente que não, pois ele era simplesmente o espírito de um ex-tesoureiro revoltado, desejoso de vingança. Não existe demônio, diabo ou satanás, no sentido que lhe emprestam as religiões, destinados sempre a praticar o mal. São, isto sim, espíritos retrógrados, muito inferiores, mas que, com o tempo, se cansarão do mal e

buscarão o bem. Certa ocasião, Jesus chamou Pedro de Satanaz e com isto não queria dizer que este apóstolo tivesse a alma eternamente pervertida. Muitos “demônios” e “safãs” andam encarnados entre nós e são sequazes do mal, da crueldade e da ambição desmedida.

Então, não existe inferno?

— Também não existe um lugar circunscrito, onde haja fogo lambendo as almas dos pecadores e réprobos. Se um pai não condena um filho e busca tirá-lo da cadeia, como poderia Deus condenar os seus filhos a sofrerem uma pena eterna, isto é, que nunca terminasse? Existem, sim, zonas onde os semelhantes se encontram e, portadores de índole perversa, vivem em situação lastimável, geralmente vítimas de seu próprio monoideísmo e orgulho ferido. Todavia, como o fim do espírito decaído é tomar-se anjo, o fim do inferno é tomar-se céu. Deus é a luz e nada poderá resistir à sua atração.

Qual é o sistema de penas, da doutrina?

— Segundo a Doutrina Espírita cada um responde conforme o seu discernimento. Não se pode exigir de um bugre o mesmo comportamento ético que o de um missionário evangélico; este tem mais luz do que aquele e se lhe exigirá mais. Por uma lei natural de ação e reação, a nossa felicidade ou infelicidade, nesta vida e noutra, não depende de julgamento no Dia do Juízo Final, nem em dia algum. Mas, cada um já carrega dentro de si o que fez de bom e o que fez de mal. Isto lhe dará condições de usufruir o céu ou o inferno ou experimentar mil e um estados passageiros da alma que significam estar feliz ou infeliz.

Quem serão os salvos, na doutrina espírita?

— As religiões, geralmente, oferecem o seu plano de salvação. O Espiritismo não oferece plano nenhum e anuncia à humanidade algo espetacular: todos os homens serão salvos! A diferença é que uns levarão milênios e outros pouco tempo para alcançar planos de amor, paz e beleza perenes. Qual é o bom pastor que, em se perdendo uma ovelha, deixará de ir procurá-la? E Deus é o maior dos pastores!

Devemos acreditar em todos os espíritos?

— Absolutamente não, e isto Allan Kardec ensina constantemente. Pelo fato de ser espírito não é que devemos crer em tudo que diga ou mande fazer. Uma regra áurea, na comunicação através de médiuns, é considerar que um espírito é simplesmente um ser humano sem o corpo carnal; logo esse espírito, se na Terra tinha conhecimentos restritos, não poderá, de repente, tornar-se sábio, tampouco, se era mau, viciado, tornar-se um anjo. Evidente que poderá ter uma visão melhor da vida, mas não tanta que se tome um mestre. Ouvimo-lo com respeito mas, se nos disser que em tal lugar existe um tesouro oculto ou uma mina de petróleo, não sairemos correndo em busca dessa quimera.

Que vem a ser espírito mistificador?

— É aquele que se nos apresenta com personalidade falsa ou fingindo aquilo que não é, para nos enganar e quase sempre com objetivo de nos afastar da religião espírita. Por isso, o jovem deve desconfiar de espíritos que se apresentam com nome pomposo ou muito importante, como Sidarta Gautama, Apóstolo Pedro, Papa Pio XI, São Francisco de Assis ou Napoleão Bonaparte. Mais ainda desconfiar do espírito que diz assim: “Você vai ser o futuro Presidente do Brasil ou, então, um Avatar, novo Missionário.” O mistificador, para conquistar confiança, adula todo mundo e gosta de dizer que esta criança vai ser um novo enviado celeste. Por outro lado, o mistificador adora prometer sucessos bombásticos para os crentes, dizendo que dia tal, às tantas horas, devem comparecer em determinado lugar, onde a “estrela de Belém” vai reaparecer ou um disco voador baixar. Outros prometem que vão se materializar em praça pública.

Qual outro perigo dos menos avisados?

— O chamado animismo ou personismo. Neste caso não é o espírito que mente, mas o próprio médium que transmite, como sendo do espírito, aquilo que está na sua cabeça, no seu capricho ou na sua ambição de mandar. Desejoso o médium de aparecer, fala coisas que não são verdadeiras. Muitas vezes, esse animismo não é consciente, isto é, o médium não tem intenção de enganar, pois se trata de criatura boa, mas o faz inconscientemente, quando em transe.

Capítulo x MEDIUNISMO E ESPIRITISMO

Regressávamos do aprazível sítio do “seu” Pedro Costa, onde a acolhida era sempre fidalga. Dna. Vanir, sua esposa, tinha o coração maior do que o seu próprio corpo e ele era criatura educada, gentil e providencial. A propriedade conservava ainda aquele ar de refúgio antigo com a casa cercada de primaveras, que estouravam em cambiancias multicoloridas.

Jonas C. adorava estar naquela companhia e naquele lugar, que chamava carinhosamente pelo nome de “refúgio encantado”. As árvores eram quase seculares. E, melhor do que tudo, era aquela gente que não parava nunca de cercar os visitantes com o que comer, beber e até rede para dormir.

Éramos poucos e, na maioria, elementos não ligados à Turma da Patota, da escolinha de Jonas C.

O sol declinava no horizonte como bola de fogo, provocando o mais belo arrebol que me foi dado ver, em toda a minha existência, quando tomamos o caminho de volta. Tínhamos deixado o carro, num terreno junto a um restaurante, distante do sítio e, portanto, havia bom pedaço a ser feito a pé.

Tomamos um atalho que descia rente a tuna lagoa, cujas águas eram plácidas, assemelhando-se a um espelho, onde o sol, também, morria. Subia, depois, serpenteando por entre tufos de flores silvestres, para sair numa estrada larga. Foi nessa encruzilhada que vimos um carro muito bonito parar e dele descerem damas recamadas acompanhadas de um senhor trigueiro. Adentraram um capãozinho de mato e ficaram por lá. Não aguentávamos a curiosidade. Quando, depois, de largo tempo saíram, entramos no mesmo lugar e ficamos pasmados pelo que vimos: uma tábua forrada com pano preto e todinha cravada por preguinhos. Os preguinhos ligados uns aos outros por fios de cabelo. No meio, um montículo de ossos, ainda com terra, parecendo-nos de cemitério. Uma galinha preta degolada e um bonito punhal fincado no seu coração. Ao lado, garrafas de pinga.

O moleque Tião, que havíamos tirado do Educandário Eurípedes para passear, foi logo agarrando a garrafa, o punhal e outros utensílios, que ali se encontravam. Luís Tomás, que fazia parte do grupo, deu-lhe um empurrão:

— Cara esganado... Ponha a mão, ponha. Isso é enfeitiçado. Você quer morrer, seu tihoso?

O moleque Tião encolheu a mão, muito desenxabido e disse:

— Cruz credo, valha-me São Benedito...

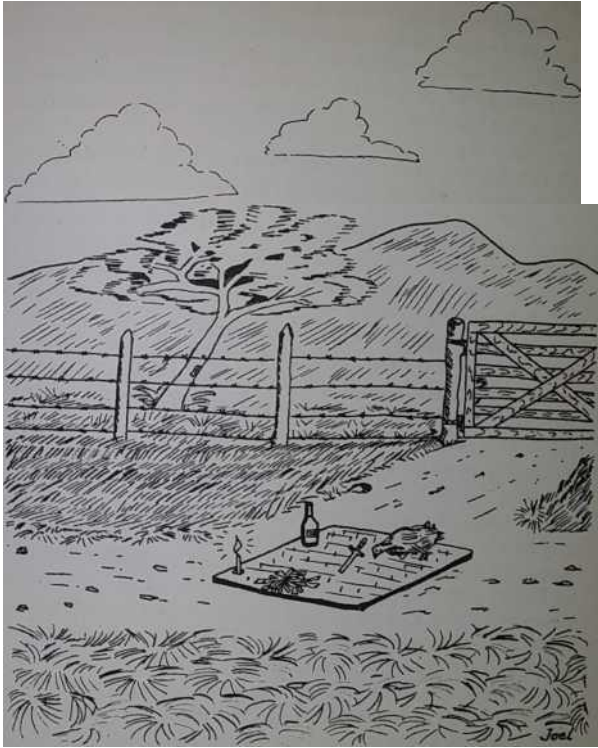
Todos nós, ficamos de cócoras em tomo “daquela coisa”. Era-nos novidade.

Oswaldo, mocinho a quem chamávamos “filho-de-maria”, pelo seu exagerado apego à sua religião, que almoçava e jantava óstia, só lhe faltando batina para ser padre, logo disse:

— Isto é coisa de Espiritismo. O Padre Laureano já nos explicou como os espíritas fazem pacto com o demônio para prejudicar os outros...

Franz, de família espírita, fez cara de quem comeu e não gostou. Diante de tais expressões levianas, reagiu:

— Você é acolhido numa família espírita. Acha-os criaturas de virtudes excepcionais. Não sabe que mais adjetivos escolher para agradá-los. E, agora, bota todos os espíritas num rolo desse?



S — *“Encontramos uma tábua com um punhal e pregos cravados; ao lado, ossos e uma galinha preta degolada. Era um despacho ou coisa-feita...”*

— *Não tenho nada com isto, mas que é macumba, isto é...*

. — E desde quando macumba tem a ver com o Espiritismo? Você já leu alguma obra espírita? Sei que não leu e não vai ler. Eu já lhe dei dois livros. Depois, fui à sua casa e não os achei em lugar algum. Você os escondeu ou jogou fora, em algum rio, de medo de contaminar a sua santidade...

Jonas C., até então, não interferira na discussão dos dois jovens. Ficara à margem, parece que pensando, mas de repente esclareceu:

— Franz tem razão de ficar indignado, porque afinal ele é espírita e a sua família toda, espírita de alta qualificação, com grande nome nas cercanias, pelo tanto que são caridosos. E, realmente, Allan Kardec, na Questão 553, do Livro dos Espíritos chega até a estranhar que os homens acreditem em feitiçarias, talismãs, etc. Ele prefere atribuir tudo mais a arranjos da mente. Se o fundador, ou melhor, codificador do Espiritismo não ensina isto e acha tal prática supersticiosa, é infantilidade atribuir aos espíritas tais arranjos.

— Que poderia ser esta tábua com este aparato todo? — insistiu Oswaldo.

— Não há dúvida de que é um despacho, também, conhecido pelo nome de ebó, coisa-feita, canjerê ou feitiço. No fundo não passa de magia para obter dos deuses ou forças sobrenaturais um resultado favorável. O homem deseja alcançar alguma coisa e, não se achando capaz por si só de obtê-la, lança mão de recursos mágicos. No fundo, é uma magia parecida com aqueles desenhos que são encontrados nas cavernas de Altamira, onde o bisão desenhado e marcado cairia no círculo mágico e seria atingido pelas flechas dos caçadores.

— Mas a magia, então é positiva? indagou Pixoxa.

— Ela dispara uma força fluídico-energética que provoca ou permite uma atuação de entidades barônticas, isto é, de espíritos ainda densos. Evidente que todos os homens são feiticeiros, na medida em que projetam forças mentais destrutivas contra os seus inimigos, embora possam não fazer nada disto com cachaça na encruzilhada. Agora, ser eficaz, atingir isto tudo o alvo e converter-se em mal efetivo, depende de inúmeros fatores. Se quem despacha o mal tem falanges do seu lado, a vítima também tem os seus guias, protetores e correntes espirituais naturais que o defendem, mesmo que ele seja ateu ou não acredite em nada. Se quando o homem nasce, Deus cerca-o de tanto cuidado, como a placenta, cheia d'água anti-choque, lógico que o espírito seja defendido para a realização da sua missão na face da Terra. Não poderíamos ficar à mercê de toda essa gente que se julga capaz de simplesmente despachar o mal, contra qualquer pessoa, por inveja, vingança ou perfídia.

— E se se trata de apenas conseguir um bom negócio, recuperar um dinheiro emprestado, conquistar uma mulher, ganhar na loteca, etc. É possível isto? — indagou Franz.

— É o mesmo caso anterior. Todo nosso apelo mental, para conseguir um objeto ou sucesso, atrai forças que passam a trabalhar para tal fim. Num “trabalho” especial, como este e outros, em que se movimentam entidades menos edificadas, o sucesso pode ser obtido...

— Então, essa gente toda que corre daqui para lá e de lá para cá, atrás de “trabalhos”, tem mesmo razão? — indagou Luís Thomaz.

— Por incrível que pareça, conseguem muito, mas existe o lado inconveniente espiritual. Se você se reúne a assaltantes para conseguir dinheiro, você se torna conivente e passa a pertencer ao bando. Eles, espíritos inferiores, tornam-se os seus fiéis capangas mas, também, lhe cobrarão o seu preço. Conseqüentemente, não vale a pena!

Enquanto Jonas C. esclarecia tão delicada matéria, eu pensava como o relacionamento do homem com os espíritos se assemelha ao do homem para com o seu semelhante. “Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.” Mas Oswaldo estava ouvindo, um tanto amuado, e voltou à carga.

— Franz ficou zangado comigo, mas se essa gente lida com espíritos, evoca-os, fá-los trabalhar, encantam-nos, está na cara que é Espiritismo, pois só os espíritos é que conversam com os mortos. Por sinal, o padre Laureano me mostrou o versículo da Bíblia, através do qual Deus proibiu isto. É pecado, no duro. Vocês espíritos vão ser lambidos no Fogo Eterno. Não há salvação!

Jonas C. não respondeu logo. Deixou aquele lugar “enfeitado”, seguindo estrada mais larga. O sol tinha desaparecido de todo, mas o horizonte conservava um lusco-fusco que a natureza toda refletia. A brisa soprava-nos a face e, quando respirávamos, era como se absorvêssemos moléculas de serenidade. Jonas C., porém, não deixou Oswaldo sem resposta. Com muito afeto, passou-lhe a mão pelo ombro e foi andando assim pela estrada de terra. Por fim disse:

— A sua religião é respeitável pela sua tradição e os seus extraordinários valores humanos. Quanto a julgá-la, pertence a Deus, porque até as instituições têm crédito e débito cármico. Mas, você Oswaldo, sendo um rapaz de tão boa formação e mesmo aspirando o melhor espiritual, nunca julgue pelo que os outros dizem. Vou-lhe contar um fato. Você conhece seu Cipriano Negrão, pai da Maria?

— Puxa! se conheço. Sou amigo da Zezé e do Chi-quinho. Não conheço homem mais íntegro e de melhor coração. É uma pérola.

— Então, saiba você que ele é grau 33 da Maçonaria. Quando um católico amigo dele, da sua maior intimidade, soube que ele era maçom me escreveu uma

carta: “Pelo amor de Deus, fale com o Cipriano para deixar a maçonaria. Os maçons assassinam aqueles que renegam o juramento e comem crianças em rituais de sabá. Além de tudo, ele se torna um excomungado, sem salvação, condenado irremediavelmente ao Inferno”. Achei a carta de supina estupidez, mas o fato é que tal amigo nunca mais admitiu que seu Cipriano entrasse na sua casa! ”... No entanto, “Seu” Cipriano, maçom e espírita, era alma que santificava onde punha os pés!

Depois de uma pausa, com muita calma e afetuosamente, Jonas C. prosseguiu:

— ... Espiritismo nada tem a ver com tais feitiços. O fato de uma pessoa evocar os mortos, trabalhar com eles, usar médiuns, etc. não significa que a pessoa seja espírita. Desde que o mundo é mundo, os homens mantêm intercâmbio com o Além e, no entanto, o Espiritismo foi fundado faz, apenas, cem anos. Se você for ao Haiti verá que lá existe a prática do vodu e os haitianos fazem verdadeiras guerras de despachos. Conheço padres que têm esse dom de se relacionar com o Além, no entanto, não são espíritas. Olga Worrall vê espíritos e obtém curas psíquicas, de modo que se tomou célebre no mundo inteiro, no entanto é metodista. A maior vidente contemporânea é Jeane Dixon; no entanto, é catolicíssima.

— Que é ser espírita, então? — perguntou Oswaldo, já seduzido pela lhanura de Jonas C.

— Ser espírita é seguir a doutrina constante das obras fundamentais de Allan Kardec, como o Livro dos Espíritos, o Evangelho Segundo o Espiritismo, o Livro dos Médiuns e outros ensinamentos que desenvolvem essa linha de ensinamentos elaborados por escritores espíritas credenciados e também provenientes de mensagens do Além, através de médiuns idôneos. Tais ensinamentos não foram inventados por Allan Kardec mas, simplesmente, ordenados e codificados por ele, pois, vieram ditados por muitos espíritos de luz e de diversas partes. O Espiritismo, pois, é uma realidade revelada e pesquisável, mas sem dono. O Espiritismo tem por base primacial, a caridade. Daí serem os espíritas muito ativos no setor da filantropia. No entanto, o Espiritismo não possui, como vocês católicos, um credo, ao qual devem se ater, tomando-se quase juramentados. O Espiritismo é uma doutrina sempre em transformação e aperfeiçoamento. O progresso do espírito é a meta.

— Mas... então, eu não entendo. Como é que, por toda parte, a gente vê coisas desagradáveis neste terreno?

— Certo que se vê, mas isto não é Espiritismo, mas mediunismo. Ser médium ou possuir mediunidade não significa ser espírita. Mesmo um fascínora pode ter mediunidade. Dizem alguns que Hitler era médium. O médium é um instrumento, através do qual os espíritos podem se comunicar. Mas, se ele não estudou a doutrina espírita e não se evangelizou, pode ser instrumento de forças ignorantes e até mesmo tenebrosas! O médium, caro Oswaldo, é como um aparelho de TV; tanto você pode ligar para a Nona Sinfonia Coral de Beethoven como para um filme de terror ou então uma chanchada!

Jonas C. abaixou-se junto ao barranco e apanhou com cuidado algumas folhagens e mostrou ao Oswaldo:

— Sabe que é isto? ... É urtiga!...

Oswaldo não quis pegar. Ficou com receio.

— ... pois bem. Você não julgou bem a urtiga. Ela é considerada a rainha das plantas depurativas, antitóxicas, calmantes e curadoras! Mas veja isto, aqui — e com outra mão apanhou umas cápsulas redondas espinhudas e de aspecto desagradável. Isto é carrapicho. Parece um minúsculo porco-espinho. No entanto, tem qualidades medicinais e é planta forrageira para animais. Eis, caro Oswaldo, que você não deve julgar religião ou instituição nenhuma pela aparência e pelo que dizem. O Imperador Maximiano espalhou pelo Império romano que os cristãos eram antropófagos. Sabem por quê? Porque os cristãos pronunciavam aquela frase: “Tomai e comei, este é o meu corpo, tomai e bebei, este é o meu sangue...” E, com isto, o Imperador desencadeou violenta perseguição, que encontrou simpatia na

população, pois quem é que apoia um antropófago?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Deus proibiu os homens de se comunicarem com os mortos?

— Primeiramente, quem são os mortos e quem são os vivos? Aqueles nossos irmãos, que passaram para o Além, estão mais vivos do que nós e, geralmente, são eles que nos buscam para transmitir-nos palavras de consolação, dar-nos a convicção da imortalidade e ensinamentos espiritualistas. Outras vezes, pelo contrário, eles, os mortos, é que necessitam de nós. Em suma, o entrelaçamento entre os seres, todos filhos de Deus, não se rompe com a morte. Terezinha de Lisieux morreu mas continua amando e velando por aqueles que lhe devotam amor. Seria fazer péssimo juízo de Deus, se acreditássemos que ele permite só aos “demônios” comunicarem-se conosco para nos perderem a alma e não consentisse que os bons e iluminados espíritos chegassem para nos amparar e nos ensinar.

A primeira sessão espírita, na Terra, deu-se no Éden, quando o espírito de Jeová se comunicou com Adão e Eva. Um Grande Espírito falou diretamente, em fenômeno de pneumatofonia, ao primeiro casal!

Por que os adversários do espiritismo sempre citam a Bíblia, dizendo que ela proíbe essa comunicação?

— Porque o versículo 10, do capítulo 18 do Deuteronômio diz: “Não se achará contigo o encantador, nem o que consulte espíritos ou a um espírito familiar, nem aquele que consulte aos mortos”.

Mas, devemos honestamente indagar o que vem a ser esse Deuteronômio.

É o quinto livro da Torá, isto, a LEI JUDAICA, tanto que a palavra Deuteronômio significa “segundo a lei” e se originou de um discurso pronunciado por Moisés aos hebreus, antes de entrarem em Canaã.

Se neste momento lhe trouxerem uma lei para você cumprir assim redigida: “Fica proibido pregar a independência do Brasil, sob pena de enforcamento”, que é que você pensará de tal lei? Verá logo, que ela se refere ao tempo em que o Brasil era colônia de Portugal, pois que, agora, Tiradentes, de vilão, passou a herói e apóstolo da liberdade. Os tempos mudaram. A lei que lhe trouxeram, era obsoleta e, ridículo, se alguém pretendesse cumpri-la.

Assim, o Deuteronômio promulgado faz milênios, não foi ditado por Deus, mas estabelecido por Moisés, que era um grande condutor de povo e genial legislador. Ele não podia legislar de outro modo, em tais condições históricas e culturais, para um povo nômade, ainda não habituado à liberdade, que vivera muitos séculos debaixo da escravidão, no Egito.

Como se prova que o deuteronômio é lei absurda?

— Lendo simplesmente a Bíblia. O versículo que citam, a todo o momento contra o Espiritismo, traz o n.º 10, mas temos de ler os versículos de 1 a 9 e os de 11 para frente. Se nos lançam anátemas, pelo fato de não cumprirmos essa Lei de Deus, estaríamos dispostos a fazê-lo, se tais leis cumprissem-na fielmente. Então, apanhando apenas alguns versículos, da mesma Lei Deuteronômica, perguntamos:

Por que não cumprem as leis abaixo?

5,12 — “Observa o dia de sábado para o santifi-

cares, como Jeová teu Deus te ordenou” — Nele não farás obra alguma nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o

teu jumento, nem animal algum teu... ”

Nota: Poucas seitas cristãs observam o sábado.

7,1 — “Quando Jeová, teu Deus, te introduzir na

terra a que vais para a possuir... então destruirás aquelas nações totalmente... nem terás piedade delas...” “Devorarás todos os povos que Jeová teu Deus te entregar; os teus olhos não terão piedade deles.. * — 20, 14... “porém as mulheres e os pequeninos, tomarás como presa tua..

Nota: Foi a duras penas que atingimos a atual civilização que condena a impiedade na guerra. Se tuna nação exorbita-se, outras se erguem em protesto. Quanto à escravidão de mulheres e crianças, nem é bom falar.

7, 3 — “Não contrairás com elas matrimônios, não

darás tua filha a seu filho, nem tomarás sua filha para teu filho”.

Nota: Uma das coisas mais abomináveis para o mundo contemporâneo é a segregação racial e o racismo.

12,16-27 — “Tão somente não comerás o sangue; derramá-lo-ás como água sobre a terra. — “Oferecerás os teus holocaustos, a carne e o sangue, sobre o altar de Jeová teu Deus...”

Nota: Repugnar-nos-ia, hoje, colocar carne e derramar sangue de animais num altar, em qualquer Igreja. Converteríamos um templo em açougue?

“Dentro das tuas portas não poderás comer: ... os primogênitos do teu gado ou do teu rebanho, porém, as comerás diante de Jeová teu Deus, no lugar que ele escolher...”

Nota: O mundo cresceu muito. Se hoje tivéssemos de comer, perante Deus, a primeira cria das vacas, centenas de milhares de bezerras teriam de ser levados aos templos e, ali, convertidos em churrasco.

“Se se levantar de ti profeta ou sonhador de sonhos, e te mostrar um milagre ou prodígio, e suceder o milagre ou o prodígio, de que te falou... esse profeta, ou esse sonhador de sonhos será morto.”

Nota: A Parapsicologia admite a precognição e tais pessoas dotadas são reverenciadas pelos pesquisadores e ninguém os mata ou esfolia. Aliás, Deus não tinha dito: “Não matarás”?

- “Se teu irmão, teus filhos ou teus amigos concitarem servir deuses desconhecidos, não o ouvirás e o teu olho não terá piedade dele. A tua mão será a primeira contra ele para o matar, e depois a mão de todo o povo, apedrejando até que morra...”

Nota: Uma das grandes conquistas da humanidade é a liberdade de crença, constante de quase todas as Constituições. Se, hoje, tivéssemos de apedrejar até à morte os que nos trazem livros, mensagens e convites religiosos, seríamos supinamente bárbaros.

13,14... — “Se vierem, também, concitar na cidade conquistada a servir outros deuses: ferirás os habitantes daquela cidade a fio de espada, destruindo-a completamente e bem assim tudo o que nela há, até os animais. Ajuntarás todo o despojo dela no meio da sua praça, e queimarás a cidade e todo o seu despojo como oferta inteira a Jeová, teu Deus.”

Nota: Ninguém, por mais perverso que fosse, admitiria que, por causa de religião, se praticasse tal crueldade.

14, 7, 8 — “Não comereis o porco, porque tem a unha fendida, porém não ruma, esse é imundo para vós. Não comereis a carne destes animais, nem tocareis nos seus cadáveres.”

Nota: Um dos pratos mais disputados nas churrascarias e restaurantes atuais é o lombo de porco e a linguiça desse animal e não me consta que cristão algum o rejeite porque Moisés proibiu.

15, 6... — “Porque Jeová teu Deus te abençoará como te prometeu; emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos; dominarás sobre muitas nações, porém, elas não dominarão sobre ti.”

Nota: As relações financeiras internacionais atualmente se desenvolvem sem observar estes preceitos de Moisés. Não sabemos de nenhuma nação cristã que se negue a receber empréstimos estrangeiros, por causa do Deuteronômio!

15, 12... — “Se te for vendido um teu irmão hebreu, servir-te-á seis anos e no sétimo ano o deixarás ir livre. Se vencido este prazo, ele espontaneamente não quiser deixar a tua casa, “tomarás uma sopleira e furar-lhe-ás a orelha e ele ficará teu escravo para sempre.”

Nota: Hoje, não existe mais escravidão e não se vende ninguém a ninguém. Muito menos se fura orelha de uma pessoa, para assinalar propriedade.

21, 1.. — “Se for achado um morto caído no campo,

— sem que se saiba quem o matou, sairão os teus anciãos e juizes... apanharão uma novilha, levá-la-ão a um vale e quebrarão o pescoço da novilha”.

Nota: Veja-se só de que tempo é o Deuteronômio! Se em cidades como Nova Iorque, Paris, Londres, Tóquio e São Paulo, utilizassem esse processo para cada pessoa que encontrassem assassinada, imaginem o número de novilhas com pescoço quebrado!

21, 18.. — “Se um homem tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedecer à voz de seu pai nem a voz de sua mãe e ainda que o castiguem, não lhes der ouvidos, pegarão nele e o levarão aos anciãos da cidade e à porta de sua cidade e apedrejarão-o até que morra.”

Nota: Não nos consta, que pai ou mãe, ciosamente bíblicos, matem a pedradas os seus filhos rebeldes.

22, 21 — Se uma mulher recém-casada for acusada pelo marido de não tê-la encontrado virgem e não houver prova em contrário, “tirarão a moça até a porta da casa de seu pai, e os homens da cidade a apedrejarão, até que morra...”

Nota: Não nos consta que, hoje, se adote este método tão drástico e poucos pais consentiriam nesse apedrejamento, incrivelmente desumano.

22, 5 — “A mulher não trará traje de homem, nem

o homem vestirá o vestido de mulher, porque aquele que faz estas cousas é abominável a Jeová teu Deus”.

Nota: Atualmente, mesmo em colégios católicos e protestantes, as moças usam calça comprida.

23, 1 — “Não serão admitidos na comunidade de

Jeová aqueles cujos testículos forem mutilados e cujo sêmem for deficiente”.

Nota: Sem comentários, parecendo hitleris- mo puro.

23, 2 — “O fruto de uma união ilícita não será ad

mitido na comunidade de Jeová, nem na décima geração entrará”.

a. Os filhos bastardos são filhos de Deus como todos os demais e essa Lei exigia que fossem castigados, por crime que não cometeram, durante dez gerações!

25, 11 – “Quando brigarem dois homens, um com o outro, e a mulher de um se chegar para livrar o marido daquele que o fere, e estender a mão e lhe pegar pelas suas vergonhas, deceptar-lhe-ás a mão, o teu olho não terá piedade dela”.

Nota. Sem comentários, pelo aspecto ridículo dessa legislação.

(Extraídos os versículos da Bíblia Sagrada da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira de Londres e Bíblia Mais Bela do Mundo — Ed. Abril, a primeira de inspiração protestante e a segunda, católica)

Capítulo XI A LUZ COAGULADA

Estranhámos que a aula tivesse sido transferida da biblioteca para a edícula, no fundo da residência. Havia ali um quarto pequeno e cozinha, com fogão, geladeira e pia.

— Não julguem que os convidei para fazer-lhes surpresa e apresentar alguns quitutes ou iguarias de alta culinária. Na verdade, nunca consegui fritar um ovo. Simplesmente, estamos aqui, por causa do fogão e da geladeira. Vamos fritar água e fazer filé de gelo — disse brincando Jonas C. ;'

Divertimo-nos com a tirada, mas ficamos, ao mesmo tempo, intrigados. Jonas C. pediu à Martinha que tirasse da geladeira uns cubos de gelo e pediu a Pixoxa que lhe trouxesse, de dentro da casa, uma vasilha de pirex, que fosse, pois, transparente e que pudesse ser levada ao fogo. Enquanto se tomavam as providências, ele começou a dissertar:

— O homem perdeu o gosto pela filosofia, enquanto os antigos abusaram dela. Mas, filosofar gostoso não é saber o que Platão disse, Plótino considerou, Aristóteles pontificou, Kant alinhou, Hobbes, Bergson, Heckel e Comte sugeriram. Filosofar não é colecionar pensamentos filosóficos, casando-os ou jogando uns

contra outros, à maneira de crítico literário. Acho, sim, que o homem tem simplesmente de aprender a pensar fora 'do utilitarismo, do prático e do trivial. Olhar um cavalo e não pensar no cavalo como um animal que serve para a cavalaria do exército. Mas, com uma outra vista, penetrar lá dentro, numa outra realidade do ser, indagando que é um animal e daí quem é o homem e do homem quem é Deus? Numa rosa não ver simplesmente a flor, mas retirar-lhe a forma física e chegar a algo, assim, que, por detrás dela, deseja exprimir a beleza. Ela é uma manifestação de beleza. Mas quem está desejando exprimir beleza? E de que forma essa beleza consegue chegar até os sentidos humanos? O homem mergulhou a cabeça nos objetos sólidos e, em si, ressuscitou o antigo “homo habilis”, que vagueava na Terra, milhões de anos passados e passou a não perguntar mais de onde veio, onde está e para onde vai. Ele, o homem, tomou-se já cibernético, isto é, um robô montado pela nossa atual cultura. E nossa atual cultura é exclusivamente mecanicista e utilitarista. Evidente que isto nos empobrece o espírito. Sentimo-nos sempre degustando torrões de terra e cheirando fumaça...

— Também — continuou Jonas C. — o Universo dia a dia aumenta de tamanho. Quanto mais cresce o alcance do telescópio, maior o Universo se toma. Logo, a nossa Terra que era o centro do Universo virou grão de poeira. E por que Deus, pessoalmente, viria se agastar com Adão e repreender, pessoalmente, um tal de Caim? Armar ciladas para o Faraó do Egito, endurecendo-lhe o coração? Será que noutros milhões de planetas habitados que existem no espaço, segundo cálculos de astrônomos, Deus teria, também, mandado seu filho único (unigénito) para derramar na cruz o seu sangue a fim de aplacar a sua própria ira contra a humanidade, lavando o pecado original, sanguinolentamente?

Gostaríamos de ver todas as religiões triunfantes e que as naves dos templos se enchessem de jovens entusiastas e que, na Índia, na Arábia, na África, cada religião voltasse a florescer. Mas não há nenhuma árvore, por melhor que seja, que resista à ação do tempo e à fatalidade do envelhecimento. Importa que haja replantio. Sentimo-nos tristes em ver que o ateísmo avança. Cobriu toda a Rússia, espalhou-se pela imensa China, dia a dia, caminha na Índia legendária, berço de Sidarta Gautama, de Krishna e das mais altas expressões espirituais do mundo, penetra até mesmo dentro da própria Itália. E, se considerarmos que os que se dizem cristãos ou de outras religiões não produzem fruto algum espiritual, mas ato de materialismo torpe, eis que importa descobrir onde erramos.

Daí que o Espiritismo se oponha ao imobilismo, pois, Allan Kardec codificou os ensinamentos dos espíritos transmitidos por médiuns de todas as partes do mundo, instruiu os espíritos que, tão logo, se certificassem de que um ensino estivesse em desacordo com os conhecimentos científicos consolidados, modificassem-no. Léon Denis, o maior dos seus filósofos, no Congresso de Paris, acentuou o aspecto do Espiritismo, como grande síntese dos conhecimentos, abrangendo a ciência, a filosofia e a religião.

Não, meus filhos. Não há mais possibilidade de a religião afirmar uma coisa e a ciência provar outra. O Espiritismo veio sobretudo, para acabar com o milagre igrejeiro, dando-lhe explicação racional. Essa explicação importa, muitas vezes, em considerar a existência de outras leis em nível hiperfísico, espiritual ou ainda desconhecido. O que hoje está oculto, amanhã será revelado. O espírito não é algo, assim irreal e incognoscível, mas algo tangível, realíssimo e feito de substância. Espírito é coisa. Quando ele deixa o corpo físico, na morte, se constitui de átomos psíquicos ou espirituais. E, para provar isto, os próprios espíritos se materializam e têm-se materializado em muitos lugares. Muitas aparições, pois, recobertas antes pelo misticismo e “santificadas” são esclarecidas à luz da nova Ciência-Religiosa.

Teilhard de Chardin, jesuíta, que se dedicou à paleontologia, profundo e magnífico pensador, sentiu isto tudo e disse que o mundo, mercê de idéias retrógradas, ficou parado séculos mas que, com a luneta de Galileu, esquadrinhando o céu, positivando o heliocentrismo, começou a mover-se de novo. Com a

tremenda pressão clerical e o misticismo emperrador, a ciência parou e a humanidade viveu centenas de anos no obscurantismo. O que os homens faziam era apenas esforço hercúleo para comprovar a verdade revelada na Bíblia e lhes era vedado descobrir algo que contestasse a “Palavra de Deus” sob pena de serem queimados vivos como hereges.

Por outro lado, essa ignorância tornava-se agressiva e ostentadora. Tendo necessidade de conservar aquelas verdades religiosas e o autoritarismo delas resultante, o direito impressionante de ligar e desligar, abençoar ou amaldiçoar, perdoar ou castigar, elevar ou rebaixar, possuir sem pagar, representar a divindade com exclusividade absoluta, eis que as religiões tiveram de atacar e destruir ! os focos de contestação. Daí as sanguinolentas guerras santas. Em nome de Jesus, realizaram as cruzadas, quando Ele era o Príncipe da Paz, Aquele que nos ensinara que o mandamento principal era amar o nosso semelhante e que não alcançaríamos o reino dos céus se tivéssemos a mínima rusga com o nosso irmão!

Talvez, sentindo todas as inconveniências da autoridade que se transforma em imperialismo dominante religioso, o Alto, em meados do século XIX, ensaiou uma nova forma de revelação religiosa. Não desceu, na Terra, um Arauto, que pudesse receber um nome, mas, por todos os cantos do orbe, surgiram médiuns, através dos quais novas verdades começaram a ser transmitidas. Estes estranhos pregadores eram simplesmente espíritos que passaram a nos mostrar onde estavam, como viviam, de onde tinham vindo e para onde esperavam ir. Um ou outro, que tinha vivido na Terra com nome santo ou como intelectual começou a explicar os textos principalmente do Evangelho que o Divino Mestre nos tinha deixado. Esses médiuns não tinham realce e, pessoalmente, nenhuma importância. A maioria não ficaria na história. O Alto estava já cansado de ver as criaturas simples, que escolhera na Terra, para esparzir a Boa Nova, se transformarem em ícones e anjos. Por isso, dificilmente sabemos através de que médium, em que hora e em que dia, se deu tal ou qual comunicação revolucionária. Nenhum Templo lhes guardará a estátua e ninguém se ajoelhará diante dela. Aquele que foi escolhido para codificar ou coordenar tantas pequenas mensagens, bem como fazer as perguntas, não devia ter cheiro de santidade, nenhum traço de profeta, nada a ver com um Guru oriental e muito menos o prejuízo de um “baba” místico, escondido num ashram. Hippolyte Léon Denizard Rivail era o seu nome e a sua qualificação: um desprezioso professor e pedagogo. Nunca o Alto havia escolhido um professor para importante missão religiosa. Mas o Alto, também, aprendera que os reveladores e os seus escribas tinham o mau hábito de tecer estórias em torno do ensino simples dos arautos, utilizando-se linguagem geralmente simbólica prejudicial. Esse homem, o Prof. Rivail, chamar-se-ia, depois, Allan Kardec, pseudônimo alusivo a uma vida pregressa na qual fora sacerdote druida. Ele, que fora discípulo do emérito educador suíço Pestalozzi e auxiliar deste, bem como autor de muitas obras didáticas, seria o escolhido para a tarefa de disseminar uma nova “Boa Nova”: o Espiritismo. O critério de escolha pelo Alto deu certo, pois, Allan Kardec usou a linguagem didática, clara e objetiva para explicar os mais profundos mistérios que existem entre o céu e a terra. Ficamos sabendo, através dele, que o Universo é incomensurável e que bilhões, trilhões de planetas existem habitados. Uns mais atrasados e outros iguais e muitos mais adiantados do que o nosso; que as almas não são criadas quando os bebês nascem, mas elas já existiam antes, umas superiores outras inferiores, inteligentíssimas ou medíocres, vibráteis como artistas ou insensíveis como brutos, boníssimas, neutras ou perversas, opacas ou brilhantes, vindas da noite dos tempos, edificadas, cada qual, vagarosamente partindo de um princípio simples, que foi evoluindo; que Deus não criou o mundo como quem no teatro encena uma peça: “Adão e Eva, no Paraíso” e que, depois, Ele assume a posição de Diretor atrabiliário, zangando-se com Eva, lastimando porque não interpretaram o papel direitinho e mais tarde enxotando-os do palco; mas que tudo está há bilhões de anos evoluindo de nebulosas iniciais e de matérias primordiais que se tornam astros ou seres; que estes seres simples, a princípio, se

sujeitaram a transformações e com eles a psique, desejosa de alcançar estágios avançados. Com isto, o palco da vida se nos mostrou profundo e a própria vida, por mais insignificante, se nos revelou valiosa para um grande fim. Sobretudo, esse professor Rivail nos transmitiu um método religioso absolutamente revolucionário, com o qual ninguém sonharia. Antes dele, Religião era uma coisa: Ciência, outra. A Religião chegava a se orgulhar de crer no absurdo justamente por ser absurdo. No Credo básico do Ocidente, os mortos ressuscitariam com os seus próprios corpos no dia do Juízo Final, não importava que a ciência demonstrasse que os átomos do corpo de Torquemada, já teriam se convertido em pimenta do reino e o de Teresa de Ávila em formoso cravo de jardim. De nada valia a ciência demonstrar a impossibilidade de todos os animais do mundo serem transportados na Arca de Noé; tampouco que pudesse o sol parar para o povo eleito batalhar e ganhar uma guerrinha insignificante. Religião era religião, ou seja, a “Palavra de Deus” e que devia prevalecer acima de qualquer juízo ou pensamento lógico. A humanidade assim tinha de estar cindida: de um lado, aquele impulso que há, dentro de toda criatura, de ligar-se a Deus, pela religião e, de outro, negar todos os dias os ensinamentos dessa religião, em virtude das conquistas científicas. Aquilo que se pregava na Capela de uma Faculdade era, daí a uma hora, completamente negado no laboratório e na sala de aula da mesma instituição.

Quando, sequiosos, os homens honestos, sinceros, desejosos de crerem indagavam acerca do espírito, de sua origem, a razão do ser, do destino e especificamente da dor, não havia resposta satisfatória. Atribuía-se ao “mistério” e à “salvação”. Homens passavam arrastando-se no chão, como bichos, completamente deformados, oferecendo um bilhete de loteria. Tinham, coitados, nascido assim? Por quê? Outros eram sãos, belos e cheios de sucesso. Por quê? Este, desde tenra idade, era portador da epilepsia e caía no chão em contorções e esgares, enquanto o seu irmão era campeão de halterofilismo e trazia no peito muitas medalhas de marcas atléticas conquistadas. Por quê? Muitos homens que eram sensíveis, diante dessa “injustiça divina”, se revoltavam e se tomavam ateus. Além do mais, a humanidade vivia vergada ao peso de cesaris- mo frio e cínico, que mantinha uma corte pomposa, cujos áulicos tinham, nas casas de oração, os melhores lugares, usufruíam a proteção permanente de todos os anjos e santos. Tal poder discricionário era consagrado e explicado como decorrente de Deus, transmitido geneticamente de geração a geração. Os gemidos dos que trabalhavam noite e dia, nas condições mais infectas, sem nenhum direito, como entes segregados de participação na riqueza que eles próprios geravam, sem teto, sem lume, sem agasalho, sem educação, também provocaram revoltas nas criaturas que confundiam isto como fruto de Deus e, então, tudo fizeram para tirar completamente Deus dos corações. Ai, porém, dos que conseguiram mistificar com o nome do Cristo e o nome do Pai, semeando a guerra, ao invés da paz; a crueldade, em lugar da piedade; o egoísmo devorador, avassalador, ambicioso, tornando-o um direito dos mais fortes, amesquinhando o homem e convertendo Deus num sátrapa oriental.

Através de Allan Kardec, Deus foi reinstaurado na sua posição, insensível ao incenso e à mirra. Deus nunca poderia ser um barganhador de mercado, a quem davam, em holocausto, nos antigos templos, um novilho, um cabrito e três pombas, cheirando a churrasco, para lhe agradar as narinas, enquanto Ele, qual pontífice, em troca, lhes dava proteção integral, nas batalhas e na violentação dos direitos dos povos mais fracos. Agora, com Kardec, tudo se esclarecia. Deus era a Lei e o Amor. E os seus pensamentos se tornavam estrelas e planetas e, nestes, a vida surgia, através destas mesmas leis naturais. Kardec, assim, mostrou que não pode existir nada que não seja natural. Todos aqueles milagres mirabolantes, nos quais as crenças tinham se sustentado ou eram falsos ou se explicavam naturalmente. O mar se abriu para que os israelitas fugissem à perseguição dos exércitos egípcios, o que se dera, em virtude, de fenômeno natural da maré, que sobe e desce, ou haveria alguma outra explicação em nível hiperfísico ou espiritual. Por outro lado, as religiões tinham abusado demais da palavra sobrenatural. A própria origem das

religiões era quase sempre sobrenatural. Aquilo que ocorria em seus ritos tinha a marca da sobre- naturalidade.

Neste ponto é que se deu a mais original revelação religiosa de todos os tempos! Tendo o prof. Rivail sido convidado para ver o fenômeno das mesas girantes, mesas que se levantavam e davam sinais, respondiam às perguntas formuladas, revelavam bom ou mau humor, ele não teve a leviandade dos que brincam com coisas sérias. Descobriu que, atrás daqueles movimentos, havia uma inteligência. Pediu a essa inteligência que se qualificasse. Ela disse: “Sou o espírito de um homem, que já viveu na Terra”. Que deseja? “Comunicar-me”, E, eis a gênese de uma nova filosofia, de uma nova ciência e de uma nova religião. O espírito, então, foi tomado não como algo sobrenatural, mas natural. Ele, o espírito, pertencia a uma das potências da natureza. Em condições especiais, esse espírito podia comunicar-se com os vivos na terra. E, então, que coisa espetacular pode nascer, no mundo, de juízos simples como ocorreu com a maçã de Newton. Os fatos ditos sobrenaturais arrolados em todos os livros sagrados, na vida dos santos, se constituíam de interferência desses espíritos no campo humano. O vegetal pode interferir no mineral e uma rocha sente que as raízes, para ela, sobrenaturais, vão abrindo-a e a rompendo em sua rígida estrutura. O espírito pode atuar nos seres vivos e estes, não sabendo explicar, julgam estar acontecendo- lhe algo milagroso ou sobrenatural. Aos três reinos da Natureza, Kardec juntava mais um: o reino dos espíritos. Havia descoberto o mundo dos Espíritos. Os três reinos se intercomunicavam com esse quarto, o espiritual, que era o mais importante. Nada morria e não havia o inser- vível. Daí que, no dia do sepultamento de Allan Kardec, o grande astrônomo Camille Flammarion, tivesse feito o panegírico, dizendo: “Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o Universo e o próprio Deus feito outrora à imagem do homem, a moderna Metafísica não pode considerar senão como um Espírito na Natureza. O sobrenatural não existe*.

O Alto programara, bem, a Nova Revelação, porque, doravante, a Religião não guerrear a Ciência. Quando a Ciência avançasse, a Religião avançaria com ela e vice- versa. Não poderiam existir duas verdades. Evidente que o alcance da fé, sendo ilimitado, pudesse estar lá adiante, sustentando o homem diante do incognoscível que sempre existiria, porque saber tudo, ter ciência de tudo, só mesmo Deus.

As palavras afluíam aos lábios de Jonas C. em catadupas. Ele que se nos mostrava sempre muito frio e lógico, agora era outra pessoa. Parecia tomado por uma outra personalidade hábil na oratória, coisa que Jonas C. detestava. As suas palavras eram quentes e apaixonadas, ele, justamente, que condenava toda paixão e ardor. O Espiritismo explicava muito bem essa atuação, que se convertia em estro, inspiração e habilidade, como estado de hemitranse.

Ele parou um pouco e continuou:

— Eis, meus filhos, o que é o Espiritismo que o mundo desconhece. É a Doutrina mais apropriada ao nosso tipo de civilização, mormente ocidental. A sua força reside no fato, no fenômeno, na evidência. Ninguém lhes permitirá um exame na pedra negra da Kaba ou na verificação da chamada transubstanciação da óstia. O Espiritismo tem a originalidade de ser religião experimental, admitindo a pesquisa, a dedução, a indução e todos os meios de aferição da realidade. Hoje, que a ciência ou paraciência se volta para a análise dos efeitos paranormais, trilha o caminho da caça ao “não-físico”, quer queira, quer não, acabará conduzindo os seus alunos ao Espírito. Já não existe mais matéria, mas átomos e, dentro destes, encontramos quase uma centena de partículas elementares! Com razão, dizerem estes espíritos, através de humildes médiuns: “Qualquer aprendiz de ciência elementar, no Planeta, não desconhece que a chamada matéria densa não é senão a energia radiante condensada. Em última análise LUZ COAGULADA, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus”.

Jonas C. parou e começou a repetir: — “Luz Coagulada” — que expressão feliz, linda e verdadeira! Tudo que tocamos e que nos envolve é a coagulação da luz.

Brigamos uns com os outros, dizendo que isto é tal coisa, aquilo não é. Na verdade os nossos sentidos nos mentem. Nossos olhos, nossos ouvidos, nosso tato foram adaptados à percepção de certa quantidade de vibrações. Uma enormidade de sons continua existindo, sem que percebamos. Então, somos cegos e surdos para muita luz e sonoridade. E muito mais cegos e surdos para o que se passa em níveis psicoenergéticos não captáveis pelo nosso sensorio. Daí que a Parapsicologia dê o nome de percepções extrasensoriais. No entanto, isto que os sensitivos captam diante da realidade que se estende sem fim, em remonta- gens, até o habitat dos espíritos e deste até às moradas angélicas e, daí, até Deus! O mundo transcendental é tão ou mais verdadeiro do que este. Vocês estão sentados na cadeira e julgam-na uma realidade incontestável. E vocês só crêem na cadeira. E como podem desmontar a cadeira, triturá-la e submetê-la ao microscópio eletrônico, vocês elegem isto como sendo a única coisa científica, positiva e real. Para saber, constroem grandes universidades, mobilizam ingentes esforços e meios pecuniários. No entanto, vocês estão sentados numa ilusão. A cadeira, no entanto, não existe. Existe uma acomodação estrutural de átomos em forma provisória de cadeira. Nem mesmo de átomos, porque o átomo é uma estrutura, também, eletromagnética provisória. Na verdade energia condensada. Vocês, pois, estão sentados numa cadeira energética, não sólida! Com instrumento adequado, verificariam ser transparente e vazia, porque o átomo tem mais espaço vazio do que cheio. E, nessa cadeira da ilusão em que estão sentados, vocês também são uma ilusão! Uma ilusão se acomoda noutra ilusão. E é isto que vocês juram ser a única verdade.

Jonas C. pegou o “pirex” e encheu-o de cubos de gelo. Eis como os nossos sentidos nos iludem. Tomou um cubo de gelo e bateu com força num pedaço de vidro plano. Este estilhaçou-se. Todos nós levamos um susto.

— Eis algo que vocês jurariam ser sólido. Além de sólido, gelado e, além de gelado, liso. Pois bem, agora vou levar o pirex ao fogo...

Gentilmente Bia, muito prestativa, acendeu a chama e desempenhou o papel de cozinheira de gelo. O gelo rapidamente foi se derretendo. Em poucos minutos, a vasilha estava cheia d’água.

— Vocês não estão mais vendo o gelo sólido. Essa realidade sumiu da visão de vocês, como se nunca tivesse existido. Vocês estão vendo água e, um mundo assim, vocês jurariam ser aquoso. Esperem um pouco. Vou levar a vasilha ao fogo novamente...

A água começou a borbulhar. Rápido chegou ao grau de ebulição. Foi a água sumindo, sumindo. Subia da vasilha uma névoa gasosa. Até que não havia mais nada. Tudo tinha se transformado em vapor e sumido.

— Eis — disse Jonas C. — a nova realidade. Se vocês fossem feitos de vaporzinho, poderiam dizer, que o universo era vapor. No fundo, porém, a “realidade” é apenas uma substância que permanece impressionando os nossos sentidos de maneira condizente com o nosso sensorio.

— Que quer dizer isto? — indagou Pixoxa.

— Quer dizer que inumeráveis esferas vivenciais existem, além desta esfera sólida chamada Terra. cremos, demais, no sólido porque ele corresponde àquilo que somos. Mas, além do sólido, a luz criadora se manifesta de mil e um modos. Aqui é molécula de cálcio, mas, lá adiante, revela-se como um elétron, até que, atrás de tais partículas, encontramos expressões mento-energéticas, isto é, algo que é mental e energia ao mesmo tempo. Os parapsicólogos chegam a entusiasmar-se, por terem descoberto forças mentais psicocinéticas, isto é, que podem mover objetos à distância! Sem dúvida já é um passinho a caminho da Luz.

No entanto, importa caminhar, ir para frente. Adiante terão de encontrar outros mundos constituídos de ato- micidade diferente até àqueles psicoenergéticos ou fluídi- cos. É o símbolo do mundo-vapor que vocês viram. Os cientistas começam já a aceitar os universos paralelos. Aqui, dentro desta cozinha, poderia existir,

noutra dimensão, um jardim ou talvez um pedaço de templo majestoso, onde, um mestre de indizível saber estaria também ensinando outras verdades a seus alunos, verdades tão adiantadas em relação a estas nossas conjecturas, que seríamos ali, menos do que tupiniquins, ouvindo uma explicação de teoria da relatividade de Einstein!

No fundo eu me sentia gratificado, por aquela importante peça que Jonas C. assim pronunciara baseada em explicação concreta. Ele tinha mesmo razão. Nós, homens, não sabíamos pensar. Tinham secado as fontes da nossa inspiração. José Ricardo, parente de Jonas C., que se encontrava presente, tendo vindo especialmente para ouvi-lo, perguntou:

— Eu tenho lido em André Luiz sobre a existência de outros planos espirituais, principalmente o chamado “Nosso Lar”. Outras obras espíritas, como “Raymond” e “Vida Além do Véu”, aquela do cientista Oliver Lodge e esta de um reverendo G. Vale Owen, nos trazem tal revelação. Não bastasse isto, um grande cientista e místico, considerado um dos homens mais representativos da humanidade, chamado Swedenborg, chegou a escrever muitas obras, no século XVIII, através das quais dizia visitar tais planos, saindo fora do seu corpo. E o notável é que aquilo que ensinava condiz, em grande parte, com o que os espíritos nos falam hoje. No entanto, Jonas C., eu tenho enorme dificuldade de entender, como num plano espiritual, possam existir casas, animais, plantas, veículos, etc.

Jonas C. respondeu:

— Antes de tudo, os meus parabéns pela erudição que está demonstrando. Mas... isto se situa dentro da relatividade.

Ele chegou até a parede e bateu nela com força fazendo enorme barulho. E acrescentou:

— Se eu quiser atravessar a parede, darei uma testada e cairei no chão, sem sentido. A parede é sólida e eu sou sólido. No entanto, podem existir seres hiperfísicos, portanto, além do físico, que poderão transpor essa parede. E a parede não lhes pareceria física. E isto temos verificado em muitas experiências espíriticas, em que uma entidade espiritual transpõe um obstáculo sólido! A Parapsicologia e a antiga Metapsíquica arrolam muitos casos comprovados desta possibilidade.

— Interessante como vocês, espíritas, conseguem levar para o terreno paracientífico (que ultrapassa a ciência oficial) coisas até de assombração. Creio mesmo que vocês, ao invés de exorcizarem um fantasma materializado, como faria um Bispo, que se prezasse, desejariam ligar-lhe um eletroencefalógrafo — falou admirada a professora universitária Aglair, que estava presente como convidada.

— Certo que temos tentado e Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, fez o fantasma materializado de Bien Boa soprar num tubo de barita. Mas não podemos nos perder em considerações colaterais. Eu desejava apenas levá-los a compreender que, se o homem fosse feito de fumaça, ele se sentaria confortavelmente numa cadeira de fumaça. Assim ocorre em tais planos espirituais, pois um espírito sente outro espírito como se fosse tão sólido quanto a rocha é para nós. Funciona, aqui, um princípio de relatividade.

Eu julgava que Jonas C. tinha concluído a sua explicação, mas, estando diante de uma professora catedrática, penso que entendeu alargar-se em considerações :

— Além do que, querida Aglair, você, com toda a sua bagagem na Biomédica, vai ficar pasmada diante do que vou lhe dizer. Tais planos a que chamamos “espirituais”, que se seguem a este mundo físico, não são puramente espirituais. Os espíritos que habitam esse lugar, no Além, chamado “Nosso Lar” possuem um corpo que ainda é estruturado em átomos ou corpúsculos e essa atomicidade corresponde àquela de tudo que compõe a natureza daquele habitat. Esse mundo, pois, para os seus habitantes, ditos espíritos, é natural. A diferença reside no fato de que a sua natureza peculiar se revela em nível diferente do nosso, mais sutil, mais

diáfano e imponderável.

— Como se construiriam as casas, ali? — intercedeu objetivamente Oirâm, que estudava arquitetura, talvez interessado em melhorar os projetos terrenos tão amarrados a tantas limitações da matéria.

— Não temos possibilidades de saber se a palavra “casa”, que o médium transmite, quando André Luiz dita, corresponde àquilo que serve àquelas entidades para residência ou reunião permanente com os seus afins. Se a palavra “Bauru”, no sul, significa tuna coisa e no Norte outra, imagine se podemos confiar nas palavras. Mas, o fato é que, mesmo na Terra, a casa nasce de uma idéia, portanto, imaterial. Primeiramente, o arquiteto pensa, processo este puramente espiritual. Traça, depois, a casa em riscos, que são simplesmente a duas dimensões, a que chamamos de projeto. Somente, depois, o projeto se converte em construção, fase, pois, de materialização da idéia (espiritual). Mas nesta fase, tem o construtor de lidar com pedra, ferro, alumínio, zinco, tijolos, areia, cal, etc., como se vêem, materiais duríssimos, pesados e inflexíveis, que exigem ferramentas, também, de aço e ferro para en- formá-los e dobrá-los. Enquanto isto, no plano hiperfisi- co, como o “Nosso Lar”, a matéria existente é leve e de incrível plasticidade. Entre o pensamento e a execução, quase que não há intervalo.

Marisa, muito estimada de Jonas C., estudiosa e observadora, procurou colaborar na exposição:

— Eu já li em certas obras que a natureza lá é tão sensível que as flores se iluminam ou fenecem, segundo a elevação da pessoa que passa rente às mesmas. A psique facilmente afeta a natureza.

— Certo, e isto mostra que, ao contrário do que se passa, na Terra, onde o criminoso vive junto com o santo, ali não pode dar-se isto. A população deve ser mais ou menos homogênea. Os que habitam o plano A possuem uma aura mais ou menos semelhante; assim sucede com os do plano B. Daí que se use a expressão esfera para designar tais faixas. Mas não podíamos dizer que existe sete, nem mil esferas, pois é característica de Deus gerar em profusão, como faz com a fisionomia do ser humano. Tais faixas, para não usar a palavra esfera, de sabor esotérico, não podem ser rompidas facilmente por aqueles que não pertencem às mesmas.

— Quer dizer que espíritos inferiores não poderiam destruir planos espirituais elevados? — perguntou outro culto ouvinte, Dr. João Muniz.

— Evidente que não. Eles só conseguem se aproximar quando são faixas contíguas, como ocorre na T.V., quando uma estação interfere na outra. Deus é sábio e os planos não ficam se perturbando, entre si.

Rildo Benzi, dedicado seareiro do Espiritismo e muito estudioso da matéria, obtemperou empolgado:

— Fantástico isto. Como Deus preservou o que evolucionou, para que não volte para trás. Assim, no mundo físico, nós, habitantes da Terra, não encontramos meios de ir perturbar outros planetas habitados. Eles foram colocados bem longe do nosso instinto de destruição... Não tivesse Deus sido previdente, as civilizações planetárias não progrediriam. Logo, estaríamos desembarcando em outros planetas e reduzindo tudo a cinzas.

Havia algo importante que; a meu ver, não tinha sido esclarecido. Como a aula chegara a um retrospecto filosófico e histórico, referente às religiões até a nova religião, a espírita, eis que faltava que se esclarecesse “para onde iríamos quando morrêssemos e de que forma?”. Essa pergunta, eu não cheguei a fazer. Jonas C., cuja capacidade de captar o pensamento dos outros, era coisa de outro mundo, acrescentou:

— As religiões sempre realizaram ritos e serviços funerários para encaminhar a alma para certos reinos. Na Igreja, mesmo atual, encomenda-se a alma e se

realizam cerimônias de sétimo dia. De modo contrário, o Espiritismo ministra ensinamento lógico e um tanto científico. O espírito vai aonde tem de ir, segundo o seu peso específico, isto é, a sua própria natureza. Você soltando o hidrogênio para onde ele vai? É o mais leve dos corpos e subirá e se expandirá. Se você soltar, no espaço, um pedaço de ferro, que ocorrerá? Irá para baixo até bater no solo.

Jonas C. pediu que lhe trouxessem uma jarra de vidro transparente cheia d'água.

— Prestem a atenção. Vamos fazer de conta que esta água é aquilo que vocês conhecem por Além. Agora, vou jogar nela corpos de diferentes pesos específicos.

E, realmente, ali jogou um chumbo que foi ao fundo; um graveto que ficou à meia distância do fundo; uma cortiça com alguns corpos estranhos que ficou suspensa quase na superfície e, por fim, uma penugem de passarinho que ficou nadando na superfície.

— ... Eis o que nos sucede. O espírito animalizado, grosseiro e denso é pesado e arrastado a zonas inferiores do Espaço-Além. O espírito já um pouco esclarecido que age mal, mas gostaria de ser diferente, não chega às zonas inferiores, mas habita o umbral. Aquele, porém, que possui ideais alevantados, sentido pronunciado do bem geral e vontade de se elevar, fica, como a rolha, lá no alto. Por fim, a penugem é o espírito purificado, manso, compassivo, amoroso, quase sem mácula. Este preliba dimensões superiores a esse Espaço-Além que conhecemos e se candidata ao mundo angélico, que na verdade, ainda desconhecemos e nem mesmo conseguimos imaginar como é.

— Caramba! — murmurou Pixoxa. Sem dúvida é uma Doutrina esta, lógica, verdadeira e bela, além do que nos enche de certeza de que, despojando-nos das impurezas da alma, todos subiremos.

— Sim, ponderou Jonas C. Aquele que foi ao fundo, se cansará do clima pegajoso e, um dia, subirá. Se não for pelo fastio, será pela dor, que é maior nos planos inferiores. Todos irão subindo.

— Então, o espírito de um Lampeão poderá vir a ser angélico?

— Sem dúvida, pois, sabemos, por exemplo, que Judas é hoje espírito glorioso, de quem não estamos capacitados a desatar a sandália. Desta forma, o Espiritismo restaura a Justiça Divina e que, antes, ficava a mercê dos que davam ou não as indulgências, perdoavam ou não os pecados, tinham ou não dinheiro para pagar o maior número de missas e solenidades pomposas. Os que se revoltavam contra isto, podem agora voltar a reconhecer que, se Deus existe, Ele tem forçosamente de ser justo. Recebemos o que merecemos. E temos de resgatar aquilo que devemos. Lá, como cá, funcionam leis. Os homens ingênuos julgam que existem leis físicas, mas não existem leis no mundo moral! Se Deus criou tão maravilhosas leis, na Natureza, não teria jamais esquecido de colocá-las no mundo espiritual. Que vocês, jovens, não duvidem disto. Vocês poderão passar a perna em todo mundo, menos em Deus.

— Essa questão de colher o que se semeou e resgatar o que devemos, tem algo a ver com o que os hinduístas chamam pelo nome de carma? — ainda indagou Dr. Roberto Vaz, competente e dedicado jovem médico.

— Tem, sim. Nós carregamos conosco nossos débitos e créditos na própria vida. Somos uma contabilidade de “deve” e “haver” ambulante. A Lei Maior objetiva obrigar-nos chegar até Deus. Quando prejudicamos essa Lei Maior tomamo-nos devedores; quando cooperamos, somos credores. No fundo, trata-se de crescimento obrigatório. É por isso que o povo diz que quem dá ao pobre empresta a Deus. Quer isto dizer que, quando amamos, estamos recebendo de volta sobre nós mesmos, conforme a lei da ação e reação, o bem que nos torna mais leves. Outro tanto se diga da crueldade que volta sobre nós mesmos e nos provoca distorções em nossa

estrutura espiritual.

— Então existiriam enfermidades de origem cármica, que podem infelicitar um homem a existência toda? — voltou a indagar Dr. Roberto Vaz.

— Eu mesmo conheci um menino que nasceu com o fígado hipertrofiado, sem que a medicina conseguisse explicar aquele fato, pois o seu estado orgânico geral era de alcoólatra inveterado, quando nunca tinha botado um cálice de bebida nos lábios. Em circunstâncias especiais, um médium revelou que o garoto tinha sido realmente um estróina, em vida pregressa, malbaratando a sua saúde em orgias e pileques. Um outro, meu conhecido também, ficou de repente cego dos dois olhos, em plena juventude, sem que a medicina conseguisse coisa alguma. Através de sonhos persistentes, ele viu-se a si mesmo furando os olhos de todos os habitantes de uma aldeia, numa missão guerreira antiga, como ajudante de ordens de Gengis Khan, que realmente usava fazer isto. Nos trabalhos realizados por Dr. Ian Stevenson, neurologista insigne, encontramos aquele caso do menino Wijeratne, nascido no Ceilão, em 1947, defeituoso no braço direito e que, com apenas dois anos, dizia: “Eu sou assim defeituoso porque assassinei minha esposa. . . As pesquisas feitas confirmaram que ele em vida anterior havia realmente cometido tal crime infamante, de acordo com os mínimos detalhes, que fornecera através dos seus lábios infantis!

— Nesse caso, então, não adiantaria tentar-se a cura de um enfermo assim? — prosseguiu perguntando o médico.

Jonas C. sorriu, refletiu um pouco e respondeu.

— Se estivermos passando à margem de um rio e virmos um cidadão se afogando, tratamos de salvá-lo, sem fazer pergunta se é bom, ruim, burro, inteligente, branco, preto e muito menos se tem dívida de outra existência. Ademais, assim como temos débito carmicamente, podemos adquirir créditos nesta vida, agora, amanhã e em qualquer lugar, quando nos ofereça oportunidade de praticar o bem ou reagir e, conseqüentemente, a dívida se amortiza e a enfermidade cármica desaparece misteriosamente. Às vezes, não misteriosamente, mas através do bisturi ou do remédio, bem intuído e até mesmo através de um copo de água fluida. Existem também as intercessões ...

— Como intercessões? — disse Dr. Roberto Vaz.

— André Luiz relata o caso de uma senhora idosa que estava moribunda. De repente, para estranheza da ciência, voltou a viver e a gozar saúde. Pesquisando-se no mundo espiritual, apuraram que uma menina desamparada que ela criava, cuja sorte dependia exclusivamente da velha, havia orado com tanto fervor que, lá do mais Alto, forças se movimentaram, restaurando-lhe o organismo e fazendo-a reviver. Interessante que nem mesmo os espíritos guias, que estavam lhe aguardando a morte, para fazer o desligamento, sabiam o que se estava passando, nos altíssimos planos espirituais 1

— Então, nem todos os espíritos são capazes de dizer se uma pessoa tem cura ou não, se vai morrer ou não? — perguntou a mãe do Dr. Roberto Vaz, D. Alzira, cuja virtude se constituía em dádiva celeste para todos os seus parentes, amigos e, principalmente, para os pobres do lugar.

Novo sorriso de Jonas C. que se chegou comovido até Alzira, a quem amava muito pois a via sempre visitando doentes, atendendo os aflitos e conseguindo, com a força da sua fé, confortar e curar muitos desenganados. Então respondeu.

— Minha doce e querida Alzira; você tem vivido muito junto dos que choram sem esperança. E você não ignora como nosso Pai é o único que pode saber acerca da hora da cura, da solução ou do alívio. Tantos os vivos, como os mortos, podem presumir que seja assim ou assado, mas existe uma imensa faixa para o Amor e este cobre a multidão dos pecados e preenche as faltas cometidas pelas nossas fraquezas. A Esperança não pode se apagar, com a sua luz verde, em nenhum coração.

Nunca nos é dado saber o momento em que a Providência interferirá e libertará o ser da escuridão, da angústia e da dor.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Quem vem a ser o espírito?

— Não devemos confundir o Espírito, no sentido de essência, que penetra e de que provém todo o Universo, com um “espírito”, no sentido de alma de uma pessoa viva ou falecida. O “espírito–alma”, pessoal, de que é povoado o Além, não é Espírito puro, mas sim, representa o Espírito–Essência em nível ainda bem baixo, revestido de um corpo, a que chamam de corpo espiritual ou perispi– ritual.

Não é fácil ao aluno compreender isto, mas vamos tentar uma comparação. A água é um corpo líquido que ocupa 3/4 partes do nosso planeta. Se tomamo–la e misturamos com uma essência e colocamos, numa garrafa, chamamo–la “guaraná” e eis um refrigerante gostoso. Se tomamos, porém, a mesma água e fermentamos com cevada, chamamo–la “cerveja” e ela é uma bebida alcoólica amargosa. Assim, ocorre com o Espírito–Essência que, em se tomando um indivíduo–espiritual, chama–se André. Luiz, Maria Dolores, Comélio Pires ou Pai João, cada um com o seu caráter.

Como entendermos o perispírito?

— O espírito–alma, como vimos na pergunta supra, não é uma fumacinha, mas o próprio ser pessoal em corpo espiritual. As linhas polarizadas desse corpo chamamos pelo nome de perispírito. A palavra foi inventada por Allan Kardec, acerca do que diz: “Assim como o germe de um fruto é envolvido pelo perisperma, da mesma forma o Espírito propriamente dito está revestido de um envoltório que, por comparação, pode–se chamar perispírito”.

O Dr. Gustavo Geley, fundador do Instituto Meta– psíquico Internacional, esclarece–nos o que vem a ser o perispírito, com palavras bem claras: “O perispírito cons– titui–se no princípio intermediário entre a matéria e o espírito, o meio de união entre a alma e o corpo, a condição necessária para as relações entre o moral e o físico. É composto da quintessência dos elementos combinados das encarnações anteriores. Evoluciona e progride com a alma e é tanto mais “sutil” e menos “material”, quanto mais elevado e perfeito for o indivíduo. O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já realizados e sintetiza o estado de adiantamento do ser”.

O perispírito tem importância na embriogênese, ou seja, na formação do ser humano?

. — Sim, pois, aproximando–se, na reencarnação, do nosso espaço físico, “traz como conseqüência fulcros bio– magnéticos — como preleciona o prof. Hernani Guimarães Andrade. As substâncias sensíveis ao biomagnetismo tenderão a organizar–se, assumindo as configurações delineadas pelo perispírito”.

Poderíamos utilizar um exemplo muito comum de que se socorrem os professores. Se colocarmos um imã em baixo de uma folha de papel cheia de limalhas, eis que as limalhas rapidamente serão comandadas e dirigidas pelas linhas magnéticas do imã e formarão um desenho submisso àquelas forças “ocultas”. É assim, também, que operada a fecundação, processado o ligamento espíri– to–zigoto, o perispírito, tal qual o imã, passa a comandar os processos embriogênicos até a formação do homem. Poderíamos dizer que o perispírito é o Modelo Organizador Biológico do ser humano. No entanto, como no exemplo do guaraná e da cerveja, não podemos deixar de reconhecer, no homem, a convergência de inúmeros fatores, entre os quais os genéticos, os de meio–ambiente, culturais, etc.

Qual outra importância do perispírito?

— Ao menos filosoficamente falando, seria difícil o Espírito–Puro tocar ou mover a matéria, alterando–a. Essa ligação entre o Espírito–Puro e a Matéria é feita

através do perispírito. É uma espécie de mediador plástico.

Podem existir universos paralelos?

— Jonas C. sugere que as leis que conhecemos, como as eletromagnéticas, as de gravitação, etc. se referem ao universo físico, mas que, além deste universo físico em que vivemos, existem outros inumeráveis universos, onde as leis são outras. O Mundo dos Espíritos, a que se refere Allan Kardec, onde habitam as almas, logo depois que deixam a Terra, segundo descrições pormenorizadas de André Luiz, em “Nosso Lar”, funciona, naturalmente, noutro tipo de estrutura, debaixo de outras leis, daí que nos custe entender aquilo que se passa ali.

Ora, atualmente, os cientistas, descobrindo inúmeras partículas dentro do átomo, principalmente o méson K, verificaram que este se comporta de forma extravagante e que, para justificar isto, era forçoso que se aceitasse a idéia de que existem universos paralelos ao nosso, os quais evidentemente não vemos. Tais experiências que começaram em Princeton, no fim de 1964, com Christenson. O W. Cronin, V. L. Fitch. R. Turley, tem prosseguido. Paulo Dirac, o papa da Física contemporânea, teria dito: “O mundo que observamos não é senão uma minúscula película na superfície da verdadeira realidade”.

Eis um grande passo para que a Ciência aceite o Mundo invisível dos espíritos, onde a vida pulula e o pensamento é mais vivo do que no nosso pois é um universo mais sutil. Todavia, esse Mundo dos Espíritos ainda tem atomicidade. Conforme se purifique, se eleve e evolua, atinge incrível imponderabilidade, tornando-se um Mundo Psi, quase que puro.

Os fatos espíritas, como os de “poltergeist”, os de materialização, de incorporação, psicografia, bem como os mais simples ditos paranormais, de que cuida a Parapsicologia, não se constituem em fatos “sobrenaturais”, bem como não teria sido milagre Moisés fazer brotar água com a sua varinha, mas simplesmente, a produção do fenômeno em nível mais elevado do que o material. O Espiritismo, pois, é a Religião aberta para compreender todas as soberbas consecuições da Ciência, mormente do futuro ².

Capítulo XII UMA SESSÃO ESPIRITA

Voltávamos à beira-mar, tal qual no início destas notas. Só que, agora, a praia, embora em Caraguatatuba, era outra e chamava-se Prainha das Palmeiras. A casa não era mais uma mansão, mas residência ampla, bem arejada mas simples, como as casas comuns de veraneio. Lugar mais retirado, havia a vantagem de se viver em maior intimidade com o mar.

Jonas C. era parente de dona Teresinha, proprietária da casa, anfitriã tema e bondosa. O mestre, longe dos que-fazeres e das obrigações rotineiras, se integrava completamente em nossa aventura praieira. O mar era manso e raso, espalhando-se em enseadas pequenas e delicadas até tomar-se uma bacia, onde podia refletir a velha São Sebastião, com os seus sobradões pintados de azulão colonial cheios de reminiscências.

Lançar picaré, catar berbigões, andar de barco, pescar corvinas, fazer, serestas até tarde, promover bailinhos na garagem do Tio I>’Elia e. até mesmo, encenar

² (*) Sugerimos que o jovem aluno leia este trecho muitas vezes, se detenha no seu importante significado e, se necessário, solicite maiores esclarecimentos de espíritas credenciados, habituando a sua mente a interrelacionar a ciência da matéria com a ciência do Espírito ou Espiritismo.

peças teatrais, que se transformavam em paródias provocadoras de muito riso.

A avó Hermínia, mãe de Teresinha, era incansável e colocava todos no eixo. Como tivesse ali muitos netinhos, aproveitava a oportunidade para curá-los. Colocava-os em fila e lhes dava o clássico purgante ou lombri-gueiro. Não se esquecia, depois, de dar fortificante para um e o ferro para outro. Andava sempre com um livro “Bebe, para curar-te” de C. Kozel, muito antigo, onde havia indicação de ervas medicinais para tudo e para todos. Evidente que os adultos não escapassem ao chá de pariparoba ou infusão de jurubeba.

No entanto, Cuquinha não estava bem. A avó Hermínia não conseguia despertar o seu apetite e emagrecia a olhos vistos. Teresinha estava cansada de levá-lo ao médico. Às vezes, sem razão, tinha uma febrinha enjoada.

— Deixe, mãe — disse Teresinha. Amanhã podemos levá-lo a tomar passes no Centro do “Seu” Ramos.

— Onde fica?

— Perto de São Sebastião. É um distinto senhor aposentado, que possuía um estabelecimento fotográfico, em Campinas. A esposa é professora. Deixaram a vida de correria, passaram o Centro que mantinham lá; para outros irmãos, muito capazes e bondosos e se retiraram para o litoral. Compraram uma casa e, ao lado, levantaram galpões. Num lado construíram um salão e do outro saletas para passes. Sabe, mãe, é uma maravilha!

— Custa a gente acreditar que exista, hoje, gente assim... — interferiu o Paulo Fomasaro que, sendo um homem calejado da vida, custava crer em tais altruísmos.

— Mas existe — afirmou, enfática, Teresinha.

No dia seguinte, no fusquinho de Jonas C., espremidos como sardinhas em lata, rumamos para o Centro do “Seu” Ramos. O edifício era modesto, desataviado, mas acolhedor. Notava-se, porém, que a construção tinha-se encomprado várias vezes.

— Geralmente estas organizações espíritas nascem do amor. Raramente se encontram nelas homens muito ricos. Erguem uma parede aqui, puxam um telhado acolá. E a clientela de necessitados vai aumentando. Conforme aumenta, surgem as soluções de emergência.



Fiquei olhando bem e imaginando se, no futuro, algum historiador conseguiria fixar perfeitamente tais detalhes. Não sei porque me veio à mente a “Esquina de Pedra” de Wallace Leal V. Rodrigues e a maneira singela das reuniões que se faziam sob a orientação do venerável Adastro, em Sebastes. Tais igrejas eram Casas do Caminho e, ali, a oração, a comunicação dos espíritos, a leitura do Evangelho se misturavam com o recolhimento de doentes mentais, paralíticos, ferimentos, famintos e perseguidos da justiça. Ah! essa palavra Casa do Caminho! Por que os cristãos que vieram, depois, a abandonaram, instalando-se nos monumentais templos que antes eram dedicados aos deuses pagãos, como o importante templo romano consagrado a Júpiter que serviu para a Igreja Ara Coeli, sob a invocação da Virgem Maria? Tais historiadores, daqui a três séculos, teriam de trabalhar com a intuição, a imaginação ou regressão de memória, à maneira de Wallace. E isto porque os cronistas coevos não são capazes de observar os pequenos feitos de valor, que se tornarão gigantescos ou alterarão as nações do futuro. Para historiadores insígnies, os cristãos primitivos não passavam de gente de categoria vil e supersticiosa! Assim, também, aquela casa, no caminho de São Sebastião, do casal Ramos com uma plaquinha insignificante “Centro Espírita Casa do Caminho”, fazia torcer o nariz dos turistas, julgando sei lá o quê.

— E eles não cobram nada por toda essa trabalhadeira? perguntou Carol.

— Nem um tostão — redarguiu Teresinha. O Espiritismo no Brasil, profundamente cristão, inspirando-se sempre e sempre no Evangelho, não admite remuneração, pois a caridade é o seu lema. Os médiuns recebem de graça o dom de curar, elucidar e distribuem esse dom, gratuitamente. Existem médiuns, no

Brasil, que atendem por dia quase uma centena de pessoas e as orientam. Às vezes, moram numa casa de tábuas muito singela, sem mesmo dinheiro para comprar alimentos, roupa para a família ou para educar os filhos. Debaixo das suas mãos calosas, passam milionários, damas da mais alta sociedade, industriais e não pedem um real.

— Não estou de acordo com isto — ponderou Carol. Todo trabalho deve ser remunerado e isto não é desonestidade.

— Estamos de acordo com seus argumentos. No entanto, a experiência nos ensina que a mediunidade exercida em termos de profissão e com objetivos financeiros logo se perverte. O médium se corrompe. Em breve, diz o que não ouviu, receita o que não deve, recebe espíritos que nunca ali estiveram. Torna-se tudo uma farsa. O dinheiro acaba dominando os sentimentos puros. E, caindo de vibração superior, para a interesseira, os espíritos de luz acabam não encontrando campo para darem o seu trabalho. Afastam-se de tal médium e só lhes resta esperar a queda, na esperança de que, depois dela, voltem a buscar o caminho verdadeiro.

Entre que Teresinha explicava isto à sua irmã Carol, já tínhamos entrado no Centro. A sala não era grande. Havia uma série de bancos e, depois do banco, uma mesa e, ao lado, uma senhora orientava. E ela nos disse:

— Não tomem lugar ainda. Vocês têm de entrar na fila e tomar um passe de limpeza, para depois assistirem aos trabalhos.

— Mas não há passes de cura?

— Sim. Mas a senhora tem de sair e entrar pela porta à direita, onde se encontra D. Lourdes, médium que dá passes de cura.

Como o que mais interessava à avó Hermínia era o Cuquinha, ela tomou a direção indicada, indo dar numa sala de espera, seguida de uma saleta de passes. Esta saleta estava iluminada só por luzinhas azuis.

Uma senhora, que acredito fosse a médium D. Lourdes, morena e de cabelos lisos, estava em transe inconsciente. Vovó Hermínia colocou o garotinho na cadeira e o espírito, psicofonicamente, falou:

— Como vai nosso irmãozinho? Tão magrinho... Tão caidinho... Coitadinho...

Vovó Hermínia respondeu pelo neto:

— Este garoto cada vez está mais magro. Não dorme direito e é nervoso feito uma pilha. Cada vez mais fraco, não pára em pé. E não há quem o faça comer...

Estamos desesperados.

— Muita sensibilidade! Muita mesmo. Ele teve problemas de bichinho, mas foi curado. O organismo se ressentiu de remédios fortes, destes... como se chama... sim, sim... biótica, antibiótica...

Depois, a entidade espiritual, cujo nome descobrimos ser Ingrid, de origem alemã, passou a mão pelo rostinho de Cuquinha e disse:

— Judiação... Tão judiando de você, não é Cuquinha? Meimei está aqui... e ela não gosta gente judia de criança.

Em seguida, deu um passe bem demorado no Cuquinha. Terminando, virou-se para vovó Hermínia e disse:

— Este menino tem muita sensibilidade. Precisa tomar passe toda semana. Não devem gritar com ele, nem largar com pessoas nervosas e desequilibradas...

Ele pega tudo, como carrocinha de lixo.

Aproximou-se uma senhora loura, chamada Ema, e trouxe um copo. plástico com água e o espírito de Ingrid, através da médium, fluiu-a, passando as mãos por cima do recipiente, como se tivesse depositando nele alguma coisa.

Jonas C., que nos acompanhava, explicou, em voz baixa, que a água é o elemento mais prodigioso da natureza e que capta e conduz fluidos ou cargas vibratórias, negativas ou positivas, boas ou más. Mas, não houve tempo para Jonas C. continuar cochichando, pois que o espírito de Ingrid observou:

— Esta água fluida não é para todo mundo, mas só parra Cuquinha. Ele vai ficarr forrte... Vai jogarr bola... darr caneladas... Não vem, não, aqui darr caneladas em Ingrid. Cuquinha, nome assombrraçoni- nha... mas assombrraçozinha bonzinha, como fantasma Gasparrzinho.

Dali, passamos para o salão grande, onde nos sentamos. Em torno de uma mesa, com uma toalha impecavelmente branca, com livros esparramados, sentaram-se médiuns e dirigentes. À cabeceira, sentou-se um cidadão de compleição robusta e simpático, que devia ser o “Seu” Ramos, que ocupava, assim, a função de “Presidente dos trabalhos”, que corresponderia a um diretor.

Jonas C., em tom de voz quase imperceptível, disse- nos que íamos assistir àquilo conhecido pelo nome de “sessão espírita”. Era uma reunião de intercâmbio espiritual de muita originalidade, ponto de encontro entre os vivos e os chamados mortos, para o bem de ambos.

O “Presidente” distribuiu livros espíritas para vários integrantes da mesa, ao tempo que pronunciou uma bela prece de abertura dos trabalhos, pedindo o amparo de Deus. Uma senhora de tez clara e cabelos alourados, Helena Froes, leu um trecho do Evangelho, levantando-se um jovem senhor, Joel Novaes, de agradável semblante, que comentou o versículo, com raríssima felicidade, num lapso de 10 minutos. Um cidadão leu e comentou o “Livro dos Espíritos” e um rapaz, poeta, César Luiz declamou, com fundo musical do “Adagio de Albinoni” a poesia de Maria Dolores “Deus conta Contigo”; psicografada por Francisco C. Xavier e constante da obra mediúnica “Poetas Redivivos”:

Deus conta contigo

Maria Dolores

Ouçó-te, às vezes, coração amigo,

Em tomo ao bem, numa questão qualquer:

— “Farei... Conseguirei... Conta comigo... Se Deus quiser, se Deus quiser...”

Mas não te alteres, a pretexto disso.

De segundo a segundo, a estrada a estrada,

A Vontade de Deus é revelada Em bondade e serviço.

Fita os quadros da gleba, campo afora;

Tudo o que existe, vibra, luta e sente,

Serve constantemente

Dia-a-dia, hora a hora!...

De alvorada a alvorada, o Sol fecundo,

Sem aguardar requerimento,
Garante sem cessar o equilíbrio do mundo
De seu carro de luz no firmamento.
A fonte, a deslizar, singela e boa,
Passa fazendo o bem,
Dessedenta, consola, alivia, abençoa
Sem perguntar a quem...
Sem recorrer a humanos estatutos,
Nem a filosofias enganosas,
A laranjeira estende os próprios frutos,
A roseira dá rosas...
O lírio não se ofende, nem reclama.
Sobre a terra onde alguém lhe deitou a raiz,
Seja em vaso de estufa ou num trato de lama,
Desabrocha feliz.
Assim no mundo, coração amigo,
Faze o bem onde for, seja a quem for;
Em toda parte, Deus conta contigo
Na tarefa do amor.

Ato contínuo, apagaram-se as luzes altas, restando uma iluminação atenuada, com focos azulados. O “Seu” Ramos levantou-se e pediu que todos os presentes se abstivessem de pensamentos com os problemas pessoais. Que esvaziassem o ego e enchessem-no de imagens elevadas, buscando o mais Alto. Ainda, com fundo musical, o ambiente parecia penetrado por correntes espirituais delicadíssimas. Então, ele solicitou que irradiássemos eflúvios para todos os que sofrem, dedicando especialmente a determinada instituição ou pessoa que se encontrava, gravemente enferma, no hospital. Mais dez minutos deste tipo de amor irradiado e os médiuns, em número de três apenas, começaram a “receber”. Primeiramente, falou Branca, diretora espiritual dos trabalhos, que tinha estilo professoral e um português aprimoradíssimo, através da médium Sílvia Paschoal. Manifestou-se Tadeu, em tom explicativo, através de uma jovem senhora, Vera. Uma senhora loira, em seguida, recebeu o espírito de um mentor hindu, que se expandiu em eloqüente mensagem universalista e verdadeiramente cósmica. Outras entidades espirituais manifestaram-se, uma relatando a sua passagem na terra, para que tivéssemos um exemplo do que devemos ou não fazer na nossa existência e outras, como Josefa, Justino, irmão João, demonstravam amizade bastante humana pelos presentes, cavaqueando com os mesmos.

A sessão, todavia, ainda não havia terminado. Às tantas um vidente observou:

— Nesta sala, estou vendo uma senhora alta, cabelos puxados para trás, formando um coque à moda antiga. Ela chega-se atrás daquele senhor moreno que está na última fila... Abraça-o e beija-o... Mas... não consigo entender o nome... Ah! diz ser sua esposa,

Do fundo da sala, quebrando o silêncio, brotou uma voz grave e comovida.

— “Sim, é minha querida Zilda. Faleceu faz três anos e, desde então, nunca mais tive ânimo para viver, até que me foi dado ler o livro “Temas do Amor Imortal” de M. B. Tamassia e passei a compreender que minha querida esposa vive, no Além, e que, um dia, nos reuniremos.

E o cidadão agradecia e chorava de emoção.

Logo mais, o presidente encerrou os trabalhos, não tendo tudo isto durado mais do que uma hora e meia. Lá fora, em copinhos plásticos, serviram-nos água fluida.

A experiência, para mim, tinha sido valiosa. Além de tanta coisa boa, era uma prática religiosa consoladora, pois que eu vira, ali, ser enxugado o pranto de um homem que perdera a esposa. Assim, acontecia com os pais que haviam perdido os filhos.

Eu estava tocado por indizível sensação de que um imenso cenário se abria, além daquelas humildes paredes mal caiadas de branco. Ao sair lá fora, ouvia o mar marulhando ao longe. As luzes tremeluziam nas faldas da Ilha Bela. O céu estava pontilhado de focos luminosos e estes eram mundos suspensos.

Jonas C. parecia entregue aos seus profundos cismares mas, como que sentindo o mesmo que eu, observou:

• — Toda esta grandeza tão bela e apaziguante é obra do Pai. Ele se deu inteiramente, por amor, e nós estamos mergulhados nesse plasma divino, como pintinhos recém- formados da gema e da clara do ovo. Nossa infantilidade, desgraçadamente, nos impede de ver e de voar.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL CORRELACIONADA AOS TEMAS

Enigmas da Psicometria — Ernesto Bozzano — Feb.

Parapsicologia e scienza esatta a confronto — Armenia Editore.

Handbook of Psi Discoveries — S. Ostrander e L. Schroeder — Ed. Putnam.'

Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro, S. Ostrander e L. Schroeder — Cultrix.

Dimensioni Sconosciute — Massimo Inardi — Sugarco Se Edizione.

Noções Elementares de Parapsicologia — M. B. Tamassia — Ed. particular.

Reencamação — Edward Wriothsesley Russel — Artenova.

A Origem da Vida — A. Oparin — Editora Escriba.

O Significado da Evolução — George Gaylord Simpson — Livraria Pioneira.

A Terra — Nosso Planeta — Scientific American — Ibrasa.

O Fenômeno Humano — Teilhard de Chardin — Editora Herder.

El Porvenir del Hombre — Teilhard de Chardin — Taurus — Madrid.

O Futuro do Espírito — Lecomte Du Nouy.

A Caminho da Luz — Emmanuel — Psic. F. C. Xavier — Feb.

Evolução em Dois Mundos — André Luiz — Psic. F. C. Xavier — Feb.

Parapsicologia Hoje e Amanhã — J. Herculano Pires — Edicel.

A Parapsicologia e os Discos Voadores — A. Moacyr Uchoa — Ed. particular.

Mergulho no Hiperespaço — A. Moacyr Uchoa — Edição particular.

20 Casos Sugestivos de Reencamação — Ian Stevenson — Difusora Cultural.

Reencamação — Gabriel Delanne — Editora Feb.

Evolução Anímica — Idem.

Jacira - Ronaldo — Monografia n.º 3 — IBPP — Hemani Guimarães Andrade.

O que é regressão de memória — Maria Lídia Gomes de Matos — Apud Planeta — Agosto 1977.

Pierino Gamba — Isidoro Duarte Santos — Estudos Psíquicos, Edit. Port.

O problema do Ser, do Destino e da Dor — Léon Denis — Feb.

Reincarnation, based on facts — Dr. Karl E. Muller — Psychic Press Ltd.

No Limiar da Sobrevivência — Hamilton Prado — Editora Saraiva.

Life after Life — Raymond A. Moody Jr. M. D. A. Bantam Book.

Di Ritomo DalTaldillá — Jean Baptiste Delacour — Armenia Editore.

Thirty Years Among The Dead — Carl A. Wickland, M. D. Spiritualist Press.

Memórias, Sonhos e Reflexões — C. J. Jung — Editora Nova Fronteira.

A Crise da Morte — Ernesto Bozzano — Feb.

Teoria Corpuscular; do Espírito — Hemani Guimarães Andrade — Ed. particular.

Novos Rumos da Experimentação Espiritica — Idem.

Resumo da Doutrina Espirita — Gustavo Geley — Lake.

Encyclopedia of Psychic Science — Nandor Fedor — University Books.

Projeção do Corpo Astral — Sylvan J. Muldoon e Hereward Car- rigton — Editora Pensamento.

Os Mortos acordam os Vivos — M. B. Tamassia — Círculo de Claus — Campinas.

Fenômenos de Transporte e Espaços Polidimensionais — Carlos Alberto Tinoco — Apud. Folha Espirita — Novembro 1977.

Katie King — Wallace Leal V. Rodrigues — Editora O Clarim.

Materialização de Espírito — Paul Gibier e Ernesto Bozzano — . Echo.

Fatos Espíritos — William Crookes — Feb.

As Mesas Girantes e o Espiritismo — Zêus Wantuil — Feb.

Provas Científicas da Sobrevivência — J. K. Friedrich Zollner e outros — Editora Edicel.

No País das Sombras — E. D'Esperance — Feb.

Materializações Luminosas — R. A. Ranieri — Echo.

Forças Libertadoras — R. A. Ranieri — Echo.

O Trabalho dos Mortos — Nogueira de Faria — Feb.

O Espiritismo à Luz dos Fatos — Carlos Imbassahy — Feb. Parapsicologia — Segredos dos Russos — Martin Ebon — Ar-tenova.

Dinâmica Espiritual da Evolução — Jorge Andréa — Editora Caminho da Libertação.

When your animal dies — Sylvia Barbanell — Spiritualist Press. Is the Kirlian aura a life force... ? Rudolph P. Guzik — Impact
— Vol. XXIV — 1974.

Espiritismo e Cristianismo — Léon Denis — Feb.

Esquina de Pedra — Wallace Leal V. Rodrigues — Editora O Clarim.

Paulo e Estevão — Emmanuel — Psic. F. C. Xavier — Feb.

Vida e Ato dos Apóstolos — Cairbar Schutel — Editora O Clarim. O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários — Padre Alta — Feb.

Primícias do Reino — Amélia Rodrigues — Psicografado por Di-valdo Franco — Sabedoria — Editora Ltda.

Em Busca da Matéria Psi — Prof. Henrique Rodrigues e M. B. Tamassia — Editora O Clarim.

Os Universos Paralelos — Jérôme Cardan — Apud. Planeta n.º 4. Luz Coagulada — Artigo de Hemani Guimarães Andrade — Apud
— “Folha Espírita em Revista” — 1977.

OBRAS BÁSICAS — Livro dos Espíritos — Livro dos Médiuns — Gênese — Céu e Inferno — Obras Póstumas, Evangelho Segundo o Espiritismo — de Allan Kardec.

Endereço do Autor:

M. B. Tamassia ou

Mário B. Tamassia — Av. José de Souza Campos, 116 Campinas -r SP — CEP 13.100